



---

**UNIVERSIDADE DE CUIABÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

**PAULA VIVIANA DANTAS QUEIRÓZ DE ASSIS**

**REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA  
NA FORMAÇÃO DE OPINIÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO  
DA ESCOLA ESTADUAL PASCOAL MOREIRA CABRAL –  
CUIABÁ/MT**

---

**CUIABÁ-MT**  
**2020**

**PAULA VIVIANA DANTAS QUEIRÓZ DE ASSIS**

**REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA  
NA FORMAÇÃO DE OPINIÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO  
DA ESCOLA ESTADUAL PASCOAL MOREIRA CABRAL –  
CUIABÁ/MT**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade de Cuiabá (Programa Associado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso/IFMT e Universidade de Cuiabá – UNIC), como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino, área de concentração: Ensino, Currículo e Saberes Docentes e da linha de Pesquisa: Ensino de Linguagens e seus Códigos, sob a orientação do Professor Dr. José Serafim Bertoloto e co-orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini.

**CUIABÁ-MT  
2020**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**



SECRETARIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM ENSINO

ATA DE DEFESA

Aos 02 dias do mês de dezembro do ano de 2020, na Universidade de Cuiabá, às 9 horas, reuniu-se a Banca Examinadora, composta por 1. Prof. Dr. José Serafim Bertoloto presidente da banca, 2. Profa. Dra. Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini 3. Profa. Dra. Lucy Ferreira Azevedo 4. Profa. Dra. Giordanna Laura da Silva Santos. A reunião tem por objetivo julgar o trabalho da aluna *Paula Viviana Queiroz Dantas* sob o título “*Redes Sociais Digitais: Um estudo sobre a influência na formação de opinião dos alunos do ensino médio da Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral*”. Os trabalhos foram abertos pela presidente da banca. A seguir foi dada a palavra a aluna para apresentação do trabalho. Cada Examinador arguiu a mestranda, com tempos iguais de arguição e resposta. Terminadas as arguições, procedeu-se do julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora de Dissertação por sua APROVAÇÃO. Houve sugestão de alteração do título da Dissertação pela Banca Examinadora? ( ) Sim (X) Não . Título sugerido

---

---

Cuiabá, 02 de dezembro de 2020.

Examinadores:

Prof. Dr. José Serafim Bertoloto

Profa. Dra. Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini

Profa. Dra. Lucy Ferreira de Azevedo

Profa. Dra. Giordanna Laura da Silva Santos

## DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa de mestrado aos meus familiares que foram responsáveis pela formação do meu caráter, sempre pautada nos preceitos da honestidade e da simplicidade, nas figuras dos meus pais **Ambrósio Geraldo Dantas e Maria Nunes Queiróz** (*in memoriam*), dos meus irmãos **Sônia Maria Queiróz, Edson Cássio Queiróz, Edna Maria Queiróz, Glória Cristina Queiróz e Jane Estela Queiróz Dantas**. Aos meus sobrinhos: **Éder Diogo Antunes Queiróz, Juliana Dantas Santana e Lília Franciane Antunes Queiróz**, meus sobrinhos-netos amados que nos proporcionam momentos singulares de alegria: **Igor, Camila, Ana Beatriz, Amanda e Arthur**. Ao meu esposo **Murá de Assis Silva Moisés** que usou de compreensão nos momentos em que estive ausente do nosso convívio diário sempre se dispondo a ajudar. Cada um, a sua maneira, colocou uma dose de incentivo e credibilidade em mim através de um sorriso, uma palavra ou, simplesmente, em silêncio manifestou apreço e consideração aos momentos em que me dediquei à construção desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

A **DEUS** por sua infinita bondade, misericórdia e amor; por ser o guia nessa minha trajetória da vida em busca da evolução espiritual e intelectual.

**Aos meus pais** (*in memoriam*), irmãos, esposo, sobrinhos e colegas de turma, pela amizade e companheirismo.

Ao **Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade de Cuiabá (Programa Associado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso/IFMT e Universidade de Cuiabá – UNIC)**, pela oportunidade de realização deste mestrado. Foi uma oportunidade ímpar!

Ao **meu orientador** Professor **Dr. José Serafim Bertoloto** pelo acompanhamento durante nosso caminhar acadêmico.

À **minha fiel co-orientadora** Professora **Dr<sup>a</sup> Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini**, profissional competente, pontual e generosa. Esteve presente durante todo percurso do mestrando nos conduzindo com assertividade primorosa, reportando-se a nós sempre com gentileza. Foi uma “bússola” nos guiando por caminhos que tornaram essa jornada mais leve e rica em aprendizagem. Gratidão pela sua generosidade intelectual.

**Aos professores**, doutores do **Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu***, por facilitar e socializar saberes e acolher, respeitosamente, nossas dificuldades no trajeto em busca do conhecimento.

**Aos meus novos amigos** que conquistei ao longo do mestrado. Grata pela parceria, trocas e amizade. Foi um período marcante e singular para nós. E também agradeço a oportunidade de reencontrar amigos da minha evolutiva.

Às minhas amigas (eternas) **Maria Antônia, Kênia Maria, Camila Lemos, Núbia Marinho, Grasiela Santos Heidmann e Adelaide Moraes** que dividem e vivem comigo sonhos, medos, segredos, conquistas, momentos de dificuldades, estudo, risadas, cinema, encontros, almoços, aniversários, chá de bebê, noivando, casamento... Enfim, vocês estiveram e estão presentes nos eventos mais importantes da minha vida. Dividir com vocês essa conquista é uma honra e uma alegria. Não poderiam ficar de fora. Gratidão!!!

## **REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE OPINIÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL PASCOAL MOREIRA CABRAL – CUIABÁ/MT**

### **RESUMO**

Este trabalho é resultado da pesquisa de mestrado cujo título é “Redes Sociais Digitais: um estudo sobre a influência na formação de opinião dos alunos de Ensino Médio na Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral, da cidade de Cuiabá-MT”. A presente investigação nasce do interesse em explorar os impactos do crescimento da tecnologia e sua abrangência nos setores da vida humana, em especial, aos jovens nascidos no cenário mundial conectado por diversas mídias. **Objetivos:** investigar a influência das redes sociais digitais na formação de opinião dos leitores do Ensino Médio e seus impactos sociais potencialmente relevantes, identificar quais redes sociais digitais utilizadas para busca de informações pelos jovens discentes do Ensino Médio, identificar os temas que mais sofrem influências na opinião dos jovens discentes do Ensino Médio e compreender como as redes sociais digitais interferem na formação de opinião dos alunos. **Material e Método:** Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza exploratória, que utilizou para coleta de dados a técnica do grupo focal e como procedimento analítico a pesquisa-ação. Para análise e interpretação dos dados foi adotada a análise de conteúdo. **Resultados:** Os resultados desta investigação apontam para a necessidade de desenvolver abordagens pedagógicas arrojadas com o objetivo de atender as carências dos estudantes do Ensino Médio em construir habilidades e competências essenciais para manter um relacionamento produtivo e crítico com o conteúdo e as mensagens advindas das mídias sociais. Cumpre destacar que a participação da escola neste processo de construção de novos saberes com base nas plataformas digitais é fundamental e indispensável. É substancial dirimir o hiato que existe dentro do espaço escolar no tocante a considerar as tecnologias digitais presentes no meio social. Por fim, esta pesquisa apresenta um cenário, ainda problemático, no que diz respeito a compreender os conteúdos e informações do universo digital. É preciso criar espaço para debates e reflexão oportunos para o desenvolvimento de leitores críticos e atualizados. **Palavras-chave:** redes sociais digitais; Ensino Médio; educação midiática.

# DIGITAL SOCIAL NETWORKS: A STUDY ON THE INFLUENCE IN OPINION TRAINING OF HIGH SCHOOL STUDENTS AT PASCOAL MOREIRA CABRAL STATE SCHOOL – CUIABÁ/MT

## ABSTRACT

This work is the result of a master's research whose title is “Digital Social Networks: a study on the influence on the opinion formation of high school students at the State School Pascoal Moreira Cabral, in the city of Cuiabá-MT”. The present investigation arises from the interest in exploring the impacts of the growth of technology and its scope in the sectors of human life, in particular young people born in the world scene connected by different media. This is a qualitative, exploratory study, which used the focus group technique for data collection and the action research as an analytical procedure. **Objectives:** to investigate the influence of digital social networks on the opinion formation of high school readers and their potentially relevant social impacts, to identify which digital social networks are used to search for information by young high school students, to identify the themes that most suffer influences on the opinion of young high school students and understand how digital social networks interfere in the formation of students' opinions. **Material and Method:** This is a qualitative, exploratory study, which used the focus group technique for data collection and the action research as an analytical procedure. For data analysis and interpretation, content analysis was adopted. **Results:** The results of this investigation point to the need to develop pedagogical approaches to meet the needs of high school students in building essential skills and competencies to maintain a productive and critical relationship with the content and messages from the media. social. It should be noted that the school's participation in this process of building new knowledge based on digital platforms is fundamental and indispensable. It is substantial to close the gap that exists within the school space regarding considering the digital technologies present in the social environment. Finally, this research presents a scenario, still problematic, about understanding what content and information in the digital universe. It is necessary to create space for timely debates and reflection for the development of critical and updated readers.

**Keywords:** digital social networks; high school; media education.

## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1 – Gerações: Geração Baby Boomers e Geração X.....	27
Figura 2 – Gerações: Geração Y e Geração Z. ....	27
Figura 3 – Visão da Era Digital. ....	40
Figura 4 – Representação Gráfica dos Descritores.....	54
Imagem 1 – Grupo Focal I (Piloto) – Dados da Pesquisa .....	47
Imagem 2 – Grupo Focal II (Piloto) – Dados da Pesquisa .....	47
Imagem 3 – Ambientação Grupo Focal III – Dados da Pesquisa .....	48
Imagem 4 – Grupo Focal III – Dados da Pesquisa.....	48
Imagem 5 – Cesta Natalina.....	50
Imagem 6 – Presentes.....	50

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – NOVAS TECNOLOGIAS, AMBIENTE DIGITAL E SOCIEDADE.....</b>	<b>16</b>
1.1 Compreensão da Internet no Contexto Socio-histórico .....	16
1.2 Constituição das Redes Sociais Digitais .....	19
1.3 Sociedade Digital Conectada .....	26
<b>CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E CULTURA DIGITAL.....</b>	<b>31</b>
2.1 Letramento no Contexto da Era Digital.....	31
2.2 Alfabetização Midiática Informacional e Base Nacional Comum Curricular .....	33
<b>CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO: MÉTODO, COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>44</b>
3.1 Metodologia .....	44
3.2 Coleta de Dados.....	45
3.3 Percepção das Reações dos Participantes .....	49
3.4 Análise e Interpretação dos Dados .....	51
3.5 Aspectos Éticos .....	52
<b>CAPÍTULO 4 – DADOS DA PESQUISA, RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>53</b>
4.1 Categorização do Estudo.....	53
4.2 Categoria I: RSD que mais utilizam e Categoria II: O que mais apreciam nas RSD.....	56
4.3 Categoria III: Uso de Meme Pode Levar a Outros Conhecimentos .....	58
4.4 Categoria IV: Interação Social .....	60
4.5 Categoria V: Conteúdos Consumidos na RSD São Prejudiciais.....	61
4.6 Categoria VI: Consumo de Conteúdos Produtivos na RSD.....	63
4.7 Categoria VII: Verificar a Veracidade das Informações Consumidas nas RSD ...	67
4.8 Categoria VIII: Critério Para Realizar Compartilhamento de Informações e Mensagens .....	69
4.9 Categoria IX: RSD e Relação Parental .....	71
4.10 Categoria X: Tempo Destinado às RSD .....	76
4.11 Categoria XI: Redes Sociais e a Relação com a Escola.....	80

4.12 Categoria XII: Confiança nas Informações das RSD - Segurança Digital .....	85
4.13 Categoria XIII: Ações da Escola Para Tratar dos Assuntos Relacionados às Mídias Sociais .....	88
4.14 Categoria XIV: Privacidade, (In)segurança, Participação nas Mídias Sociais, <i>Cyberbullying</i> e Relacionamentos.....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

Abordar a temática que envolve tecnologia e educação dentro de uma perspectiva do ensino e aprendizagem, considerando que sua evolução é ascendente e constante, foi um aspecto que sempre me instigou. Após a graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, completei uma especialização pela Escola de Saúde Pública do Estado de Mato Grosso e, durante minha experiência profissional enquanto docente, estive exercendo minhas funções na área da tecnologia na modalidade de ensino à distância, além atuar como tutora de cursos em plataformas digitais.

Entretanto, notei que a experiência com conteúdos das mídias digitais – especialmente o uso de celular – habitualmente é tida como empecilho e considerada incompatível com o universo educacional. As queixas, em geral, colocam a tecnologia e tudo que advém dela no patamar de vilania e obstrução do ensino. Essas narrativas – que eu ouvia de profissionais da educação e pessoas próximas – me chamaram a atenção.

Por essa razão, trouxe para a pesquisa questões que possam problematizar a relação dos jovens pertencentes à geração que nasce no contexto de um mundo tecnológico, buscando ouvir destes como está estabelecida a relação entre conteúdo midiático, escola e sociedade. Onde está o problema quando tratamos de conteúdos e informações com base nas mídias digitais? Os jovens estão habilitados para exercer uma leitura crítica destas informações? São capazes de se servir, adequadamente, das mídias, uma vez que têm facilidade no manejo das suas funções? Essas questões me motivaram a tornar o presente estudo oportuno e crucial.

Inegavelmente, o uso das mídias sociais, especialmente, as redes sociais digitais são utilizadas, diariamente, por pessoas do mundo inteiro para estabelecer contatos, negócios e relacionamentos. A tecnologia fez e faz um viver mais célere e mais dinâmico. Portanto, buscar maneiras de compreender suas interferências na vida em sociedade é importante também para o cenário educacional.

Por isso, esta investigação propõe-se a debater e compreender como, efetivamente, a onipresença da tecnologia pode reverberar na trajetória escolar dos jovens pertencentes a geração Z, ou seja, os nascidos na era digital. De acordo com Gabriel (2013) a revolução tecnológica nos causa encantamento diante da sua “magia”.

No entanto, após essa fase é necessário refletir sobre seus benefícios e perigos que se apresentam, diariamente.

Para esta pesquisa foi selecionada a Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral, situada na Avenida Rui Barbosa, Bairro Recanto dos Pássaros, em Cuiabá-MT, por ofertar à comunidade aulas regulares para o Ensino Médio, com aproximadamente 400 alunos matriculados, na ocasião da pesquisa. A clientela atendida compreende os bairros adjacentes: Jardim Imperial, Jardim Universitário, Santa Cruz, Tijucal, Osmar Cabral, entre outros. O motivo principal que nos levou a escolher essa escola está relacionado com a sua capacidade de atender um número importante de estudantes que estão na fase final da Educação Básica. Além disso, a localização geográfica permite atender a região do Coxipó, que é considerada uma das mais populosas da capital Cuiabá-MT.

Hodiernamente, o cenário educacional se depara com a chegada destes estudantes que já vivem em modo *on*, conforme afirmam Cortes, Martins e Souza (2018). Ou seja, vivem conectados à Internet, por meio das diversas mídias sociais, cada vez mais atraentes e ágeis. Nesses espaços virtuais, existem conteúdos, mensagens e informações em volume nunca visto antes. A “engenharia” das redes sociais digitais estabelece uma dinâmica muito célere quando se trata de difundir qualquer informação. Segundo Recuero (2009), na Internet há uma grande circulação de informação, que é difundida por meio das redes sociais de forma rápida e interativa.

Atualmente vivenciamos uma experiência singular. Num contexto pandêmico as escolas foram compelidas a usar com mais intensidades os recursos tecnológicos para cumprir a ano letivo, dadas as restrições de contato recomendadas pelos órgãos de saúde. Testemunhamos as dificuldades dos estudantes em acessar aulas e atividades em plataformas digitais, demonstrando habilidades pouco apuradas para utilizá-las. Isso nos leve a observar que o processo educativo merece um olhar diferenciado para essas questões. Entendemos que é preciso compreender como essa avalanche de conteúdo circulante nos meios virtuais impacta o processo de construção de conhecimento, principalmente na vida escolar dos estudantes do Ensino Médio. Essa é a tônica desta pesquisa.

Nosso aporte teórico se ancora na Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) (2018), documento elaborado com o objetivo fornecer um guia para os profissionais da educação dentro desse cenário tecnológico e midiático. A estrutura do documento é desenhada em conformidade com os fundamentos pedagógicos apresentados no seu bojo. Além disso, explicita “[...] as competências que devem ser

desenvolvidas ao longo de toda a Educação Básica em cada etapa da escolaridade [...] (BNCC, 2018, p. 23). Inclui, dessa forma, competências a serem desenvolvidas para área de Linguagens e suas Tecnologias, no Ensino Médio.

Apoiamo-nos igualmente nos conceitos da Alfabetização Midiática Informacional (AMI) – preconizados pela UNESCO (2013), que dispõe sobre políticas pensadas na educação midiática na era digital – bem como nos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores Soares (2002), Ochs (2019), Citelli (2014), Santaella (2003), Coscarelli e Ribeiro (2005), Freire e Guimarães (2011) e Gabriel (2013) que enriquecem o debate sobre educação para as mídias.

Na sociedade em que vivemos a tecnologia permeia as relações e, por meio dela, muitas ações foram ressignificadas, transformadas e alteradas, (des)complicando, dessa forma, o gerenciamento do cotidiano da vida humana. Assim, refletir a respeito dos processos educacionais é de fundamental importância diante do contexto atual.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a influência das redes sociais digitais na formação de opinião dos leitores do Ensino Médio e seus impactos sociais potencialmente relevantes. Os objetivos específicos são: identificar quais redes sociais digitais são utilizadas para busca de informações pelos jovens discentes do Ensino Médio da Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral; identificar os temas que mais sofrem influências na opinião dos jovens discentes do Ensino Médio; compreender como as redes sociais digitais interferem na formação de opinião dos alunos da Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral.

A discussão desta investigação está distribuída em quatro capítulos, assim estruturados:

Capítulo 1 – Novas Tecnologias, Ambiente Digital e Sociedade – apresentamos uma breve contextualização da Internet e da sua capacidade de alicerçar as diversas mídias sociais existentes bem como sua constituição e funções sociais;

Capítulo 2 – Educação Midiática e Cultura Digital – discorremos sobre as concepções de educação midiática, sua relevância no contexto social e democrático e trazemos reflexões sobre a cultura digital no século XXI.

Capítulo 3 – Percurso Metodológico: Método, Coleta, Análise e Interpretação Dos Dados - É exposto todo trajeto da pesquisa, a escolha metodológica, técnica de coleta de dados e como se procedeu a análise e tratamento dos dados coletados.

Capítulo 4 – Dados da Pesquisa, Resultados e Discussões- Dedicamos a explicar, cautelosamente, os resultados ancorados no referencial eleito para este estudo e evidenciar as discussões e questionamentos que deram origem a esta investigação.

Os principais resultados apontam para uma necessidade de mudança de mentalidade para tratar os assuntos e informações das mídias digitais, tendo em vista que para o estado de Mato Grosso a BNCC está em construção para subsidiar professores e alunos no desenvolvimento das competências para leitura produtivas dentro destes ambientes.

O debate realizado nesta pesquisa almeja enriquecer a compreensão das nuances que orbitam em torno do fenômeno que envolve a era digital, da utilização das diversas mídias sociais existentes ampliando o leque de reflexões e permitindo que sirva, doravante, como aporte teórico e/ou referencial para estudiosos que se interessam pela temática.

## **CAPÍTULO 1 - NOVAS TECNOLOGIAS, AMBIENTE DIGITAL E SOCIEDADE**

*“Criar meu web site  
Fazer minha home-page  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada  
Um barco que veleje”*

*“Pela Internet” (Gilberto Gil, 1996)*

### 1.1 Compreensão da Internet no Contexto Socio-histórico

No atual contexto em que há produção acelerada de múltiplas tecnologias, suportes, ferramentas, dispositivos eletrônicos, informações sincronizadas, entre outros, é fundamental compreender que isso se deu por meio de fatos registrados ao longo dos anos. É crucial ressaltar que a Internet é a grande responsável pela realidade vivida hoje. O surgimento dela transformou a dinâmica social em diversos aspectos: na economia, na educação e mais significativamente na comunicação, conforme apresentaremos neste capítulo.

A Era da Inovação vem ganhando espaço, se comparada à Era da Informação. Antes, o mundo estava assentado no funcionamento de máquinas. O modelo vigente baseia-se em *bits e bytes*, é fragmentado e hipertextual, afirma Gabriel (2013). Para entender a afirmação da autora apresentamos um breve panorama do nascimento da Internet e conceitos que a definem.

A história da criação e desenvolvimento da Internet, segundo Castells (2003) é uma aventura humana excepcional. É considerada uma trajetória de superação e criatividade, que descortinou um mundo novo para a humanidade. Além disso, traz a ideia de cooperação e liberdade de informações. O processo de formação da Internet surgiu na década de 1960, fomentado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com o objetivo de alcançar desenvolvimento tecnológico militar capaz de superar países mais avançados nesse campo.

Carvalho (2006) assevera que o surgimento da Internet está inserido no contexto da II Guerra Mundial – período marcado pelo desenvolvimento dos computadores eletrônicos como ferramentas de processamento de cálculos matemáticos – com objetivo de resolver problemas de balística e de decifração de códigos criptografados. O autor afirma que os anos da Guerra Fria “marcaram o avanço desse escopo,

introduzindo os computadores como ferramentas de comunicação e controle de informações” (CARVALHO, 2006, p. 27). De lá para cá, cresceu exponencialmente em todo o mundo, proporcionando celeridade nos meios de comunicação, de forma global e mais democrática.

De acordo com Castells (2003), muitas transformações aconteceram e dificuldades foram superadas até chegarmos à década de 1990, período em que a Internet cresceu rapidamente como uma grande rede de computadores, atuando de forma global. Transformando-se num meio de comunicação, internacionalmente conhecida, principalmente, após o incremento da *World Wide Web* (WWW). Castells e Cardoso (2005) asseguram que partir de então as pessoas passaram a usar a Internet para busca de informações sobre vários assuntos ou temas.

A *World Wide Web* (WWW), ou, simplesmente *Web*, representou superação de diversas dificuldades de uso, de abrangência das informações e de universalidade de acesso. Logo, transformou-se, de vez, os anos de 1990 na “década da Internet”, alcançando uma enorme popularidade em todos os espaços do planeta, assegura Carvalho (2006).

Marteleto (2010) a considera como “redes das redes”. Segundo o autor, a Internet é caracterizada por dois aspectos: 1º) seu vasto acervo de dados e de informações e 2º) sua capacidade de alcance geográfico e social, utilizada para interação, comunicação e socialização. Diante dessa afirmação, é possível visualizar a relevância da Internet quanto ao suporte e sustentação para atividades que ela permite no mundo todo.

De acordo com o Art. 5º da Lei nº 12.965/2014, a Lei do Marco Civil da Internet no Brasil:

I - Internet: o sistema constituído do conjunto de protocolos lógicos, estruturado em escala mundial para uso público e irrestrito, com a finalidade de possibilitar a comunicação de dados entre terminais por meio de diferentes redes; (LEI Nº 12.965, DE 23 DE ABRIL DE 2014).

Portanto, a “Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede” (CASTELLS, 2003, p. 7). É tida como o tecido das nossas vidas, por ser um meio de comunicação ela permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, a qualquer momento, em proporção mundial, afirma o autor.

De acordo com Gabriel (2013), diversas tecnologias possibilitaram avanços no ambiente tecno-info-social, como: a fala, escrita, telégrafo, telefone, carro, satélite, computador, impressora, fax, Internet, telefone celular, GPS, entre outros, que contribuem para a conexão atual. Ainda segundo a autora, podemos assegurar que todas foram importantes, porém, a mais significativa é a banda larga computacional, disponível para o maior número de pessoas, que por volta do ano 2000 passou a ser distribuída em larga escala.

A banda larga de Internet proporcionou uma mudança relevante: de “estar conectado” para “ser conectado”. Gabriel (2013) considera que na década de 1990 – quando era mais comum ter acesso discado – “estar” conectado significava que a pessoa, eventualmente, utilizava a Internet. Ela recorda que atualmente a banda larga de Internet concedeu o poder entre as pessoas, ampliando o cenário de criação, publicações e compartilhamento de conteúdo no mundo todo. Por isso ela compreende que:

O processo de hiperconexão proporcionado pela Internet não acontece apenas com as pessoas, mas também com os sistemas e, virtualmente, com qualquer coisa. O surgimento e a popularização de sensores (FRID, por exemplo) e dispositivos conectados (celulares, TV, câmeras, etc.) à Internet têm causado mudanças significativas na Internet e na *web*, conduzindo para “Internet das coisas” (*Web 3.0*) (GABRIEL, 2013, p. 21).

Gabriel (2013) evidencia que além da hiperconexão e explosão do conteúdo, outro ponto notável a que temos assistido na última década é a multiplicação de tecnologias e plataformas de tecnologias de informação e comunicação. Além das tecnologias consideradas analógicas (como TV, rádio, mídia impressa) existe uma vitrine digital extensa de tecnologias e plataformas como o *mobile* e as redes sociais, destacados pela pesquisadora. Dentre os mais populares, podemos mencionar: páginas digitais, site, blog, perfil, e-mail, realidades mistas, realidade virtual, tecnologia *mobile*, plataformas digitais e redes sociais, games, entretenimento, tecnologias inteligentes de voz, vídeo digital/TV digital/vídeo imersivo.

Dos destaques acima podemos ressaltar as plataforma digitais e redes sociais como: *Facebook*, *Twitter*, *Linkedin*, *Slideshare*, *Youtube*, *Google+*, *Foursquare*, *Instagram*, conforme explica a pesquisadora. A autora acrescenta que a proliferação de tecnologias e plataformas digitais, somadas às plataformas e tecnologias tradicionais, torna disponível um campo fértil e propício para uma diversidade de ações virtuais destinadas a qualquer área do conhecimento.

Sobre esse prisma, podemos considerar que a Internet é a principal responsável pela sustentação das inúmeras atividades virtuais constituídas, atualmente. Ela alicerça uma complexa estrutura que ancora movimentação de informação e comunicação entre os indivíduos. Indubitavelmente, a criação e a sobrevivência das redes sociais estão, intimamente, ligadas a ela, conforme apresentaremos nas próximas linhas.

## 1.2 Constituição das Redes Sociais Digitais

De acordo com Rocha (2005) palavra latina “*rete*” traz-nos a ideia de junção de nós, entre indivíduos ou no coletivo, que estejam interligados entre si, permitindo união e troca. Estar em rede, segundo o autor, é dar condições de novas experiências e convivência com o mundo, constituindo os grupos ou as comunidades, algo necessário para as pessoas. Corresponde à capacidade de ser sujeito ativo e responsável, de sugerir, propor mudanças, administrar complexidades e motivar o fortalecimento e, sempre que for preciso, participar da reconstrução das redes.

Marteletto (2010) afirma que a rede também pode ser compreendida, no campo das ciências sociais, como uma forma de entender a inovação da sociedade, pois leva a percebê-la a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos. São ambientes que facilitam os encontros virtuais de interação, relacionamento e colaboração na Internet, sustenta a autora.

Outro sentido que pode ser atribuído à palavra “rede” é o da seguinte definição: “é feita pelo entrelaçamento de fibras que são ligadas por nós ou entrelaçadas nos pontos de cruzamento” (DICIONÁRIO *ONLINE* DE PORTUGUÊS, 2020). Essa concepção nos conduz para um caminho que vincula o conceito genuíno de rede ao universo de múltiplas amarrações, conexões, cruzamentos, relações, ligações, entre tantas possibilidades concedidas pela rede da Internet.

Na linha dos estudos de Recuero (2009), a abordagem de rede permite usar ferramentas singulares para estudar os aspectos sociais do ciberespaço. Por exemplo, é possível estudar a criação das estruturas sociais, suas dinâmicas, como se dá a criação do capital social, a manutenção, a cooperação, a competição, entre outros aspectos. Nesse sentido, pesquisar redes sociais é estudar padrões de conexão nos espaços virtuais, principalmente desde quando sua expansão se tornou mais popular, na década de 1990.

Os estudos de Recuero (2009) conceituam que redes são metáforas estruturais, ou seja, constituídas por agrupamentos sociais a partir dessa estrutura. A autora compreende que as redes sociais digitais são sistemas que têm como finalidade publicar e publicizar as redes sociais das pessoas como, por exemplo: *Facebook*, *Instagram*, *Linkedin*, *Twitter*, entre outros. São configurados por perfis, onde há lugar específico para carregar conteúdos e estabelecer interação. Entende-se rede social como um conjunto de pessoas ou indivíduos que interagem entre si estabelecendo relação social.

Wasserman e Faust (1994) apresentam a seguinte definição sobre rede social:

Um conjunto e dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores (WASSERMAN E FAUST, 1994 *apud* RECUERO, 2009, p. 25).

De acordo com Silva (2010), as redes sociais são consideradas espaços dinâmicos que contam com a participação nas atividades de produção e circulação de informações. São organizações abertas, estão em constante mutação e possui uma característica peculiar: a capacidade de veiculação de informação. Vale destacar que as primeiras redes sociais apareceram com *o SixDegrees* na década de 1990. Naquele ambiente era possível a criação de perfil na Internet onde os dados das pessoas eram publicados. No entanto, por falta de recursos financeiros o site foi encerrado. Com a chegada do novo milênio começaram a surgir outras redes sociais.

Estar em rede é dar condições às novas experiências e convivência com o mundo, constituindo os grupos ou comunidades algo importante para os indivíduos. De acordo com Castells (2003), uma rede é um agrupamento de nós interconectados. A formação de redes é uma atividade humana ancestral, acompanha a ação humana. As redes ganharam contornos significativos na vida das pessoas em nosso tempo, transformando-se em redes de informação avigoradas pela Internet.

O referido autor pontua ainda que as redes têm recursos magníficos como ferramentas de organização que possibilitam flexibilidade e adaptabilidade, características primordiais para sobreviver e progredir num ambiente em constante mutação. Para ele, esse seria o motivo que leva as redes a se espalharem em diversos domínios da sociedade e economia.

Além disso, é um espaço que repercute conflitos e lutas de interesse. Ou seja, o espaço cibernético é considerado um lugar que possibilita infinitudes de conexões que

merecem de entendimento para que toda sociedade possa atuar de maneira mais responsável, tendo em vista que dentro dela há um importante espaço para aprendizagem. Para melhor compreensão desse assunto precisamos discernir os elementos fundamentais que configuram as redes sociais digitais, especificados por Recuero (2009).

O referido autor afirma que o elemento principal da rede social é conhecido pelos atores, considerados os nós. São as pessoas que se relacionam nesse espaço virtual. É por meio das pessoas que há o fortalecimento dos laços sociais. Outro aspecto importante destacado por ele é que o ator social é representado dentro das redes sociais por um perfil no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* entre outros, e os perfis formam os nós. Ressalta ainda que no interior do universo cibernético existe a valorização excessiva do individualismo e a visibilidade nas redes sociais é vital.

A autora afirma que as conexões em uma rede social são reconhecidas de diversas formas. Uma delas é por meio dos laços sociais, que são constituídos pela interação. A interação, por sua vez, permite perceber os rastros sociais das pessoas deixados na Internet. Diante disso, torna-se relevante compreender a interação nestes espaços, tendo em vista que ela é o reflexo do elo comunicativo entre o indivíduo e seus pares e é considerada um espelho social. Quando a interação acontece mediada pelo computador, ela pode ocorrer de forma assíncrona ou síncrona.

De acordo com Recuero (2009) a interação síncrona ocorre de forma simultânea, em ambientes *on-line*, possibilitando respostas imediatas. Já a interação assíncrona geralmente acontece em ambientes virtuais, como e-mail, chat, fórum, onde a resposta das mensagens não ocorre de forma imediata. Vale ressaltar que a interação cria os laços sociais fortalecendo as relações sociais e vice-versa, uma depende da outra para se estabelecer. Podemos afirmar que os laços se formam de uma ou mais relações específicas como proximidade, contatos, informações, entre outros.

Outros aspectos apontados pela pesquisadora estão ligados à interação, relação e laços sociais. A interação é a matéria prima das relações e dos laços estabelecidos nas redes sociais. É responsável pela reciprocidade e satisfação entre os envolvidos. Para Recuero (2009) a relação é considerada uma unidade básica da rede social, pois permite estabelecer vínculos de amizade, trocas de conteúdos, mensagens mediadas pelo computador. Além disso, permite distanciamento físico entre os envolvidos, o anonimato. Assim, torna-se mais fácil romper relações no meio cibernético por não envolver, diretamente, o “eu”.

Os laços sociais são constituídos a partir das interações e das relações que ocorrem na rede, definido como laço relacional, conforme explica a autora. Ela acrescenta ainda que laços sociais podem ser fracos ou fortes, e que um laço pode ser mensurado pela quantidade de tempo, intensidade, intimidade, confiança, trocas recíprocas. Laços fortes apresentam características de intimidade, proximidade e intencionalidade para manter a conexão entre as pessoas. Laços fracos, por sua vez, apresentam-se de forma esparsas, que não configuram proximidade e intimidade. Laços fortes são mais consistentes, mais amplos e concretos para as trocas sociais, enquanto laços fracos apresentam trocas imprecisas ou difusas. Não é fácil perceber os laços sociais, porém, é possível observá-los, sistematicamente, pelas interações, grau de intimidade entre os indivíduos, pela natureza do capital social trocado, entre outros aspectos.

Um elemento fundamental presente no ambiente virtual é o capital social. Bonamino, Alves e Franco (2010) recordam que esse conceito foi abordado pelos sociólogos Bourdieu e Coleman. Os ilustres sociólogos situaram o capital social em item particular de estudo para compreender como os seres humanos que estão inseridos na rede de relações sociais estáveis se beneficiam e geram benefícios para outros a sua volta.

Ainda segundo Bonamino, Alves e Franco (2010), a ideia de capital social defendida por Pierre Bourdieu (1980) se estrutura em três pontos: 1) os elementos constitutivos; 2) os benefícios alcançados pelas pessoas por meio da participação em grupos ou redes sociais e 3) as diferentes maneiras de reprodução desse tipo de capital. Desse modo, um dos elementos essenciais que constituem o capital social está ligado às redes de relações sociais:

[...] que permitem aos indivíduos ter acesso aos recursos dos membros do grupo ou da rede; e a quantidade e a qualidade de recursos do grupo. Em relação ao primeiro elemento, Bourdieu (1980, p. 67) define o capital social como a agregação de recursos atuais ou potenciais que tem ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento. As relações estabelecidas entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo não advêm apenas do compartilhamento de relações objetivas ou de proximidade no mesmo espaço econômico e social. Essas relações fundam-se também nas trocas materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade pelos agentes. Dito de outra forma, essas redes sociais (família, clube, escola etc.) dão ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo (BONAMINO, ALVES e FRANCO, 2010, p. 489).

É importante mencionar, que os estudos de Recuero (2009), trazem a concepção dessa abordagem de capital social no tocante as trocas de conteúdos, que é estabelecido em negociação entre os indivíduos que permitem estabelecer laços por meio de grupos e comunidades. A autora assevera que é de extrema relevância entender os valores construídos nos ambientes virtuais. Para isso, passaremos a identificar os tipos de capitais sociais estabelecidos entre os atores nas redes sociais.

Primeiro tipo de capital social é o relacional, caracterizada por conexões balizadas, mantidas e ampliadas no espaço virtual. Podemos afirmar que as conexões estabelecidas nas redes sociais não são iguais nas conexões *off-line*. Podemos ter milhares de amigos ou relações de amizade dentro do ciberespaço *on-line*, mas não fora dela. Assim, as conexões são amplificadas na rede social pela conectividade dos grupos sociais.

A visibilidade é considerada outro tipo de capital social, pois permite aos atores sociais estar mais conectados. Dessa forma, há um aumento significativo da visibilidade social dessas conexões, conforme ressalta a pesquisadora. Mais visibilidade representa mais conectividade, mais informação circulando na rede e isso fortalece os laços sociais mantidos a distância neste espaço.

Outro valor evidenciado por Recuero (2009) é o gerenciamento de grupos sociais. Um único ator pode gerenciar suas redes sociais e capitalizar os valores construídos em todas elas. Com isso, aumenta a visibilidade, quanto mais visível, mais popularidade e, conseqüentemente, mais seguidores, mais acesso às informações e, com isso, é possível obter outros valores como a reputação. A reputação é considerada pela autora como um dos valores principais construídos nas redes sociais. Ela é compreendida na percepção entre os atores “eu” e “outro”, ou seja, há afinidade, algo em comum. Sendo assim, influenciam de forma recíproca na maneira de pensar e agir.

Recuero (2009) explica que a popularidade é um valor relacionado à audiência, muita facilitada nas redes sociais na Internet, sendo, facilmente, mensurada na rede. É um valor relativo à posição de um ator dentro desse espaço, já que há mais pessoas conectadas a ele, e, portanto, tem mais capacidade de influenciar outras pessoas no ambiente virtual.

Portanto, os elementos especificados nos permitem enxergar a complexidade das manifestações dos conteúdos difundidos nas redes sociais. Isso demonstra que as conexões não são desprezíveis. Ao contrário, podem expressar interesses, vínculos,

tendências e opiniões pessoais ou de grupos, dando-lhes voz, algo pouco viável há alguns anos.

Podemos notar, com mais clareza, que a crescente tecnológica transcende a era analógica, que não permite interação em tempo real. Segundo Recuero (2009), o advento da Internet provocou intensas transformações na sociedade, como, por exemplo, a sociabilização por meio da comunicação mediada pelo computador. A pesquisadora assegura que, nas últimas décadas, um número significativo de pessoas passou a utilizar, cada vez mais vídeos, blogs e sites de redes sociais. Por meio de ações movidas pela Internet, via *Twitter*, milhares de pessoas puderam acompanhar eventos relevantes, como a campanha presidencial.

Recentemente, na eleição para presidência do Brasil, testemunhamos os intensos debates ocorridos nas redes sociais em virtude da polarização política entre os candidatos. A propagação de notícias falsas, crescimento de sites duvidosos e manipulação de informações inflamaram os espaços virtuais e demais espaços. Outro exemplo que podemos apontar é o que ocorreu no contexto de pandemia causada pelo novo Coronavírus: provocou a movimentação de entidades sociais, da população civil, de artistas e políticos que perceberam a oportunidade de utilizar o ambiente digital – principalmente as redes sociais – para veicular informações e mobilizar pessoas para ações humanitárias.

De acordo com Recuero (2009), esses exemplos ilustram a drástica mudança que está em curso no que se refere ao modo de organização, identidade, conversação e mobilização social. Ela permite que os usuários se comuniquem e expande a capacidade de interação entre eles. Além disso, admitiu a criação de redes e expressão nas redes sociais. São, portanto, redes que conectam computadores e também as pessoas.

Podemos notar que o poder de conexão gerado em suas redes tem a capacidade de impactar diretamente o comportamento das pessoas. Ou seja, as ações, as mensagens, os conteúdos precisam de um mecanismo de comunicação responsável. Pois, de outra maneira, poderá trazer consequências desagradáveis no âmbito social, que afetem inclusive os criadores.

Diante do que foi explicitado, é possível compreender que a relação estabelecida nas plataformas das mídias sociais é mediada por processos de comunicação e interação que ocorrem de maneira dinâmica, ativa e inovadora. Apresentamos essa relação sob a perspectiva teórica do interacionismo simbólico, que discorre sobre o papel da comunicação na sociedade. Bueno, Alves e Vasques (2017) afirmam que a base da

comunicação é uma interação simbólica, compreendida como um modo singular de interação entre as pessoas, estabelecida pela interpretação de ações mútuas, que vão além de uma simples reação entre seus pares. Segundo as autoras (*apud* Blumer, 1980, p. 121) “O interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais, criações elaboradas em e através das atitudes humanas determinadas em seu processo interativo”.

Haja vista a proliferação e popularização das mídias digitais – que têm espaços para diálogos instantâneos com muitas ferramentas disponíveis – as pessoas têm condições de usar o poder da interação simbólica. Para Bueno, Alves e Vasques (2017, p. 461) a interação é fruto da sociedade e é possível para consigo mesmo, com outras pessoas e com o mundo a sua volta. De acordo com as referidas pesquisadoras, esses mecanismos se apresentam assim:

[...] os indivíduos agem diante de situações e de outras pessoas de formas diferentes por conta do significado que essas coisas e pessoas têm para ele; este significado é alcançado por meio da interação e se mantém ou é alterado mediante um processo interpretativo; eu tenho um conceito de mim mesmo a partir dos outros, exerço um papel, e isso marca minha individualidade.

E concluem afirmando que na cultura digital a interação simbólica ganha contornos mais expressivos, dado o uso da tecnologia que se configura por meio do computador, *tablet*, celular e outros dispositivos eletrônicos que facilitam esse evento.

As redes sociais na Internet são espaços que permitem inúmeras atividades humanas. Essas ações são praticadas de forma dinâmica, fomentando e veiculando informações, possibilitando que haja trocas, colaboração e interatividade de forma constante e transformadora. Por meio delas é possível (re)conhecer as relações sociais que são refletidas de forma contundente no universo escolar dos estudantes.

Isto é, esta relação precisa ser compreendida da maneira mais adaptável possível, considerando que os aspectos sociais, econômicos – em especial as perspectivas educacionais – são sensivelmente afetados por ela. Eles serão abordados no capítulo subsequente.

### 1.3 Sociedade Digital Conectada

Santaella (2003) assevera que estamos testemunhando, seguramente, uma revolução da informação e comunicação sem precedentes, conhecida como a Era

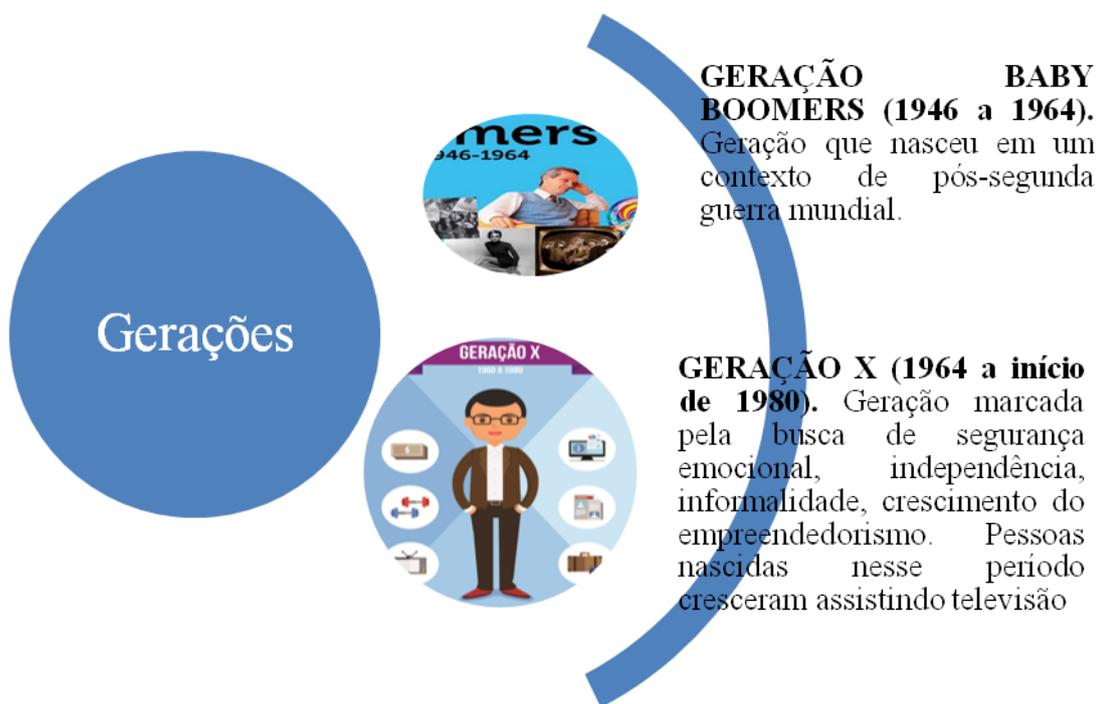
Digital. A autora afirma ainda que “[...] o aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas, com a mesma linguagem universal [...]” (SANTAELLA, 2003, p. 70). Ela conclui que, nessas circunstâncias, é possível usar o computador para transformar ou converter as informações. Essa realidade é cada vez mais comum no cotidiano das pessoas: podemos utilizar variadas mídias para realizar diversas tarefas, voltadas para inúmeras pessoas e segmentos sociais.

É neste contexto do mundo digital que nos situamos para buscar entender os impactos e interferências sofridos pelo grupo que nele nasce. Trata-se de uma geração que se encontra submersa as novas tecnologias de formar singular. De acordo com essa ótica, é relevante compreender como se concebem as diferenças entre as gerações. Gabriel (2013) elucida a transição de geração, baseando-se no conceito das ciências sociais.

Uma geração é equivalente a um grupo de pessoas dentro de uma população, que experimenta experiências relevantes em um determinado período de tempo. Para o Ocidente, as principais gerações dos últimos 50 anos, evidenciados pela autora são: Baby Boomers (1946 a 1964); Geração X (1964 a início de 1980); Geração Y (1980 e início da década de 2000); Geração Z (nascidos a partir de década de 2000).

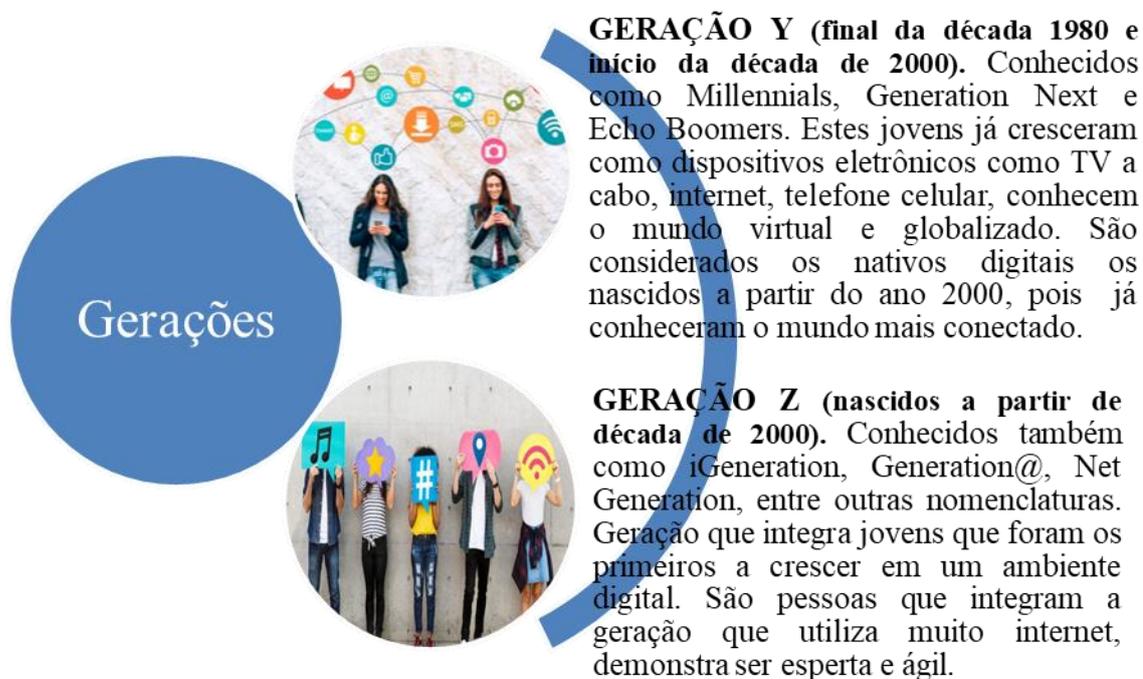
A transição de uma geração para outra compreende uma linha tênue. Os nascidos no final da década de 1980 e início do ano 2000 são pessoas que já estavam expostas a muitas tecnologias, como o computador e outros dispositivos eletrônicos. Segundo Gabriel (2013), podemos considerar que as pessoas nascidas no novo milênio não vivenciaram ou sentiram a transição da tecnologia, pois entendem que o mundo é tecnológico, digital. Por esse motivo, é compreendida como a geração de nativos digitais. As figuras 1 e 2 a seguir têm o intuito de ajudar a compreensão desse assunto:

Figura 1 – Gerações: Geração Baby Boomers e Geração X



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 2 – Gerações: Geração Y e Geração Z.



Fonte: Elaborada pela autora.

Partindo desse entendimento e considerando o crescimento das redes sociais, nota-se, segundo Silva (2015), que a realidade do dia a dia escolar vem sendo alterada, uma vez que os jovens estão inseridos no contexto de novas tecnologias. Assim, a opinião construída nas bases das redes sociais digitais merece investigação, considerando que a escola precisa acompanhar a evolução tecnológica com o objetivo de fomentar conhecimentos.

De acordo com Versuti (2016), é importante considerar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são usadas pelos jovens para obter informações sobre temas diversificados. Ou seja, estão, constantemente conectados, imersos neste universo digital que os expõe a conteúdos que possibilitam interferência em suas vidas de maneira amplificada.

Outro aspecto a considerar nessa temática diz respeito ao perfil de leitor dos jovens dessa geração. Eles possuem características que os diferenciam do perfil das pessoas pertencentes a outras gerações e que distinguem seu comportamento diante das telas. Segundo Santaella (2004), o perfil de leitor imersivo é totalmente diferente do leitor do século passado. Os nativos digitais estão nesse contexto em que utilizam hipertexto, multimídias, interatividade, redes sociais, atuando como produtores e consumidores de conteúdos e informações. A autora ressalta que os ambientes que eles frequentam estão repletos de imagens, sinais, luzes, palavras, cores, sons e textos.

As pessoas pertencentes a essa geração apresentam processos cognitivos de leitura que precisam ser observados e compreendidos, para entendermos o perfil leitor do aluno do Ensino Médio. O leitor imersivo é mais livre, fragmentado, “trata-se, na verdade, de um leitor implodido, cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos, num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter outra grande rede” (SANTAELLA, 2004, p. 33).

Dessa forma, devido à expansão da telecomunicação e da informática, as informações atravessam todo mundo, conectando uma rede gigantesca de indivíduos. Para Santaella (2004), esses dados estão disponíveis ao mais leve toque, na tela do computador, *tablet* ou celular. Esse tipo de leitor, ainda novo, tem características peculiares e merecem a observação de educadores. A autora afirma que “hoje, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pela infovias das redes, constituindo-se em novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço” (SANTAELLA, 2004, p. 18).

Diante desse cenário, de acordo com Recuero (2009), torna-se necessário estudar

não somente a existência das conexões feitas entre os indivíduos nas redes sociais digitais mediadas pelo computador, como também o conteúdo das interações, dos diálogos, postagens e mensagens. Não obstante, faz-se necessário somar a esse fato a afirmação de Passarelli, Junqueira e Angelucci (2014) sobre novas semânticas e novas literacias que são um conjunto de habilidades ou competências construídas com o uso de diferentes tecnologias. Os jovens estão nesse contexto em que utilizam hipertexto, multimídias, interatividade, redes sociais, estabelecendo assim, uma relação de produtores e consumidores de conteúdos e informações.

Por isso, é fundamental reconhecer a relevância da educação midiática, que atua na interseção entre Educação e Comunicação, focada na formação docente, no processo comunicativo das mídias, tecnologias e linguagens, como intuito de aprimorar esta relação. Isso “requer um ensino para, sobre as mídias, com as mídias e por meio das mídias, a partir de uma abordagem crítica (objeto de estudo), instrumental e expressivo-produtiva” (CORTES; MARTINS e SOUZA, 2018).

Gabriel (2013) sustenta que vivemos uma revolução, conhecida como Revolução Digital que nos direciona para a Era Digital. Segundo a autora, os impactos não têm precedentes. Assegura ainda que o que difere a revolução tecnológica do passado da atual é que esta tem causado uma mudança importante na velocidade da informação.

A celeridade tem efeitos relevantes na sociedade e na educação. E, diante desse fato, torna-se fundamental saber o que ela pode fazer para melhorar nossas vidas, tendo em vista que nenhuma tecnologia é neutra. Toda tecnologia altera, afeta a vida em sociedade de alguma maneira, assegura Gabriel (2013). Nesse sentido, ela guia nossa percepção e a forma como agimos. Portanto, a tecnologia precisa estar a serviço do crescimento das pessoas em sentido amplo.

Não podemos negar que a evolução tecnológica nos faz e fez mais conectados; que essa evolução contribuiu para nos livrar das dificuldades e fronteiras geográficas, temporais e espaciais, expandindo, diariamente, os processos comunicacionais, explica Gabriel (2013). Ela acrescenta que atualmente “ser conectado” significa estar na rede, ou seja, viver em simbiose com ela.

Nessa realidade de conectividade, qualquer coisa pode fazer parte da *web* (*World Wide Web*): pessoas, objetos, lugares. Segundo Gabriel (2013), isso mudou porque o usuário da *web* mudou de comportamento ao longo do tempo. A autora apresenta essa mudança exibindo uma comparação progressiva sobre a quantidade de dispositivos e tecnologias da informação que eram utilizadas na década de 1940, até o avanço da

Internet, no ano 2000, período que a utilização de dispositivos eletrônicos aumenta, sensivelmente. É possível perceber que, na década 1940, os dispositivos disponíveis não somavam 10. No novo milênio, nos anos 2000, os dispositivos existentes ultrapassam o número de 40 acessíveis à população.

Perante o exposto, nota-se que temos a nossa disposição um número gigantesco de dispositivos informacionais para serem utilizados durante as 24 horas do dia, ressalta Gabriel (2013). Desta forma, houve uma explosão de informações, isso aumentou a capacidade de armazenamento delas em dados digitais. Conseqüentemente, o tempo gasto com o consumo de mídia também aumentou, principalmente, entre 1999 a 2009.

Recuero (2009) afirma que as redes sociais na Internet têm a capacidade de difundir informações, alterando o fluxo dentro dela, de forma rápida e mais interativa. Esses processos de difusão de informação carecem de discussão e entendimento dentro e fora da escola. A evolução da tecnologia permite que uma avalanche de informações chegue às pessoas numa velocidade incalculável, no entanto, o excesso de informação nem sempre se transforma em conhecimento.

Podemos mencionar que estudos como de Coscarelli e Ribeiro (2005) sinalizam a relevância de atualizar os processos de ensino e aprendizagem voltados para tecnologia que avança, diariamente. Na mesma perspectiva, Freire e Guimarães (2011), igualmente, defendiam ideias similares no tocante ao uso das tecnologias existentes em nosso meio. Sobretudo nos aspectos que possam habilitar os estudantes a desenvolverem leitura crítica sobre os conteúdos consumidos nos ambientes virtuais.

É preciso salientar que a evolução humana permite a criação de tecnologia, de acordo com Gabriel (2013), estamos testemunhando essa fase de evolução da tecnologia. Atualmente, tudo está acessível. Tudo está disponível ao mais leve toque dos dedos, na palma da mão. A inovação tecnológica não oferece retrocesso, é crescente. No entanto, na mesma proporção do seu crescimento, há evidências que apontam para que a educação ocupe espaço para aprimorar nossa evolução enquanto seres humanos.

## CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO MUDIÁTICA E CULTURA DIGITAL

*“Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia” (Castells e Cardoso, 2005, p. 17).*

### 2.1 Letramento no Contexto da Era Digital

Quando abordamos assuntos relacionados ao contexto educacional, no tocante ao processo de ensino e aprendizagem, notamos a pertinência de considerar as ferramentas tecnológicas, as diversas mídias existentes e disponíveis em nosso meio social. Neste sentido, Santaella (2003, p. 7) pontua que “não se pode negar que como intelectuais e educadores, temos diante de nós um espaço a ser ocupado [...] o ciberespaço está preñado de vãos, brechas para comunicação, informação, conhecimento e educação”.

Nessa perspectiva é importante considerar o sujeito da virtualidade que se forma nas camadas dinâmicas diante do computador. Este sujeito está no espaço escolar. E, conseqüentemente, sofre os impactos deste processo cibernético, pois pertence e atua, socialmente, em diversos contextos, sendo assim, também responsável pela maneira cultural que a tecnologia se constitui. Outrossim, a tecnologia se faz de máquinas, pessoas, infraestrutura, de instituições, pondera Santaella, (2003). Portanto, é uma rede complexa de atuação.

Segundo Santaella (2003) o sujeito se constitui no processo de mutação da mídia impressa, cultura de massa para cultura digital, que acompanha sua vida ao longo da história, incessantemente. Conforme menciona nessa afirmação:

[...] defende a tese de que a sociedade informacional produz uma reconfiguração da linguagem, construindo os sujeitos culturais fora do padrão do indivíduo racional e autônomo que caracterizou a cultura impressa. Esse sujeito se transforma na era digital em um sujeito multifocado e desconcentrado, continuamente interpelado como identidade instável (POSTER, 1995; POSTER, 2003 *apud* SANTAELLA, 2003, p.125).

Diante dessas constatações, primeiramente, é preciso apresentar, neste cenário, as concepções que discorrem sobre letramento, pensadas dentro desta ótica. As abordagens que se referem às propostas que fomentam o fortalecimento do ensino e

aprendizagem com base nos diferentes discursos e conteúdos das mídias e tecnologias, em geral, ancoram-se em pressupostos vinculados a letramento e alfabetização, conforme apresentaremos neste capítulo.

Por esse motivo, vimos necessidade de apresentar as diferenças entre os conceitos de letramento e alfabetização. De acordo com (SOARES, 2002, p. 2) o letramento é definido como “as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”. Para a autora, a alfabetização refere-se “à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal” (SOARES, 2002, p. 2). A alfabetização está mais ligada ao plano do individual. O letramento, em sua conjuntura, concentra-se nos aspectos socio-históricos da aquisição da escrita.

Em linhas gerais, a alfabetização está mais voltada para o processo de aprendizagem da escrita no universo formal, alinhado ao reconhecimento dos signos e códigos de uma língua. Já o letramento converge para a prática de escrita e leitura em que o indivíduo está inserido, socialmente. Para Soares e Batista (2005) letrar é mais que alfabetizar; é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto no qual a leitura e a escrita façam sentido e permeiem a vida dos indivíduos na sociedade. Para a autora, o letramento digital, no mundo virtual, diz respeito a condição de se apropriar de novas tecnologia para exercer práticas de leitura e escrita na vida cotidiana.

Letramento é um termo contemplado por Magda Soares (1998, p. 47) como o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler ou escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita”. Para a área da cultura digital, Coscarelli e Ribeiro (2005) asseguram que o letramento digital requer da pessoa apropriação de uma tecnologia, como forma de prática de escrita, considerando o meio digital.

No cenário constituído por novas mídias, Coscarelli e Ribeiro (2005) defendem que a concepção de letramento pensada para as novas tecnologias da informação se incorporam, de várias maneiras, ao aspecto de conhecimento dos diferentes sujeitos de forma heterogênea. Desse modo, voltar a atenção para o contexto contemporâneo, tecnológico, conectado ao que se insere, é imprescindível para reconhecer a relevância em ampliar a compreensão em relação a elas.

A escrita deve ser utilizada para além de uma tecnologia. Faz-se necessário inserir os novos gêneros do discurso, considerando que a escrita não está circunscrita

nos suportes textuais tradicionais (livros, jornais e revistas) destacam as autoras. Ela se apresenta com novas roupagens, agora, nas telas de computadores e demais dispositivos eletrônicos, que servem como um espaço de escrita e leitura.

Coscarelli e Ribeiro (2005) vislumbram a constituição da sociedade atual em meio as novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, alavancadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica: o computador, a rede (a *web*) e a Internet. Navegar na Internet, por sua vez, nos permite acessar diversos textos e de gêneros diversificados; por meio de *links* é possível acessar um texto, em muitos textos. Portanto, é um momento oportuno para identificar como as práticas de leitura e de escrita digitais se consolidam na escola e como se comportam nessas práticas.

As autoras defendem a ideia de que inserir a prática de usuários da rede de Internet no contexto escolar, incentivando alunos a usá-la na elaboração de tarefas do cotidiano – como se comunicar via e-mail, ou outro recurso disponível – é uma forma de contribuir para o letramento digital, explorando toda a complexidade dos textos híbridos encontrados no universo cibernético. Essa concepção vai ao encontro da concepção de Magda Soares, quando a autora afirma que o letramento é uma prática social.

Neste ponto, para acrescentar uma reflexão sobre a importância do letramento digital, ancoramo-nos na indagação de Freire e Guimarães (2011) que discutiram a penetração da informática na escola, questionando “a serviço de quem ela está?” Esse questionamento nos permite refletir que por trás das telas há informação, há conteúdo e, certamente, há um ponto de aprendizagem, que se reflete no conhecer, no ensinar e aprender como novos recursos tecnológicos.

Freire e Guimarães (2011) consideram que no espaço escolar é preciso encontrar mecanismos para gerenciar as informações disponíveis de forma a fomentar o pensamento crítico dos alunos para que as informações possam se tornar conhecimento que balizem sua atuação como cidadão.

## 2.2 Alfabetização Midiática Informacional e Base Nacional Comum Curricular

Cortes, Martins e Souza (2018) afirmam que a escola não é palco exclusivo do saber, visto que existe uma multiplicidade de saberes que transitam por inúmeros canais fora do ambiente educacional. No entanto, a escola funciona como catalisadora e cabe a ela calibrar toda forma de saber que ocorre, socialmente, com o intuito de formar

cidadãos com senso crítico mais apurado ao ter contato com os conteúdos que têm em mãos, diante das telas. Vale notar que essa tarefa é um grande desafio para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, pois é essencial que sejam fomentadas em tempo políticas que contemplem esses aspectos.

Em se tratando de políticas voltadas para educação midiática, destacamos a importância de políticas e estratégias de alfabetização midiática e informacional (AMI) – preconizadas pela UNESCO (2013) com um olhar para a era digital. Nesse documento há, claramente, a preocupação de desenvolver competências para engajar todas as pessoas no uso de mídias e provedores de informações, inclusive as oriundas da Internet. As políticas e as estratégias apresentadas na AMI fomentam a criação de uma sociedade democrática, fundamentada em conhecimentos plurais e abertos. Foram criadas com objetivo de “garantir a continuidade da governança moderna e da cidadania global no mundo digital” (UNESCO, 2013, p. 4).

O referido documento afirma ainda que a ausência de políticas e estratégias que tratem desse assunto poderá aumentar a disparidade entre os que têm e os que não têm acesso à informação e as mídias e entre as pessoas que exercem ou não a liberdade de expressão. Além disso, provavelmente surgirão outras disparidades entre os que são e os que não são capazes de analisar e avaliar de forma crítica as informações e o conteúdo midiático especialmente no que se refere à forma de aplicá-lo para a tomada de decisão.

Outro aspecto apontado pela AMI-UNESCO (2013) diz respeito à segurança, integridade e privacidade, pois estão relacionadas principalmente à necessidade de proteger os cidadãos e os interesses culturais locais/globais que podem ameaçar a liberdade de expressão e a valorização da diversidade cultural.

A AMI-UNESCO (2013) está baseada em conceitos que se alinham com a obtenção de competências ligadas a alfabetização vigentes, que possam ser identificadas na era digital, como por exemplo: alfabetização no acesso a notícias, alfabetização televisiva, alfabetização cinematográfica, alfabetização computacional, alfabetização no uso da Internet e alfabetização digital.

A alfabetização informacional está ancorada em elementos compreendidos como um conceito composto, que abrange os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que permitem aos cidadãos:

[...] compreender o papel e as funções das mídias e de outros provedores de informação nas sociedades democráticas; compreender as condições nas quais essas funções possam ser realizadas; reconhecer e articular a necessidade informacional; localizar e acessar informações relevantes; avaliar com senso crítico, em termos de autoridade, credibilidade e finalidade

atual, a informação e o conteúdo das mídias e de outros provedores de informação, incluindo aqueles na Internet; extrair e organizar a informação e o conteúdo midiático; sintetizar ou trabalhar com as ideias abstraídas do conteúdo; comunicar para um grupo de pessoas ou leitores, com ética e responsabilidade (AMI-UNESCO, 2013, p. 8).

Nesse contexto, a UNESCO (2013) nos chama atenção para abordagem do empoderamento dos cidadãos, pois aponta para a “onipresença” da informação, da mídia, da Internet e de outros provedores de informação, que requerem dos indivíduos aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos que facilitem a interação crítica e eficaz dos conteúdos oriundas de todas as formas de mídia.

Em consonância com essa perspectiva, Passarelli, Junqueira e Angelucci (2014) ressaltam questões que problematizem a relação das pessoas com as tecnologias, pois entendem a importância de estabelecer estratégias que contribuam com o processo contínuo de evolução no uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). Para os autores, as literacias são capazes de favorecer a capacidade de leitura e compreensão dos meios de comunicação e informação que exigem dos indivíduos habilidade para interagir e selecionar os conteúdos das mídias digitais.

Segundo a UNESCO (2003), a AMI articula a ideia do direito à educação que pressupõe garantir a diversidade das necessidades dos educandos, em especial, àqueles pertencentes às minorias. Essa visão fortalece o equilíbrio das diferentes camadas sociais, tendo em vista que muitos estão à margem desse direito.

Embora o letramento tenha como meta dar autonomia e habilidade para atuar de forma participativa e crítica diante das telas repletas de informações, há um vazio, uma “sombra do ciberespaço”, segundo Santaella (2003). Isso se dá no aspecto econômico do país, uma vez que não há universalidade no acesso no mundo digital. Para autora, esse fato se torna um desafio a ser superado desde a formação dos currículos escolares e universitários, para que possam promover a inclusão de uma parte da sociedade que estão à margem do direito de acesso ao universo digital.

Neste ponto alcançamos um nível de discussão muito significativo para o nosso estudo. Passaremos a explicar que as carências educacionais sobre o enfrentamento da circulação de conteúdo na Internet, em especial, nas redes sociais digitais, que são, constantemente, utilizadas por jovens da geração Y e Z são, igualmente, refletidas nas diretrizes pedagógicas desenvolvidas pela BNCC (2018).

Sob esse prisma, torna-se crucial apresentar os pressupostos e as diretrizes que norteiam as escolas, os professores e os alunos sobre o uso das TDIC (Tecnologias

Digitais de Informação e Comunicação) no âmbito do ensino e aprendizagem no Brasil. A BNCC oferece caminhos que permitem que os alunos alcancem, ao longo da sua trajetória estudantil, senso crítico sobre informações e conteúdos disponíveis via computador de forma ética, democrática e cidadã.

A BNCC constitui um documento elaborado por diversos estudiosos com o intuito de ofertar para a sociedade um instrumento capaz de apresentar rotas pedagógicas para tornar a escola mais adequada e coerente como o mundo contemporâneo e digital. Neste capítulo abordaremos suas diretrizes, em especial daquelas que discorrem sobre o uso da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem.

Optamos por fazê-lo partindo do marco legal que embasa a BNCC. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental de todos, cuja responsabilidade do provimento é compartilhada entre Estado, família e sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A BNCC é um documento plural e contemporâneo, resultado de um trabalho coletivo inspirado nas mais avançadas experiências do mundo. A partir dela, as instituições de ensino públicas e particulares passarão a ter uma referência nacional comum e obrigatória para a construção dos seus currículos e propostas pedagógicas, viabilizando a elevação da qualidade do ensino com igualdade e preservando a autonomia dos estados e as particularidades regionais e locais.

Foi homologada pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, pág. 146. Atualmente é um instrumento essencial para escolas e profissionais da educação que ansiavam por um guia para as ações pedagógicas contemporâneas. Ou seja, a BNCC “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BNCC, 2018, p. 7). Além disso, objetiva assegurar os direitos de aprendizagem dos estudantes, bem como o seu desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

As diretrizes para o Ensino Médio estão organizadas em quatro áreas do conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), conforme estabelecido no artigo 35-A da LDB. Organiza-se em continuidade ao

proposto para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, centrada no desenvolvimento de competências e orientada pelo princípio da educação integral.

Nessa fase da educação básica, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está voltado na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias.

A Área de Linguagens e suas Tecnologias, no Ensino Médio, segundo a BNCC (2018) tem o objetivo a consolidar e a ampliar as habilidades e as competências já construídas nas demais etapas, com modos mais avançados e sofisticados de uso e análise das diversas linguagens como: visuais – imagens estáticas (pintura, escultura, fotografia e digitalização/manipulação de imagem) e as imagens em movimento (cinema, TV, vídeos digitais, espetáculos e encenações) – corporais e gestuais: notada nos esportes e práticas corporais variadas, na dança, performance e encenação teatral; sonora: presentes na música, sonoplastias e edições de áudio e verbal: uso das línguas, sejam as línguas estrangeiras, a língua nacional com suas variedades.

É possível observar que o entendimento sobre novos letramentos trazido pela BNCC reforça a ideia de estabelecer mudança de mentalidade, considerando a multiplicidade de tecnologias existentes, hoje, à disposição dos jovens:

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorada no Ensino Fundamental. Fenômenos como a pós-verdade e o efeito bolha, em função do impacto que produzem na fidedignidade do conteúdo disponibilizado nas redes, nas interações sociais e no trato com a diversidade, também são ressaltados (BNCC, 2018, p. 490).

A **Competência 7** tem sua importância, visto que tem como meta trazer a escola para o século XXI, pois trata das práticas de linguagens em mídias digitais. Embora as práticas da era do impresso continuem relevantes para os alunos e merecem espaço dentro da escola, hoje o uso de mídias digitais domina a comunicação e está, sensivelmente, presente na circulação/produção de informações e de novos conteúdos. Assim, propostas de trabalho que permitam aos estudantes acessarem saberes do universo digital precisam ser priorizadas, já que – direta ou indiretamente – impactam

seu dia a dia nos vários campos de atuação. Esse é o objetivo traçado na **Competência 7** da BNCC, que dispõe o seguinte:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018, p. 489).

Nota-se que o terreno de discussão sobre letramento digital, alfabetização para as mídias tem robustez e congruência, percebe-se que nas linhas abordadas se convergem para pontos em comum como: a defesa de direito à informação e a educação e defesa contundente para desenvolvimento e implementação de políticas voltadas para atender um mundo novo com diversas tecnologias e múltiplas linguagens.

O avanço crescente da tecnologia expandiu o processo de comunicação a partir do contexto pós-industrial, que fez emergir aquela que ficou conhecida como sociedade da informação. Cortes, Martins e Souza (2018) ressaltam que, em decorrência desses eventos, notou-se no cenário educacional do século XX que a informação deixou de ser veiculada exclusivamente por meio de livros, jornais, revistas e pelo professor em sala de aula.

Atualmente, bilhões de usuários acessam a Internet diariamente, assegura Carvalho (2006). A chegada do século XXI trouxe várias implicações, sobretudo, com a disponibilidade de mais ferramentas tecnológicas, dispositivos móveis, entre outros. No entanto, é relevante recordar que os meios de comunicação – em décadas que precederam a “década da Internet” – estavam presentes no cotidiano das pessoas, estabelecendo o elo que propiciava a circulação de informação, cultura e entretenimento. Entendemos que observar, brevemente, essa transição histórica facilita a compreensão de como mídia e educação estreitam laços que ressoam no ambiente escolar.

Nas décadas de 1950 e 1960, a oralidade era predominante. Naquele cenário o rádio era um meio de comunicação extremamente funcional e alcançava várias esferas sociais, por ter como principal ferramenta a voz, a fala. De acordo com Citelli (2014), no cenário brasileiro do século XX, o rádio ocupava destacado lugar de importância cultural, veiculando informações de alcance educacional.

As pessoas viviam, em sua maioria, na zona rural e a taxa de analfabetismo atingia 80% da população. Diante dessa conjuntura, fica evidente que o rádio se

popularizou, pois muitas pessoas tinham baixo letramento. A TV aparece na década de 1950, segundo Citelli (2014). Por um longo período o veículo radiofônico tinha função política e pedagógica. Havia preocupação com processos educacionais e conteúdos que circulavam nos meios de comunicação. Isso foi acelerado com a diversificação dos meios de comunicação. Com a chegada da Internet aumentaram, consideravelmente, as possibilidades e desafios para a educação formal, assevera Citelli (2014).

Diante dessa realidade, a ideia de que as mídias têm o dever constitucional de promover a educação foi fortalecida. Citelli (2014) recorda que, à época, educadores defendiam a ideia de que professores precisavam interagir com diversos textos do discurso comunicacional, conforme afirma o autor. Assim, nas décadas de 1950 a 1970 a educação e as mídias foram consideradas fundamentais para a difusão da informação e da cultura. Isso seria implementado com o estímulo à leitura crítica feita com base nos diversos textos oriundos dos meios de comunicação. Para se alcançar esse feito houve necessidade de planejamento das ações que aproximassem do ambiente escolar a linguagem da comunicação, ressalta o referido autor.

O advento da Internet proporcionou uma grande transformação no cenário de criação, publicação e distribuição de informações ao redor do mundo. Esse fato modificou, expressivamente, o campo da educação. A partir desse ponto, o domínio da informação ou conteúdo deixou de ser “monopólio” dos professores e tornou-se acessível para alunos, em qualquer hora e tempo, independentemente da idade, sustenta Gabriel (2013). A pesquisadora apresenta um esquema de acesso à informação na era pré-digital e na era digital, que nos permite compreender essa ideia.

Figura 3 - Visão da Era Digital



Fonte: Gabriel (2013, p.16) com adaptações feitas pela autora.

Segundo Cortes, Martins e Souza (2018), a vida diária é regida pela informação, mesmo com acesso fragmentado e desigual. Esse modo *on* de viver estabelece uma estreita relação de interações entre o indivíduo e a informação, e na construção de conhecimento. Nessa perspectiva, os autores compreendem que:

[...] a Educação midiática volta-se para reflexões de ensino e análise sobre, para e com os meios de comunicação e compõe arcabouço teórico que toma as ações comunicativas em diversos âmbitos na tentativa de considerar esse processo tão fundamental na vida do indivíduo e estimular práticas democráticas em que a cidadania seja exercida (CORTES; MARTINS e SOUZA, 2018, p. 3).

Diante dessa afirmação é imprescindível trazer respostas para alguns questionamentos: o que é educação midiática? Qual a sua importância? Qual o papel dela? Considerando que, historicamente, ela permeia a vida humana configurada de particularidades de acordo com cada época ou tempo. A educação midiática parte da ideia de que todas as formas de mídias foram criadas para atender um objetivo, ou seja, ela tem razão de existir. E compreendê-la é primordial, segundo Ochs (2019).

A autora pondera que “saber ler” a Internet é uma habilidade cada vez mais necessária ao jovem cidadão digital, e parte central da educação midiática (OCHS,

2019, p. 3). Ou seja, educação midiática volta-se para o desenvolvimento de habilidades que permitem que cada indivíduo possa, adequadamente, compreender o conteúdo veiculado em diversas mídias de forma a identificar, criticamente, as nuances na leitura e interpretação destes.

A expressão Educação para as mídias ou Mídia-educação surgiu em 1960 em espaços e instituições internacionais, em especial na UNESCO, que visava à compreensão da capacidade das mídias de longo alcance de impactar o meio da educação. Outra preocupação seria com a influência das mídias em assuntos que podem levar a manipulação de várias ordens, segundo Cortes, Martins e Souza (2018).

Em 1973, a UNESCO exibiu um primeiro conceito que apresentou a dupla dimensão da Mídia-educação, enfatizando os meios como objeto de estudo e de leitura crítica. O objetivo era o de promover ação interventora para alertar as pessoas e, possivelmente, dirimir os efeitos das mídias, servindo como suporte pedagógico e instrumento de ensino.

Em 1982 a Declaração de Grünwald aprovou o termo “mídia-educação”, resultado da reunião na Alemanha Ocidental. Esse fato tem grande relevância internacional, porque foi outro passo marcante para a formação na ação educativa. O documento traz em seu bojo a importância das mídias, destacando o compromisso do sistema educativo de trazer estratégias para o entendimento dos fenômenos relacionados à elas. Desse modo, contribuiu para o aumento da convicção de que a “Educação midiática faz parte da formação para a cidadania e que é indispensável para a constituição de uma sociedade plural” (CORTES; MARTINS e SOUZA, 2018, p. 5)

O conceito de Educomunicação se fortaleceu e tornou mais recorrente nos textos produzidos pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE a partir de 1999, em consequência de uma pesquisa realizada por esse núcleo com 176 especialistas, de 12 países da América Latina e Espanha, entre os anos de 1997 e 1999. A referida pesquisa evidenciou que era preciso que a educação para comunicação que ocorre em nosso continente fosse mais voltada para área de comunicação do que para assuntos midiáticos, afirma Santos (2019).

Ochs (2019 p. 16) assevera que o letramento digital e a educação midiática são importantes, pois “abrem a possibilidade de participação ativa na sociedade, seja através da construção coletiva de conhecimento, ou do engajamento em causas cívicas”. Para a autora, a capacidade de fluência nos meios digitais se fortalece na criação e na participação, ampliando a aprendizagem. Significa dizer que na sociedade digital o

indivíduo precisa ter habilidade para consumo crítico de informações para que possa ler e produzir textos diversificados e interativos da mídia atual. Justamente por isso, compreendeu-se que praticar a produção de textos nas diversas linguagens digitais tais como: sites, blogs, vídeos entre outros tornará os jovens mais habilitados para entender e selecionar melhor as mídias existentes, algo imprescindível no contexto atual.

Citelli (2014) assegura que os conteúdos das mídias fazem uma interface com a escola há certo tempo, e portanto, não seria sensato afirmar que as informações que transitam em toda sociedade não fazem parte da vida das pessoas influenciando, potencialmente, seu modo de agir e pensar. Dessa forma, o autor reforça o argumento de que os meios de comunicação funcionam como escolas paralelas, o que torna substancial que os processos de ensino e aprendizagem não se furtem a elas.

Assim, o papel da educação midiática fica mais evidente, pois a mídia faz o intercâmbio no trânsito das informações em nossa sociedade: educação, trabalho, participação cidadã e relacionamentos são áreas da vida humana que são impactadas pela mídia, sustenta Ochs (2019). Então, torna-se fundamental o engajamento das pessoas, para que aprendam a mensurar com criticidade a utilidade dos conteúdos e possam conhecer como funciona o mecanismo regulado pela mídia. Para que possa enfim, ser um cidadão capaz de exercer seu papel social.

Segundo Ochs (2019, p. 5), as possibilidades do ambiente virtual serão usufruídas pelos jovens que estão passíveis de letramento. Caso contrário, ficam suscetíveis às manipulações e/ou mercantilizações das mídias e redes digitais, sem compreensão crítica do seu uso. Diante dessa constatação, na escola repercute a expressão das tecnologias e suas mídias no processo de ensino.

Passarelli, Junqueira e Angelucci (2014) afirmam que as contribuições das literacias digitais constituem ferramentas oportunas, pois são compreendidas como processo contínuo e permanente de evolução que auxiliam na capacidade de interagir e utilizar as tecnologias de informação e comunicação. Os autores defendem que as literacias digitais possibilitam aos estudantes ampliar a capacidade de leitura e compreensão dos meios de transmissão de informação, capacitando-os para selecionar e interagir com os conteúdos produzidos e consumidos nas telas multimídias.

Nota-se que as preocupações e observações sempre refletem a imprescindível participação da escola nas ações que ancoram os estudantes para seu crescimento, considerando sua complexidade e diversidade. Desse modo – para efeito de construção da análise dos dados – filiamo-nos aos pressupostos consolidados por Magda Soares

(2002) e nas diretrizes apresentadas pela BNCC. No entanto, por entender que os pressupostos ancorados pela AMI – UNESCO (2013) têm relevância por ter em seu bojo rotas ampliadas que envolvem educação, comunicação e política, serão oportunamente referenciadas em momentos pontuais da análise.

### **CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO: MÉTODO, COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

*“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Paulo Freire).*

#### **3.1 Metodologia**

Este é um estudo qualitativo, considerando que, segundo Minayo, Hartz e Buss (2000), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à instrumentalização de variáveis.

No que diz respeito à natureza, esta dissertação caracteriza-se por um estudo exploratório que, segundo Gil (2009), tem o intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, com a intenção de torná-la mais clara ou construir uma hipótese. É possível afirmar, de acordo com o autor, que esse tipo de estudo tem como objetivo principal o aprimoramento das ideias.

Como procedimento elegemos a pesquisa-ação, com o objetivo de apontar estratégias para o desenvolvimento de competências que possibilitem aos alunos e docentes da escola eleita a utilizarem mecanismos para leitura crítica e reflexiva dos conteúdos acessados nas redes sociais digitais. Conforme afirma Gil (2009) pesquisa-ação é um tipo de pesquisa concebida e realizada com objetivo de dar resolução a um problema coletivo em que pesquisadores e participantes envolvidos na situação possam solucionar de maneira cooperativa e participativa.

Para Thiollent (1947, p. 71) na pesquisa-ação “[...] uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação. Isso pode ser pensado no contexto das pesquisas em educação, comunicação, organização ou outras.” O autor depreende que, pesquisas nesses campos, acompanham as ações de educar, comunicar e organizar. Acreditamos que apresentam particular relevância para a área da educação.

Ainda conforme o referido autor, para que os objetivos sejam alcançados, a pesquisa-ação precisa ser feita por meio de ação planejada que corresponda ao objeto de análise para avaliação. O que caracteriza esse procedimento é uma ação na qual os principais participantes são membros da situação ou organização. Para isso, foi elaborado um plano de ação que consiste em 05 fases deste estudo:

1. Escolha dos atores/participantes;
2. Local da intervenção;
3. Objetivos das ações;
4. Ação de intervenção; e
5. Avaliação.

### 3.2 Coleta de Dados

Para coleta de dados adotamos a técnica do grupo focal, pois permite que as mensagens e informações sejam capturadas de maneira mais profunda e, conseqüentemente, ampliando a janela de diálogo entre os participantes. Bauer e Gaskell (2012) caracterizam o grupo focal como uma entrevista realizada por meio de debate aberto e acessível a todos, no qual os assuntos discutidos são de interesse comum.

Para Gatti (2005) a técnica do grupo focal, no campo das pesquisas qualitativas, é muito utilizada. Em linhas gerais, ela pode ser considerada similar às diferentes formas de trabalhos em grupos, geralmente, utilizadas em estudos na área da pesquisa social. Essa técnica valoriza a seleção dos participantes seguindo alguns critérios de acordo como o problema do estudo. É necessário que tenham características em comum, que permitam a discussão de questão que será o centro do trabalho e servirá como fonte de coleta de dados, explica a autora.

A pesquisa com grupos focais tem como objetivo – considerando as trocas conduzidas em grupo – capturar “conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionário” (GATTI, 2005, p. 9).

Nessa técnica, o debate tem como finalidade uma troca de ponto de vista, ideias e experiências sobre um determinado tema. O grupo focal, para Backes *et al.* (2011) representa uma fonte que intensifica o acesso aos conteúdos sobre um assunto ou tema, pois possibilita gerar novas ideias e proporciona que a análise seja realizada com mais profundidade. Por fim, Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a coleta de dados é uma busca por informações com objetivo de esclarecer os fatos ou fenômeno analisados pelo pesquisador com confiabilidade e precisão.

Para esta pesquisa foi selecionada a Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral, situada na Avenida Rui Barbosa, Bairro Recanto dos Pássaros, em Cuiabá-MT. Ela foi

escolhida por ofertar à comunidade aulas regulares para o Ensino Médio, foco desse estudo. A referida escola tinha em 2019, aproximadamente, 400 alunos matriculados no Ensino Médio. A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro a dezembro de 2019. Para seleção dos discentes, a princípio, foi adotada uma abordagem presencial: convidamos os líderes de cada turma do Ensino Médio, para apresentar a proposta de roda de conversa sobre redes sociais digitais, ou seja, apresentar o grupo focal.

Após essa fase foi feita inscrição dos (as) interessados (as). Em termos quantitativos, tivemos 45 alunos inscritos para participar do estudo, o que correspondendo a 10% do universo de estudantes, aproximadamente. Assim, a participação foi satisfatória para a pesquisa. Adotamos os seguintes critérios para a seleção:

Inclusão – ser aluno (a), regularmente, matriculado no Ensino Médio na Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral; de ambos os sexos; estudantes com deficiência física motora.

Exclusão – discentes desistentes do Ensino Médio e/ou que efetuaram o trancamento de matrícula na Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral de ambos os sexos; estudantes com deficiência auditiva/surdez, visual e/ou intelectual e estudantes que estejam impedidos por penalidade expressa pela escola eleita de participar desta pesquisa.

Os grupos foram formados obedecendo aos critérios preconizados para realizar o grupo focal, que recomenda que cada grupo tenha, no mínimo, 06 e, no máximo, 12 participantes, aproximadamente, conforme pondera Gatti (2005). Mesclamos os alunos do primeiro, segundo e terceiro ano em grupos distintos. Os grupos I e II foram realizados e tiveram efeito de piloto, pois a partir deles aperfeiçoamos a técnica e realizamos alguns ajustes necessários. Efetivamente, o grupo III, com 10 participantes, atendeu às expectativas e necessidades da coleta. Foi por isso selecionado para análise e interpretação do estudo.

Disponibilizamos o ambiente com cadeiras, de acordo com o número de alunos, em forma de “U” que se assemelha a uma roda; dessa maneira, os participantes ficaram frente a frente para realização da conversa, conforme recomenda Gatti (2005). Além disso, o local de realização do grupo focal III foi preparado com balões que faziam alusão à temática escolhida, conforme imagens 1, 2, 3 e 4. Para todos os grupos focais foi oferecido lanche aos participantes, custeado pela pesquisadora.

Imagem 1 - Grupo Focal I (Piloto) – Dados da Pesquisa



Fonte: acervo da autora.

Imagem 2 - Grupo Focal II (Piloto) – Dados da Pesquisa



Fonte: acervo da autora.

Imagem 3 - Ambientação Grupo Focal III – Dados da Pesquisa



Fonte: acervo da autora.

Imagem 4 - Grupo Focal III – Dados da Pesquisa



Fonte: acervo da autora.

Com o objetivo de manter a rotina e assiduidade dos discentes às aulas regulares, evitando eventuais prejuízos no aprendizado, os encontros do grupo focal foram agendados no contraturno das aulas, na Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral, em ambiente reservado. Cada encontro durou, em média, uma hora, contando com participação dos pesquisadores, cinegrafista, colaboradores para relatoria e observação, além dos discentes selecionados.

**Quadro 1 - Perfil dos Participantes**

<b>Ord</b>	<b>Nome - Fictício</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º</b>	<b>Repetente</b>
01	NAT	M	15	X			Não
02	IZA	F	16		X		Não
03	TAY	F	16	X	X		Não
04	AL1	M	15	X			Não
05	JVC	M	17			X	Não
06	PBL	M	17			X	Não
07	NAY	F	15	X			Não
08	ZAN	F	16		X		Não
09	JOY	F	17			X	Não
10	WLS	M	16		X		Não

Fonte: elaborado pela autora.

A coleta foi filmada com o objetivo de registrar com melhor qualidade o conteúdo da entrevista em grupo. Além disso, contamos com o roteiro de perguntas para condução da atividade, a fim alcançar os objetivos pretendidos da pesquisa, conforme Apêndice I.

### 3.3 Percepção das Reações dos Participantes

No primeiro grupo, considerado piloto, contamos com 06 participantes, a moderadora e um cinegrafista. A maioria dos estudantes mostrou-se bastante incomodada com a ambientação, apresentou timidez, pois ficou pouco à vontade diante da gravação. As respostas eram curtas, monossilábicas. Apenas um participante mostrou-se confortável apresentando respostas mais amplas, no entanto, os demais mostraram concordância com as respostas desse estudante. Houve pouco debate nesse grupo.

No segundo grupo, também piloto, compareceram 14 alunos. Nesse grupo 60 % dos participantes mostrou-se mais confortável para responder e conversar sobre o tema. A moderadora foi a autora desse estudo. Dentre os participantes, três se pronunciavam com mais ênfase, mostrando liderança para responder. Alguns alunos falaram pouco, mesmo diante de uma solicitação da mediadora para apresentar sua opinião. Acredita-se

que isso aconteceu devido à participação mais expressiva dos alunos mencionados e por não se sentirem à vontade diante do processo de gravação.

Foi possível refletir sobre questões que dificultaram o êxito da entrevista como, por exemplo, escolher um ambiente mais silencioso para realização da atividade e realizar ajustes técnicos de quesitos que haviam comprometido a qualidade do registro. Os dois primeiros grupos aconteceram na sala de jogos, que foi reservada exclusivamente para essa finalidade.

No terceiro grupo contamos com a participação de 10 alunos. A moderadora foi a autora desta pesquisa, uma colaboradora para relatoria e observação e um cinegrafista. Os alunos auxiliaram no preparo da sala de gravação, que aconteceu na biblioteca da escola, que foi destinada especialmente àquele evento naquela data. Notamos que a participação dos alunos foi satisfatória, pois estavam mais confortáveis para responder aos questionamentos, houve mais envolvimento da maioria dos estudantes. Dois participantes apresentaram timidez para se expressar e deram respostas rápidas. Os demais dialogaram intensamente sobre os pontos abordados.

Na medida em que o tempo passava, mostraram mais interação e pouca preocupação com o cinegrafista que fazia a gravação. Esse evento durou uma hora e vinte e dois minutos. No intuito de prestigiar a participação dos alunos, preparamos um lanche e fizemos um sorteio de uma cesta com produtos natalinos. Cada aluno recebeu um singelo presente como forma de agradecimento pela participação no estudo, conforme imagens 5 e 6. Os alunos demonstraram satisfação com palavras e gestos cordiais.

Imagem 5 – Cesta Natalina



Imagem 6 – Presentes



Fonte: acervo da autora.

### 3.4 Análise e Interpretação dos Dados

Conforme orientam Bauer e Gaskell (2012) a análise deverá ocorrer de maneira a procurar sentidos e compreensão dos dados coletados. Deve-se procurar por temas com conteúdo comum e pelas funções desses temas, evidenciando as perspectivas centrais e periféricas, primeiramente destacando aquelas que estão dentro de um contexto social. O pesquisador precisará dedicar-se à essência do *corpus*, o que inclui realizar leituras e releituras, em busca de identificação da concordância, no contexto das palavras, formas ou representações gráficas dos assuntos, até chegar à análise temática.

Os dados qualitativos foram interpretados pela análise de conteúdo, proposta por Bardin (2009). Segundo a autora, análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: às comunicações.

A autora assevera que, dentre as técnicas da análise de conteúdo podemos realizar diversas análises dos significados. A análise temática é uma possibilidade, mas é possível empreender também uma análise dos significantes, como a análise léxica ou a análise dos procedimentos, assevera a autora. Por outro lado, o tratamento descritivo é considerado o primeiro passo do procedimento, no entanto, não é exclusivo da análise de conteúdo. Ela recorda que há outras disciplinas que se dedicam a estudar a linguagem e a informação, que também são vistas como descritivas: a linguística, a semântica e a documentação.

A análise do material foi feita de acordo com as fases da análise de conteúdo, preconizadas pela autora: a pré-análise, a exploração de material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A análise temática foi adotada como técnica de análise neste estudo. Segundo Minayo (2004) a análise temática, como o próprio nome indica, evidencia o conceito central, que é o tema. Ele comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentado por meio de uma palavra, uma frase, um resumo. Ou seja, o tema é um conjunto de significado que emerge, naturalmente, a partir da análise de um texto, conforme explica Bardin (2009).

Conforme proposto por Bardin (2009) e Minayo (2004), também foram analisados os resultados encontrados. A partir de então, foram estabelecidas certas categorias, ancorando a análise, de modo a abordar e agrupar os achados dentro das

diferentes respostas, quando foi possível construir as categorias mais relevantes para a pesquisa. Construímos uma matriz com objetivo de destacar os temas com seus respectivos títulos, separando as respostas dos participantes. Assim, foi possível estruturar os dados posteriormente, aglutinando as respostas de forma acessível.

Para Bauer e Gaskell (2012) a análise não é algo mecânico, pois depende de intuições criativas. Nesse sentido, a interpretação se processa, por meio de retomadas do material bruto, das transcrições e gravações feitas. Dessa maneira, asseguram que a interpretação seja enraizada nas entrevistas, para que a análise seja feita para justificar as conclusões. Como suporte técnico, utilizamos *software* da *Microsoft Office*.

Ademais, para a apresentação dos resultados, aspira-se à construção de relatório detalhado, evidenciando os objetivos alcançados da pesquisa, com exposição clara da influência das redes sociais digitais na vida dos estudantes, com vistas a qualificar a ressonância desse fenômeno na vida escolar dos jovens leitores.

### 3.5 Aspectos Éticos

Após exposição do projeto de pesquisa, os discentes que manifestaram disponibilidade para participar do grupo focal, apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais ou responsáveis. Além disso, assinaram também o Termo de Assentimento (ambos os documentos foram exigidos para os menores de 18 anos). Os maiores de 18 anos apresentaram o TCLE assinado. Ademais, todos os participantes assinaram o termo de autorização de imagem e som. Ressaltamos que, para garantir a privacidade e sigilo da identidade dos participantes deste estudo, foram usados nomes fictícios para exposição da análise dos dados.

Salientamos que esta pesquisa propôs contato com seres humanos e por isso o projeto deste estudo foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, por meio da Plataforma Brasil. Foi aprovado no dia 01/08/2019, sob o número do parecer: 3.480.618, conforme preconiza a Resolução nº 466/2012/CNS/MS. Sendo assim, todo processo supramencionado foi executado após sua aprovação.

## CAPÍTULO 4 – DADOS DA PESQUISA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“O importante na ciência não é obter novos dados, mas descobrir novas maneiras de pensar sobre eles” William Lawrence Bragg (1890-1971)*

### 4.1 Categorização do Estudo

Conforme proposto por Bardin (2009) e Minayo (2004), a análise dos dados e dos resultados encontrados foram organizados a partir de categorias, de modo a abordar e agrupar os achados que destacam os principais pontos de discussão que orbitam em torno da temática educação, tecnologia e comunicação.

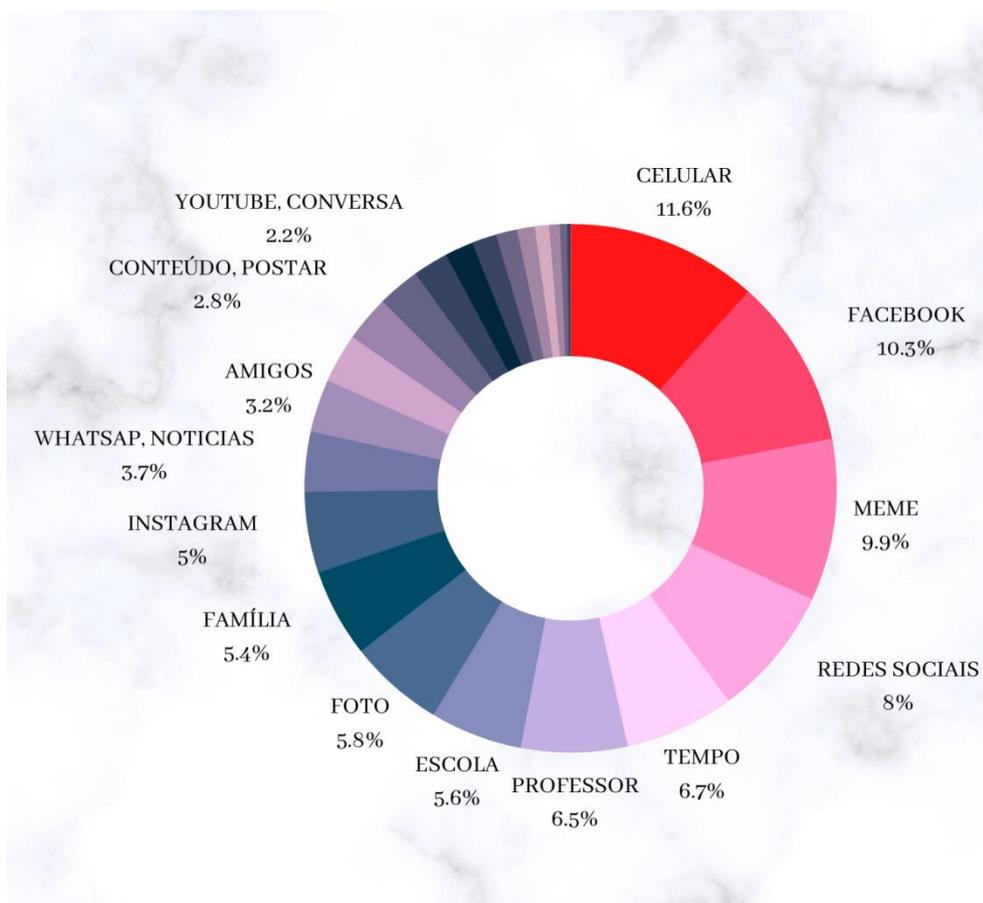
A seleção dos descritores foi feita com o objetivo de levantar os principais vocábulos cujos conteúdos são pertinentes aos objetivos desta investigação. Dentre esses, selecionamos conteúdos e mensagens relacionados à educação midiática, letramento digital e influência das mídias sociais no público juvenil, conforme apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 2 – Seleção dos Descritores

Ordem	Vocábulo	Recorrência
01	Celular	54
02	Facebook	48
03	Meme	46
04	Redes Sociais	37
05	Tempo	31
06	Professor	30
07	Escola	26
08	Foto	27
09	Família	25
10	Instagram	23
11	WhatsApp, Notícia	17
12	Amigos	15
13	Crítica	14
14	Conteúdo, Postar	13
15	Informação, Aula	12
16	Youtube, Conversa	10
17	Mídia, Internet, Pesquisar, Áudio	08
18	Fake News, Política, Mensagens	07
19	Computador, Pedagógico, Prejudicar	06
20	Ler, Estudar, Jogos	05
21	Acesso, Fonte, Página, Compartilhar, Perfil, Sites	04
22	Publicação, Stalkear, Imagem, Expor/Exposição, Hacker, E-mail, Amizade	03
23	Interação, Vídeo Aula, Conhecimento, Entretenimento, Filtrar, Segurança, Virtual, Risco, Namoro, Lugares	02
24	Twitter, Gameplay, TV, Leitura, Privacidade, Mídias Sociais, Educação, Desinformação, Youtuber, Relacionamento	01

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 4 - Representação Gráfica dos Descritores



Fonte: elaborado pela autora.

Após a leitura flutuante dos dados transcritos e seleção das mensagens e conteúdos, emergiram 14 categorias que são utilizados para efetiva análise e interpretação:

**Categoria I:** Redes Sociais Digitais (RSD) que mais utilizam: análise se fundamenta nas principais redes sociais utilizadas pelos estudantes, bem como os motivos que levam a utilizá-la.

**Categoria II:** O que mais apreciam nas RSD: a discussão direciona-se para as preferências dos estudantes ao utilizarem as redes sociais digitais, os assuntos mais acessados, tais como meme, entre outros apontados.

**Categoria III:** O uso de meme pode levar a outros conhecimentos: Nesta categoria a análise se ancora na possibilidade de estabelecer uma ferramenta de aprendizagem por meio de meme com abertura para debate sobre temáticas de relevância social como preconceito, política e racismo.

**Categoria IV:** Interação Social: analisa como as ferramentas disponíveis e

utilizadas nas redes sociais estabelecem relação de conhecimento cognitivo e vínculos de diversos níveis.

**Categoria V:** Conteúdos consumidos na RSD são prejudiciais: nesta categoria a discussão parte do levantamento dos pontos considerados pelos estudantes como prejudiciais, considerando o consumo de informações acessadas.

**Categoria VI:** Consumo de conteúdo produtivo nas RSD: parte das evidências consideradas pelos participantes como relevantes e/ou produtivas que apontam para um benefício significativo na vida social de cada um.

**Categoria VII:** Verificar veracidade das informações consumidas nas RSD: analisa como os estudantes se relacionam com as informações consideradas verdadeiras ou falsas e aborda os mecanismos de reconhecimento dos conteúdos acessados nas vias virtuais.

**Categoria VIII:** Critério para fazer compartilhamento de informações e mensagens: a discussão se baseia na verificação dos estímulos e avaliação das informações que levam para ações de compartilhamento e divulgação nas redes sociais digitais.

**Categoria IX:** RSD e Relação Parental: a análise procura por evidências nos depoimentos dos estudantes com relação aos aspectos que possam apontar a influência ou interferência dos familiares diante do consumo das informações nas mídias sociais.

**Categoria X:** Tempo destinado as RSD: a discussão parte da percepção e avaliação dos estudantes sobre o tempo gasto em navegação nos espaços digitais, bem como os impactos que isso causa nas relações sociais.

**Categoria XI:** Redes sociais e a relação com a escola: analisa os depoimentos dos participantes no tocante as abordagens realizadas ou não em sala de aula em relação a temática, que orbitam em torno das mídias sociais, bem como dos conteúdos e mensagens discutidas no ambiente escolar. Também analisa a relação: redes sociais x alunos x aprendizagem.

**Categoria XII:** Confiança nas informações das RSD - segurança digital: discute a percepção dos estudantes sobre a credibilidade e confiança em relação a sua participação nas redes sociais.

**Categoria XIII:** Ações da escola para tratar dos assuntos relacionados às mídias sociais: aborda como são compreendidas pelos participantes as ações direcionadas pela escola sobre os temas voltados para tecnologia, mídias sociais e informação.

**Categoria XIV:** Privacidade, (in) segurança, participação nas mídias sociais, *cyberbullying*, relacionamentos: a discussão aborda a percepção dos participantes em relação ao (re) conhecimento das vias consideradas nocivas, formas de proteção e compreensão das informações que podem gerar danos, ofensas e/ou preconceitos.

#### 4.2 Categoria I: RSD que mais utilizam e Categoria II: O que mais apreciam nas RSD

Ao serem questionados sobre quais RSD mais utilizam e quais os assuntos de maior interesse dentro dessas redes, obtivemos as seguintes respostas: Dos 10 participantes: 09 declararam usar *Instagram*, 08 *WhatsApp*, 07 *Facebook*, 02 utilizam *Youtube*, e 01 aluno declarou usar o *Twitter*. Todas as RSD mencionadas são usadas, simultaneamente, ou seja, os jovens acessam, diariamente, no mínimo, 03 RSD.

O uso frenético das redes expõe os jovens a um volume abundante de informações. O exercício da leitura merece atenção, tendo em vista que eles têm acesso a diversos tipos de texto, que podem levar a uma interpretação equivocada, propiciando a propagação de notícias falsas. Embora os alunos tenham apontado que usam as redes sociais, basicamente, para entretenimento e interação social, não estão livres de receber conteúdos duvidosos, que podem também direcionar para sites nocivos, que por sua vez podem gerar problemas de impacto psicológico, financeiro, moral, entre outros.

Ademais, é importante refletir sobre como utilizar as RSD para além do senso comum dos usuários, considerando que no ciberespaço a produção de conteúdo e compartilhamento de informações merecem melhor compreensão por parte dos jovens, pois muitas vezes não fazem uma leitura minuciosa do que circula nesses ambientes. Os assuntos que mais se destacam como preferidos dos jovens são: memes, visitar perfil das pessoas (*stalkear*), que para eles significa ver a vida dos perfis nas redes. Outros jovens declararam gostar de músicas, jogos, interação social, conforme apresentamos a seguir:

[...] “estou no terceiro ano agora e as redes sociais que eu mais uso, são *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. O que mais gosto nas RSD: *Meme*” (JVC, 3º ano, 17 anos).

[...] “tô no primeiro ano. As redes sociais que eu mais uso são *WhatsApp* e *Instagram*. O que mais gosto nas RSD: *Meme*” (ALI, 1º ano, 15 anos).

[...] “tô cursando o terceiro ano, tenho 17 anos e as redes sociais que eu mais uso são: WhatsApp, Facebook e Instagram. Bom, eu gosto de ver a vida dos outros, ‘stalkeio’ bastante e gosto de ver meme também, só isso” (JOY, 3º ano, 17 anos).

[...] “sou do segundo ano. As redes sociais que eu mais uso são: Youtube, WhatsApp e Instagram. O que mais gosto nas RSD: De tudo, tá! Meme, gameplay, jogos, né?! Esportes, hobbies...” (WLS, 2º ano, 16 anos).

Podemos concluir que os jovens são expostos a uma quantidade significativa de RSD que dispõem em suas plataformas uma infinidade de conteúdos e informações de várias áreas da vida humana. Gabriel (2013) ressalta que a partir do ano 2.000 é possível notar o grande crescimento de dispositivos eletrônicos disponíveis para as pessoas. Algo que autora denomina “fenômeno da info-obesidade: a quantidade de informação com que as pessoas lidam e incorporam em suas vidas cotidianas [...]” (GABRIEL, 2013, p. 26).

Coscarelli e Ribeiro (2005) afirmam que é necessário compreender a tecnologia, reconhecendo que ela é parte integrante dessa história e que interfere na constituição do sujeito. Podemos notar que a construção humana das pessoas pertencentes a geração Z – particularmente voltada à pesquisa – está intimamente ligada à tecnologia e a tudo o que ela pode oferecer. Nesse sentido, há evidências de que os impactos são relevantes e merecem profunda observação.

Demonstrativo – Categorias: I: Redes Sociais Digitais – RSD que mais utilizam e Categoria II: O que mais apreciam nas RSD

Ordem	Redes Sociais mais usadas	Recorrência	O que mais apreciam nas RSD
01	Instagram 	09	Visitar o perfil das pessoas; Ver memes; Entretenimento: música, jogos, Interação social     
02	WhatsApp 	08	
03	Facebook 	07	
04	Youtube 	02	
05	Twitter 	01	

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.3 Categoria III: Uso de meme pode levar a outros conhecimentos

Os participantes apresentaram como percebem que o meme pode trazer conteúdo implícito sobre diferentes assuntos relacionados a temas diversos. Podem até mesmo influenciar suas vidas. O meme foi destacado pelos estudantes como assunto preferido ao navegarem pelas redes sociais. Segundo Recuero (2007) foi Richard Dawkins quem apresentou o conceito de meme em 1976, em sua obra “O Gene Egoísta”. Dawkins faz uma comparação entre evolução cultural e a evolução genética: o meme seria o “gene” da cultura que se manifesta e se eterniza através da republicação ou reprodução feita pelas pessoas. Recuero (2006, p. 3) afirma que:

O estudo dos memes está diretamente relacionado com o estudo da difusão da informação e de que tipo de idéia sobrevive e é passado de pessoa a pessoa e de que tipo de idéia desaparece no ostracismo. Trata-se de uma forma básica de aprendizado social, através da imitação (BLACKMORE, 1999 *apud* RECUERO, 2006, p. 3).

As RSD têm o poder de atrair as pessoas de uma forma muito prazerosa e agradável. É compreensível que jovens fiquem muito tempo *on-line* devido à grande satisfação que elas oferecem, principalmente, quando a linguagem utilizada corresponde à linguagem usada por eles. Os memes carregam um teor humorístico capaz de entreter muitas pessoas. No entanto, esses estudantes precisam entender que nas entrelinhas dessas narrativas pode haver mensagens tóxicas, que reafirmam preconceitos e discriminação, discursos de ódio e inverdades.

Desse modo, o espaço virtual torna-se propício para atender interesses de setores que se beneficiam e ganham com esse tipo de informação. Diante dessa realidade, torna-se fundamental que a escola habilite os alunos para (re)conhecer o mecanismo de funcionamento das redes e que permita a eles compreender e interpretar os hipertextos para além da superfície, de forma crítica. Vejamos o depoimento a seguir:

*“Às vezes, também o conteúdo é de estudo, de escolas que, daí acaba sendo engraçado; e no geral você não sabe. Por exemplo, ano passado logo no período da consciência negra surgiu um meme do Ku Klux Klan e aí muita gente não sabia o que que era o “KKK”. Aí, a partir do meme você pesquisa, você estuda pra você estar informado e saber” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

Tendo na multimídia seu suporte e na hipermídia sua linguagem, o leitor virtual tem como instrumento de leitura a tela do *tablet*, celular ou computador, conforme afirma Santaella (2004). A leitura de meme requer desse estudante – nascido na era

digital – competência para ler nas entrelinhas, para entender o cerne das mensagens e as intenções que estão por trás da narrativa divertida, engraçada. Pois, muitas vezes, carregam o reforço de afirmativas que corroboram para manutenção de discursos racistas, preconceituosos e discriminatórios, que implicam em violência de diferentes níveis.

A abordagem sobre os conteúdos veiculados por meio dos memes dentro da escola requer ações pedagógicas arrojadas, condizentes com o novo perfil de leitor. Santaella (2004 p. 33) assegura que se trata de “um leitor implodido, cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos [...]”

Para Ochs (2019) é necessário aprender a pensar criticamente, pois quando um aluno consegue avaliar a mídia, ele alcança aptidão para compreender se as mensagens fazem sentido, os motivos que levam a exclusão ou inclusão de certas informações e consegue selecionar as principais ideias apresentadas nesse texto. Isso auxilia na construção e formação de opiniões sobre os temas importantes na sociedade.

A BNCC (2018) dispõe de competências a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica que compreende até o Ensino Médio. Propõe o exercício da empatia e do diálogo para resolver de conflitos, alinhando-se à cooperação. Tem como objetivo a promoção do respeito mútuo e aos direitos humanos, pautada na valorização da diversidade de pessoas e de grupos sociais – que se constituem com saberes, identidades e culturas – e no fortalecimento de ações desprovidas de preconceitos de qualquer natureza.

No depoimento abaixo, notamos que a interferência das mensagens propagadas na RSD por meio de meme corresponde ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, previsto na BNCC (2018).

*“Melhora o nosso dia, porque, às vezes, a gente está passando por algo difícil quando a gente vê um meme ou alguma coisa engraçada realmente a gente melhora” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

#### 4.4 Categoria IV: Interação Social

Segundo Recuero (2009), uma das ferramentas principais das RSD é a possibilidade de fazer conexões múltiplas, estabelecendo comunicação com um número significativo de pessoas. O capital social relacional proporciona que os indivíduos possam construir elos mantidos de forma ampliada no ambiente virtual, afirma a autora. A interação é uma forma de fazer uma espécie de intercâmbio, sem se deslocar

fisicamente. Podemos notar que esse fato reflete a realidade dos jovens do Ensino Médio, conforme depoimento destacado:

*“Se você não conhece meme, você não se enturma. Interação social, isso” (WLS, 2ºano, 16 anos).*

É possível depreender que o conteúdo midiático estabelece influência importante no tocante ao processo de interação social entre os jovens, uma vez que por meio deles acontece a atualização de informação.

*“Como eu mexo bastante no Insta, eu vejo muitas páginas de diversas áreas. Então, lá tem artigo científico, tem lendas, mitos, teorias da conspiração, melhor parte que é, tem... Sempre quando eu vejo alguma coisa assim sobre artigos, mitos assim eu sempre vou pesquisar pra saber o que... o que me chama atenção mesmo é o boato pra saber como que era, como que funciona. Agora, esses tempos atrás eu estava pesquisando bastante sobre política, daí no meio da política eu estava vendo algumas coisas do direito, que eu não entendia. Eu fui pesquisar sobre direito, leis, aí vai acumulando uma carga de conhecimento de assuntos diversos. Então, eu acho que isso ajuda bastante” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

No depoimento do estudante acima, podemos perceber a abrangência que a conexão estabelecida nas RSD é capaz de fazer. Ela direciona o jovem para a busca de assuntos de relevância social, como a política. Essa interação extrapola o nível pessoal; ela abrange conhecimento de temas e assuntos que, quando somados contribuem para a construção do ser social.

Bueno, Alves e Vasques (2017) afirmam que a interação simbólica é algo que faz parte de um processo de interação social notada e modificada por meio da interpretação das ações, a partir do sentido ou significado dado a elas. Nesse sentido, o estudante da era digital participa ativamente do espaço cibernético. Segundo Ochs (2019 p.17) “É a partir do entendimento da força e do alcance da comunicação nos meios digitais que o jovem pode ressignificar as redes sociais em que já está inserido [...]”. Esse argumento se confirma na fala “(...) *ofensa contra uma mulher jovem que era considerada a mais bela do Facebook. Foram feitos memes para debochar da aparência dela. Por conta disso, ela adoeceu*” (JOY, 3º ano, 17 anos).

O impacto da interação tóxica também foi evidenciado. As RSD têm a capacidade de tornar ofensas mais amplificadas, atingindo severamente os usuários.

Essa visibilidade faz parte do capital social, que é construído com base em valores que são estabelecidos por laços na virtualidade, assevera Recuero (2009).

As pessoas estão expostas a informações volumosas, diariamente. Essa conexão constante faz com que uma infinidade de produtos e serviços dispute a atenção delas, a fim de capturá-las para o consumo de informação, produtos ou serviços, conforme depoimentos abaixo:

*“Você está vendo vídeo no Youtube e toda hora vem notificação, meu Deus do céu...” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Acesso bastante. Só pra uso, mais é... entretenimento e pedagógico também, da escola, pra ver videoaula, essas coisas” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

Para Ochs (2019) é importante a intervenção da escola na construção do sujeito da era digital. A autora defende que alguns temas de educação midiática podem ser trazidos para a escola. É oportuno praticar a leitura crítica de diversos formatos de texto, em diversas disciplinas da área de linguagens, em contextos diferenciados; até a pesquisa científica pode estar presente. Essa é uma boa forma de fazer com que alunos encontrem a possibilidade de relacionar-se com o conhecimento por meio dos textos construídos de narrativas digitais, explica a autora.

#### 4.5 Categoria V: Conteúdos consumidos nas RSD são prejudiciais

Um dos grandes problemas da era digital é a quantidade de informações que chega às pessoas num curto espaço de tempo e com elas chegam também notícias falsas que circulam, constantemente, em nosso meio. Informações com conteúdo duvidoso pulverizado na Internet fazem com que, hoje, testemunhemos uma crise da desinformação, afirma Ochs (2019).

Para a pesquisadora, é necessário combater a desinformação, encorajando os alunos a fazer curadoria dos conteúdos midiáticos. Além disso, é crucial apresentar aos jovens conhecimentos sobre segurança digital, acompanhados de letramento que os capacite para fluência digital, para que sejam capazes de usar as ferramentas digitais para aprender, ler, escrever e participar na Internet, conclui Ochs (2019).

Notamos que a engenharia das mídias sociais nos oferece as recompensas que causam a sensação de bem estar quando recebemos *likes* ou curtidas, aplausos e comentários agradáveis. No entanto, é uma tarefa complexa reconhecer os perigos,

conteúdos tóxicos que chegam por meio das imagens, vídeos, áudios, geralmente, formatados para nos manter por mais tempo diante da tela. O espaço virtual tem mecanismos fascinantes para nos manter *on-line* por muitas horas do nosso dia. Sua estrutura nos mantém imantados à rede da Internet, à qual estamos sempre conectados.

Isso pode levar a agravos a nível psicológico, criando “muletas” digitais para melhorar o humor. Pode levar à tristeza, a comparações nocivas, a busca para alcançar o padrão de beleza dos influenciadores famosos, dentre outras consequências. A desinformação é outro entrave nas RSD, pois a celeridade com que se propagam os conteúdos e informações permite com que, muitas vezes, não sejam verificadas a veracidade e a fonte de certas notícias e isso traz prejuízos para uns e benefícios para determinados grupos.

Para refletir sobre esse assunto com os estudantes, questionamos sobre os conteúdos considerados prejudiciais das RSD. A maioria dos alunos afirmou “sim”, que compreendem que, de alguma maneira, podem afetar sua vida em algum aspecto, conforme se pode observar nos depoimentos a seguir:

*“Com certeza” (voz da maioria dos participantes).*

*“Dá pra você perceber e falar: ‘Poxa, isso aqui não é legal’. Porque tem algumas notícias que são... fake news e outras coisas... Tipo, o Facebook é muito usado também pra denegrir a imagem de muitas pessoas” (NAY, 1ºano, 15 anos).*

*“É que tem muitas coisas. Um exemplo é quando vamos chamar de ‘petista safado’... Quando o neto do Lula morreu, tem muita gente que zoou, tem gente que falou: ‘Poxa, ele tá preso, mereceu’. A criança não tinha nada a ver com o fato que ocorreu com ele. Acho que é outro membro da família e aconteceu uma fatalidade com a criança e começaram a zoar, e eu acho isso muito errado” (NAY, 1ºano, 15 anos).*

É interessante destacar que as informações se propagam não somente nos canais de notícias oficiais. Elas chegam nas RSD de forma distorcida, muitas vezes, intencionalmente, para alcançar determinados fins. Os jovens conseguem perceber que algo pode estar errado. No entanto, não demonstram aptidão para fazerem uma leitura das nuances que cercam as narrativas neste contexto.

Segundo a BNCC (2018) é imprescindível que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos dos mais diferentes gêneros no campo jornalístico em diferentes fontes, incluindo as mídias, permitindo que

desenvolvam autonomia e pensamento crítico e que se tornem capazes a opinar em relação aos interesses diversos.

*“Eu vi um vídeo (inaudível) era um vídeo de dança... Era uma música, o clipe de uma música que tinham pessoas dançando e tinha uma dançarina meio fora do padrão. Ela era mais gordinha e ele ficou falando ‘Nossa, olha a gorda’, foi pesado” (JOY, 3ºano, 17 anos).*

Outro ponto fundamental a salientar está no caráter empático que pode ser desenvolvido pelos estudantes, tendo em vista que as habilidades socioemocionais preconizadas pela BNCC (2018) precisam ser trazidas para discussão. Como podemos observar no depoimento acima, os hipertextos acessados pelos jovens carregam informações que reforçam certa mentalidade discriminatória e preconceituosa, que merece espaço para reflexão e práticas que a combatam.

Gabriel (2013) considera que a construção de sistemas educacionais que se pautem em conteúdos oriundos das mídias precisam desenvolver um sistema aberto, capaz de abrir um leque de leituras e que dê espaço para os múltiplos discursos. A autora assevera que [...] “quanto mais tecnologia temos em nossas vidas, mais humanos precisamos ser” (GABRIEL, 2013, p. 119).

De acordo com BNCC (2018) é fundamental mensurar a interferência das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito que resultam em ações sociais, para fazer uso crítico dessa mídia na produção e compreensão das narrativas em ciberespaço.

#### 4.6 Categoria VI: Consumo de Conteúdos Produtivos na RSD

Questionamos sobre como o consumo das informações com base nas RSD são percebidos pelos jovens. Muitos apresentaram entusiasmo ao abordar assuntos, temas e personalidades apreciados nas mídias sociais, em especial pelo *Youtube*.

Diante dos depoimentos, podemos depreender que o potencial e a força das mensagens e dos conteúdos que essas mídias disponibilizam para estudantes são impressionantes e demonstram que vida em modo *on* tem dimensão significativa na sua vivência escolar. Além disso, há evidências do impacto delas na formação de identidade e da empatia, abrindo campo para o letramento e alfabetização digital. Também é possível notar a influência que exercem sobre esses jovens, sobretudo nos aspectos que impulsionam ao engajamento em causas e pautas de relevância social.

Vale destacar que a escola pode articular ações educativas em parceria com a biblioteca para fomentar formas de referenciar dados consultados nas plataformas de mídias para pesquisas, estudos, publicações e compartilhamentos. Os alunos declaram que fazem uso das RSD para auxiliá-los nas tarefas e atividades escolares. Desse modo, isso precisa ser levado à reflexão com objetivo de educá-los para utilizarem as ferramentas digitais de forma produtiva e responsável. Vamos aos depoimentos:

*“No Instagram há diversos assuntos desconhecidos, como direito e política, que me levam a pesquisar sobre o assunto. Ajuda na construção do conhecimento” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“O uso das RSD é muito importantes para fazer curso, atividades da escola para pesquisa” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Entender como funcionam as redes sociais, com os vídeos do Youtube” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Redes sociais têm coisas boas e ruins, sempre tem. Mas, por exemplo o Youtube, eu não consigo viver sem o Youtube... Não tem como viver sem. Só que eu não me interesso pelas coisas ruins que estão acontecendo no mundo... Vejo muito de vídeo divertido, engraçado. Gosto muito de estar alegre e quanto estou triste ou rebaixado, assisto vídeo engraçado e já estou feliz de novo” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

Cortes, Martins e Souza (2018) consideram a necessidade da escola assumir seu propósito social se servindo, também de leitura atenta e crítica das mídias. Os autores ressaltam que

A recuperação do papel da escola está relacionada à capacidade que tiver de converter-se num espaço privilegiado para garantir às novas gerações os conhecimentos e as habilidades indispensáveis, para que se comuniquem com autonomia e autenticidade (CORTES, MARTINS e SOUZA, 2018, p. 16).

De acordo com essa perspectiva não é razoável ignorar a tecnologia nesse cenário em que os estudantes de Ensino Médio recorrem sistematicamente aos recursos tecnológicos para auxiliá-los nas tarefas escolares e em muitas outras atividades. A BNCC propõe difundir e valorizar a produção e leitura de textos com base nas plataformas digitais. Para que isso se efetive,

É necessário não somente possibilitar aos estudantes explorar interfaces técnicas (como a das linguagens de programação ou de uso de ferramentas e apps variados de edição de áudio, vídeo, imagens, de realidade aumentada, de criação de games, gifs, memes, infográficos etc.), mas também interfaces

éticas que lhes permitam tanto triar e curar informações como produzir o novo com base no existente (BNCC, 2018, p. 489).

Nesse contexto, é imprescindível letrar os estudantes para que seja garantido a eles um pleno desenvolvimento para assumir a participação nas mídias digitais com ética e cidadania. De acordo com a BNCC (2018, p. 490), as práticas do mundo contemporâneo de linguagem se expressam com mais intensidade no Ensino Médio, considerando que

[...]a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor)[...]

Esse pressuposto confirma-se na presente pesquisa, pois é apresentado pelos estudantes o regime de colaboração existente entre eles e as mídias digitais em busca do conhecimento. Cumpre destacar que nesses ambientes a dinâmica de informações é rica e sedutora. Podemos notar que os jovens atuam nas redes para buscar “ajuda” pedagógica para complementar os conteúdos de diversas disciplinas. Isso nos mostra que as linguagens e suas tecnologias atuam de forma transversal, transitando em várias áreas do conhecimento.

*“Os vídeos do Youtube que são usados: como passar de ano; videoaula” (JVC, 3ºano, 17 anos).*

*“Canal como: Só Física” (NAY, 1º ano, 15anos).*

*“Canal Descomplica” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

*“Canal Professor Joelson” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Canal Professor Ferreto, de Matemática” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

Para Ochs (2019) o letramento digital e a educação midiática possibilitam a participação ativa na sociedade, por meio da construção coletiva de conhecimento, ou através do engajamento em causas cívicas. A autora acredita que é viável criar para aprender e participar, pois isso faz com que os jovens ampliem a fluência no ambiente virtual. Vejamos os depoimentos abaixo:

*“Eu vejo mais a vida dos famosos mesmo, quem eu sigo mesmo, tipo o Felipe Neto, esse povo assim, porque é o pessoal do Youtube. Pode parar de zoar, que o Felipe Neto é maravilhoso” (risos) (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Teve até uma ação bonita dele lá, que ele distribuiu livros na...”  
(JOY, 3ºano, 17 anos).*

*“Na Bienal do livro. O prefeito lá de São Paulo, não sei qual é o nome daquele cara, eu sei que ele pegou e queria mandar retirar todos os livros que continham algum conteúdo LGBT e o Felipe Neto quando ficou sabendo disso, foi lá e comprou todos os livros da Bienal. Todos! E distribuiu de graça na Bienal pra quem quisesse. Ele ia recolher os livros, o prefeito, porque ele é homofóbico”(ZAN, 2ºano, 16 anos).*

*“O que eu mais gosto deles é que eles pegam curiosidades gerais de qualquer tipo que você quer saber tipo medicina, história” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“Coisas práticas, como fazer arroz, receitas em geral” (TAY, 1º ano, 15 anos).*

O conteúdo das mídias sociais é um assunto debatido pelas organizações como a UNESCO e outros seguimentos da sociedade há alguns anos. O posicionamento da escola em relação ao conteúdo midiático é um aspecto refletido por Ochs (2019). Ela defende que o uso das ferramentas tecnológicas – e conseqüentemente, o conteúdo e informação acessados por meio delas – merece um novo olhar, uma nova abordagem, despida de concepções que colocam a tecnologia e tudo que advém dela num patamar de vilania e algo da educação.

Conforme afirmam Freire e Guimarães (2011) criticar a tecnologia não resolve os problemas do uso que fazemos dela. A crítica mais efetiva precisa ser feita para a escassez de políticas que permitam tonificar ações baseadas na educação para as mídias. Ou seja, as rotas para a escola desenvolver habilidades para fluência digital dos estudantes precisam estar alinhadas com políticas intencionais, pensadas de maneira a aproximar cada vez mais a tecnologia da educação.

#### 4.7 Categoria VII: Verificar a Veracidade das Informações Consumidas nas RSD

Considerando o acervo acessível no meio digital, questionamos os participantes quanto à veracidade (ou não) das informações que transitam, constantemente, em diversas plataformas na Internet. Buscou-se, também, abordar qual (is) são os mecanismos de verificação conhecidos e utilizados por eles ao acessarem essas informações. Os depoimentos afirmaram que fazem buscas para reconhecer se o fato

realmente aconteceu. Nenhum aluno declarou que não conhece alguma forma de verificar as informações recebidas, como é possível observar nos depoimentos abaixo:

*“Sim. A gente não pode só sair replicando a notícia sem saber a fonte. A gente sempre tem que checar pra saber se de fato é verídico ou não. Ou ver o seu próprio a pessoa envolvida se pronunciou sobre aquilo” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

*“Você acessa sites diversos pra tentar achar...” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Sites confiáveis, tipo o G1” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Normalmente é isso, você ir lá e procurar um pouco daquela notícia e ver se tem alguns sites comentando sobre aquilo, ver a fonte também” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Ver várias perspectivas sobre o mesmo assunto” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

*“Acho que assim, esse negócio de verificar fonte é algo bem atual. Depois do ano passado, que virou febre fake news, aí teve muitas campanhas de conscientização. Teve casos de pessoas que morreram por causa de pessoas que espalharam fake News: ‘Ah, tá traficando criança’, aí vai, encontra a pessoa na rua e matou. Aí, teve campanhas para conscientizar todo mundo e foi algo que foi positivo, porque hoje em dia ninguém mais compartilha algo sem ver. Sempre abre e vai procurando” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

Embora as declarações apontem para o reconhecimento mínimo das informações acessadas, fica evidente que há necessidade de amplificar o nível de criticidade em relação à verificação e avaliação dos conteúdos, das mensagens e das informações difundidas no ciberespaço. Para que isso seja realizado, é preciso considerar – de acordo com BNCC (2018) – a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, que buscam trabalhar novas práticas sociais e de linguagem.

Além disso, é importante incentivar os estudantes a refletir sobre as maneiras de atuar nas redes “de forma ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, gifs, remixes variados etc., em redes sociais ou outros ambientes digitais” (BNCC, 2018, p. 512)

Seguem na mesma perspectiva as políticas e as estratégias da Alfabetização Midiática Informacional – AMI (2013), preconizadas pela UNESCO, que estão balizadas em conceitos que sintonizem e incluam os vários tipos de aquisição de competências (alfabetização) existentes que são reconhecidas na era digital, tais como:

alfabetização no acesso a notícias, alfabetização televisiva, alfabetização computacional, alfabetização no uso da Internet e alfabetização digital.

Tal proposta permite que, na educação, os benefícios sejam alcançados com mais eficiência, a partir de uma mudança nessa área. A AMI vem para impulsionar essa mudança e o uso de Tecnologia de Informação e Comunicação-TIC faz-se oportuna, pois aliando as duas TIC com AMI é possível criar um elo entre a aprendizagem que ocorre na sala de aula presencial e a que ocorre no ambiente digital.

Um aspecto importante a considerar apontado pela BNCC (2018) é que ela tem uma abordagem que fomenta a atuação em vários campos. O campo jornalístico-midiático, por exemplo, é assim caracterizado

Pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo (BNCC, 2018, p. 480).

De acordo com a BNCC (2018) é fundamental promover ações educativas que possibilitem aos alunos conhecer os meios de produção e seleção de notícias e ainda fortaleça sua criticidade em relação às informações veiculadas nos meio digitais. Dessa maneira eles podem construir linhas de raciocínio que permitam opinar e se posicionar em contato com assuntos de relevância social.

As habilidades a serem desenvolvidas neste campo, de acordo com a BNCC (2018) visam facilitar a leitura, escuta, produção de textos em diversos formatos, algo essencial para os jovens do Ensino Médio. Pois, precisam, necessariamente, conhecer formas de checar as informações, conhecer projetos editoriais, saber analisar os dados, as fontes de notícias e os efeitos que elas causam. Também é necessário debater sobre a propagação de notícias falsas e, principalmente, suas causas e consequências nesse universo digital.

Assim, podemos ressaltar a importância de trazer para o campo educacional o papel da mídia para o fortalecimento da democracia e da ética nas redes sociais e fora delas também. O caminho a ser percorrido exige esforço, no sentido de modificar a relação com as mídias por meio de ações pedagógicas flexíveis e inovadoras.

4.8 Categoria VIII: Critério para realizar compartilhamento de informações e mensagens

Questionamos os estudantes sobre como compartilham as informações e mensagens recebidas e acessadas via mídias sociais e quais são mais compartilhadas entre seus pares. Além disso, buscamos saber deles (as) se refletem antes de compartilhar as informações ou se buscam a verdade sobre os elas.

O consumo de informações via RSD é cada vez mais abundante, o espaço virtual está fértil e há produção de conteúdo novo, constantemente. Os jovens passam muito tempo diante das telas do celular, *tablet* ou outro dispositivo eletrônico, nesse sentido, buscamos saber como é feita a avaliação para compartilhamento das mensagens e informações.

É possível notar que os jovens declaram reconhecer a importância de verificar a verdade sobre as informações. No entanto, essa atitude não é pautada no exercício no qual possam, efetivamente, desenvolver habilidade de leitura crítica, como por exemplo, saber reconhecer sites confiáveis, como são elaboradas as notícias, quais são os veículos de comunicação considerados bons e legítimos. Esta ação de leitura e escrita merece a atenção dos educadores no sentido de fortalecer e sofisticar o relacionamento dos alunos com as informações das RSD.

Há evidências que apontam que os jovens não conhecem critérios seguros e consistentes para aplicação de compartilhamento. As decisões se ancoram em motivações e estímulos baseados nos gostos pessoais e não balizadas em reflexões mais profundas sobre isso. Nesse sentido, é importante destacar que as ações alicerçadas na educação midiática se voltam para o aperfeiçoamento da participação desse indivíduo como um cidadão que atua na Internet de maneira responsável e ética. Vejamos os depoimentos a seguir:

*“A gente não pode só sair replicando a notícia sem saber a fonte. A gente sempre tem que checar pra saber se de fato verídico ou não” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

*“A gente vê se o negócio é muito absurdo, a gente olha primeiro a fonte” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Informações muito escandalosas” (IZA, 1º ano, 15 anos).*

*“Tipo o papa tava dançando funk, opa! Parece meio fake news” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Igual aquela notícia que empurraram o pastor lá, o padre, aí eu fui pra Internet pra ver se era verdade ou não, tentar achar o vídeo. É. Eu nem cheguei a compartilhar eu só fui e vi, mas não compartilhei não” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Mas esse aí passou até no jornal não tinha nem como não saber que era...” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Tem dois lados, se for muito engraçado tipo uma notícia... se for um meme ou um vídeo que é engraçado aí você vai compartilhar com a pessoa que acha que é engraçado também, mas pode ter que falou uma notícia, uma informação aí você achou importante e compartilha” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

O ato de ler, criticamente, os textos da Internet, nos seus mais variados formatos, é algo imprescindível para esta geração que vivencia a tecnologia de modo tão particular. Passarelli (2017) afirma que ato de ler é estratégico e a elaboração de sentido feito pelo leitor precisa ser desenvolvida ao nível de consciência leitora. É necessário, também, trabalhar na superação das dificuldades no campo da leitura e na identificação de problemas que impedem seu aprimoramento. As habilidades de leitura, segundo a autora, necessitam ser aprendidas e reaprendidas, constantemente, pois é algo que se consolida na prática continuada.

Na BNCC (2018) encontramos respaldo para afirmar que os estudantes, dentro deste cenário, precisam desenvolver uma visão crítica e ética, que vai além da técnica das TDIC e de suas funções. Torna-se fundamental saber selecionar, filtrar, compreender e produzir, criticamente, sentidos nos vários setores da vida social. Para que isso se concretize, é importante explorar o ambiente virtual com conduta ética e que possam proporcionar espaço para selecionar as informações com foco na produção de novos textos com base nos conteúdos disponível na rede.

Portanto, é crucial para desenvolvimento das habilidades e das competências indicadas na BNCC (2018), que este aluno seja ativo e tenha autonomia no processo de aprendizagem, buscando sempre o protagonismo, sendo fundamental a orientação e a condução do educador para mediar este percurso. Neste sentido, no campo jornalístico-midiático, a BNCC (2108) propõe impulsionar determinadas habilidades que visam aprimorar e refinar a leitura crítica dos estudantes fomentando a análise dos processos de curadoria que existe nas redes sociais. Também propõe discutir e analisar fatos de acontecimentos importantes no meio social de forma a buscar caminhos de verificar as informações por meio de ferramentas adequadas e seguras.

Diante disso, percebemos que neste campo jornalístico-midiático as orientações pautadas na BNCC (2018) constituem ações intencionais que proporcionam que estes jovens possam se servir do conteúdo midiático de maneira mais assertiva e criteriosa. Pois, coloca foco na análise, no debate, na produção e na socialização de informações veiculadas nos meios digitais. Ou seja, é possível que o fortalecimento dessas ações permita que o alunos ampliem cada vez mais seu conhecimento sobre os meios de produção e expressão de notícias, dentro dos mais variados gêneros textuais. Isto faz com que conheçam a relevância e o papel da mídia no meio social.

Desse modo, a BNCC (2018, p. 510) pretende

que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos. Também está em jogo a produção de textos noticiosos, opinativos e a participação em discussões e debates de forma ética e respeitosa.

#### 4.9 Categoria IX: RSD e Relação Parental

Buscamos, por meio dos depoimentos dos alunos, conhecer como os componentes do núcleo familiar interferem ou não nos acessos às RSD. Procuramos por evidências que mostrem se utilizam as mesmas mídias sociais, ou ainda, se há diálogo entre eles sobre o conteúdo, as informações e as mensagens acessadas dentro do espaço virtual.

Podemos inferir, a partir das declarações dos estudantes, que o gerenciamento do conteúdo das mídias sociais, em geral, é feito pelos pais ou responsáveis com retaliações, fazendo apontamentos do que julgam ser inadequado publicar nas RSD. No entanto, há pais ou responsáveis que não utilizam os mesmos espaços virtuais que seus filhos (as) ficando alheios sobre o que acontece no ambiente *on-line*. Não há evidências de uma reflexão mais profunda sobre o que se consome e como são consumidos os conteúdos nos espaços virtuais.

Os estudantes apontaram que seus pais e/ou responsáveis demonstram preocupação com a imagem e reputação de seu filho (a) devido ao tipo de postagens que fazem. Muitas vezes, avaliam estas publicações tendo como base julgamentos morais. Isso faz com que os jovens evitem socializar com seus familiares as postagens que, efetivamente, realizam, utilizando-se de filtros ou outra forma de cercear os conteúdos compartilhados nas RSD.

A falta de interlocução sobre como avaliar o conteúdo das mensagens pode gerar nos jovens conflitos e insegurança sobre o que, como e porque publicar, tendo em vista que a oportunidade de refletir sobre eles está pautada em represálias e/ou sentenças punitivas. Essa via de intervenção merece ser ressignificada, visto que, isso pode somar para dificultar, ainda mais, a relação dos jovens com o mundo virtual, além de não favorecer o campo para uma efetiva educação promissora para atuar nas redes da Internet.

É possível observar que a interferência do universo tecnológico alcança inúmeros setores da vida social. O meio familiar não é excluído desse impacto. Temos que considerar que existem gerações diferentes convivendo e vivenciando a experiência com a tecnologia com visões e interpretações distintas. O fato dos jovens nascidos no final da década de 1990 e início do ano 2000 viverem em um mundo digital, globalizado com acesso à Internet expandido, não significa que possuam maturidade, suficientemente, apurada para ter uma experiência frutífera na rede.

Reconhecemos que o percurso estudantil não é uma tarefa isolada de competência exclusiva na instituição escola. A educação é um direito de todos, prevista em lei constitucional, conforme (BRASIL, 1988). No entanto, é realizada em regime de colaboração pelo Estado e pela família, com a participação e contribuição da sociedade, com o objetivo de promover o desenvolvimento da pessoa para que tenha condições de exercitar sua cidadania.

Neste sentido, a BNCC (2018) aponta em seu bojo, a relevância do reconhecimento das diferenças nas relações no campo da vida pessoal. Os jovens são indivíduos que precisam saber, conscientemente, o lugar do eu, do outro e nós em sociedade. Reconhece as diferentes formas de constituição familiar ancorando-se em princípios de amizade, de cooperação para o conhecimento de si do outro.

A AMI-UNESCO (2013) defende que para o desenvolvimento de políticas e estratégias que alcancem a alfabetização midiática adequada, é necessário que haja colaboração de uma série de organizações e grupos que comunguem de interesses semelhantes com objetivo de fortalecer laços de compreensão dos diferentes pontos de vistas e compartilhamento das responsabilidades. Fizemos o seguinte questionamento para o grupo de jovens: E em relação a família de vocês como é essa relação com as redes sociais e a família? Os pais de vocês interferem nisso? Sabem que redes que vocês usam? Seus pais também usam as mesmas mídias? Como que é essa relação? A seguir os depoimentos dos estudantes:

*“Na minha família é normal, tipo toda a minha família acessa as redes sociais. Em casa é tipo um momento de lazer assim, quase ninguém mexe no celular em casa, mas todo mundo tá por dentro das coisas, tem assunto. Tipo se ela viu uma notícia um vídeo engraçado também aí começa um assunto, mas em casa é 90% nós não mexemos no celular, tem um controle” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“As minhas redes sociais a minha família, tipo o Facebook, minha família toda me tem no Facebook, vê as minha publicação, fala que eu sou louca, às vezes, me manda apagar algumas coisas quando o meme é muito pesado, às vezes, acontece. Sempre assim” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

Foi perguntado ao grupo: “Como é o meme pesado?” A resposta vem a seguir:

*“Agora você fez uma pergunta difícil...” (risos) (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Um meme pesado geralmente é quando, não que eu tenha compartilhado, às vezes, ah zoando um deficiente. E nunca postei isso. Eu nunca postei nada de deficiente, porque eu realmente acho... eu nunca compartilhei porque realmente é muito pesado. Tipo “a escola tá muito difícil, vou virar vadia” minha tia quando viu ficou muito puta da vida e disse “você vai apagar isso aí”, nossa eu quase apanhei. Faz bastante tempo, mas depois disso eu nunca mais...” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Eu não achei legal chamar a minha atenção porque era meme. Eu não ia virar vadia! Eu era bem mais nova, tinha 15 anos na época hoje em dia eu não faço mais isso, porque eu não quero apanhar” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Porque meme é meme! Existe uma coisa que muita gente vê o meme e acha que o meme “ah, eu vou me cortar hoje” não, não tem meme de me corta hoje” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Sei lá, existem memes “ah, eu tô depressivo, vou pular do meio fio e me matar” É meme, cara! Você não explica isso é meme, não é verdade. é só uma coisa engraçada, porque quem vai morrer pulando do meio fio?” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Tem gente que leva muito a sério.” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Leva a sério tudo o que você posta, que veem” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“[...], que nem a minha família, todo mundo acessa. A minha mãe, às vezes, ela me manda apagar um meme não pelo conteúdo, mas pelas coisas que eu coloco na legenda. Porque eu sou muito de debater com todo mundo um tema, ah política, eu vou jogar um milhão de coisa*

*naquilo lá pra provar que eu tô certa, pra mim eu tô sempre certa” (NAY, 1º ano, 15 anos)!*

*“Fala que você votou no Bolsonaro pra você ver” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Nisso... tem um meme que eu compartilhei hoje, eu coloquei um palavrão lá relacionado aquele meme, minha mãe me ligou e falou” Apaga isso, eu não te criei pra isso, você acha?! Eu levei tanto tempo pra construir a minha imagem você vai lá e faz uma coisa dessas?” Eu falei: “Mulher, pelo amor de deus se acalma” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Tá bom, mãe, tô apagando, não me bate, bem assim.” (JOY, 3º ano, 17 anos)*

*“Na minha família todo mundo usa na intenção de... (inaudível) Mais o meu irmão, porque lá só tenho a minha mãe é todo mundo no celular o tempo inteiro até ela agora que ela começou com o namorado aí a gente só fica o dia inteiro nas redes sociais” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

Foi perguntado aos estudantes se alguém intervém em alguma publicação, alguma coisa que você escreve. A resposta apresentada:

*“Não, porque ela só usa WhatsApp e ela não vê as coisas. É no WhatsApp a gente só posta status, né?!” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

*“Ah normal, mas assim... Tem coisa que não pode e tem coisa que pode postar umas coisas assim... Ah... Como que filtra isso aí, o que você pode fazer e o que não pode fazer nas redes. Olha eu posso postar coisas que não dê muita polêmica. Na minha família, tipo, todo mundo tem um lado do PT e do Bolsonaro entendeu? Aí tipo, eu não posso postar coisas assim se não dá muita polêmica. Aí eles começam a discutir lá no Facebook. Já teve muita discussão” (IZA, 2º ano, 16 anos).*

Foi perguntado para outros estudantes do grupo: “Como é a relação com a família e as RSD?”

*“Eles não seguem, não gostam. Não usam” (TAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Pra mim é tranquilo, meus pais também têm acesso as coisas que eu posto, minha mãe posta meme também. De vez em quando, quando eu posto alguma coisa que ela não achou muito legal. Tipo o caso dela que colocou um palavrão na legenda e ela acha muito desnecessário” (PBL, 3º ano, 17 anos).*

“A minha família tem acesso sim. É sério! Principalmente no Facebook e no Instagram eles vêm sim as coisas que eu posto. Sim, eles dão, haha nos meus memes e compartilham”(JVC, 3º ano, 17 anos).

Mais uma vez insistimos para saber se alguém já chamou atenção por causa de alguma postagem feita nas RSD. Os depoimentos seguem na sequência:

“Já. É porque, tipo eu... coloquei um meme no Facebook, compartilhei, eu não me recordo. Minha mãe pediu pra eu explicar pra ela. Isso, o que queria dizer aquilo. Mas depois de eu explicar ela ficou de boa. Aí, ela entendeu, até compartilhou depois” (JVC, 3º, 17 anos).

“Eu não posto nada pra não criar treta. É porque assim, meus pais eles são muito conservadores e super protetores. Aí sempre que eu vou postar um meme ou alguma coisa assim, eu vou no grupo de amigos e posto. Compartilho só com os meus amigos. Sim, na hora que eu vou postar alguma coisa assim eu filtro, porque é meio embaçado” (WLS, 2º ano, 16 anos).

#### Demonstrativo - Categoria IX: RSD e Relação Parental

Ordem	Descrição – relação RSD e Família	Recorrência
1	Familiars intervêm nas postagens e publicações mediante retaliações e fiscalização 	06
2	Família “normal” – uso com controle 	02
3	Familiars interagem com reações, curtidas e compartilhamentos 	02
4	Todos os membros da família usam sem restrições 	01
5	Familiars não usam – somente o estudante 	01
6	Estudante não posta nas RSD para não causar conflito com familiares 	01

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.10 Categoria X: Tempo Destinado às RSD

Nesta categoria buscamos por evidências que mostrem como os estudantes

avaliam o tempo dedicado às mídias e como percebem as interferências causadas na vida social por este fator. Partimos com o seguinte questionamento macro e partir deste outras perguntas foram proferidas: “Em relação ao tempo que vocês usam as redes sociais, quanto tempo você fica na Internet?”

A análise das declarações dos estudantes nos permite depreender que estar conectado é algo comum no cotidiano destes jovens, tendo em vista que a maioria tem o celular como principal dispositivo eletrônico para acessar as redes sociais. Este fator oferece a eles a oportunidade de ficarem conectados dentro das 24 horas do dia.

É possível notar que reconhecem que o tempo dedicado ao ambiente virtual é elevado. Diante disso, seus familiares chamam a atenção para que se desliguem da Internet para realizarem outras atividades *off-line* como, por exemplo, interagir com as pessoas mais próximas. Um estudante declarou não considerar prejuízos em sua vida pelo tempo destinado às mídias sociais. No entanto, apesar da maioria reconhecer alguns prejuízos concretos no dia a dia, não foi mencionado interesse em se afastar das redes, pois todo tempo “livre” estão conectados em alguma rede social.

Os alunos apontaram que percebem que o tempo excessivo conectado à Internet prejudica o sono e a concentração para realizar tarefas e obrigações dentro e fora da escola, em especial, o baixo rendimento nas atividades escolares. Outro ponto importante a destacar diz respeito a necessidade de verificar as constantes notificações veiculadas nas RSD que causam ansiedade e distração, pois a configuração das redes sociais foram criadas para manter as pessoas imantadas a elas por mais tempo possível.

Oportunamente, os depoimentos apontam que parte dos jovens utiliza a Internet para estudar e ler. Ou seja, todas as ações mencionadas pelos jovens, em raros momentos do dia, estão desvinculadas da tecnologia. Nesse sentido, é fundamental refletir sobre essa realidade, buscando encontrar maneiras efetivas de impulsar esta geração para o uso saudável das redes e, ao mesmo tempo, apresentando formas de aproveitar o tempo do seu dia para com atividades *off-line* interessantes e enriquecedoras que podem ser articuladas com as ferramentas tecnológicas, se necessário. A seguir apresentamos os depoimentos:

*“Acho que a família de todo mundo chama a atenção da gente assim pra sair do celular pelo mesmo motivo: “Ah, vai estudar”, “Vem comer”, “Vai lavar a louça”, “Vai passar a sua roupa, limpar casa”, “Vai estudar”. Porque queira ou não, em excesso tudo é ruim e a gente fica muito tempo no celular faz o nosso rendimento escolar cair” (JVC, 2º ano, 17 anos).*

Os alunos foram questionados sobre quanto tempo ficam na Internet e nas redes sociais. Os depoimentos seguem abaixo:

*“Ah, no meu tempo livre, depois que acabo de lavar a louça fazer as coisas domésticas e fazer as minhas atividades. Por dia? Assim, no meu tempo livre eu chego a contar quatro horas e meia a cinco horas, por aí” (JVC, 2º ano, 17 anos).*

*“Eu passo grande parte do meu dia...Depois da aula eu fico até as dez, onze e meia da noite” (PBL, 3º ano, 17 anos).*

*“Vinte três horas e meia (risos)” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

Perguntamos aos estudantes se eles percebem algum prejuízo com isso. Se afeta a vida deles. As respostas a seguir:

*“Não” (NAY, 1º, 15 anos).*

*“Às vezes, eu fico demais no celular, e atrapalha até pra dormir mesmo, dormi pouco tempo porque fiquei no celular” (PBL, 3º ano, 17 anos).*

*“Me prejudica só em separar o tempo, sabe? Porque você tem um tempo pra fazer uma coisa, e um tempo pra fazer outra, um certo tempo, mas o celular tira muito o atenção e você perde muito tempo, só isso” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Olha, é que no momento eu tô... Meu celular tá meio... Ele queimou o touch, e tá bem difícil de mexer, mas quando ele estava bom é bem difícil você calcular, porque venho pra escola, venho no ônibus mexendo, chegou na sala de aula assim... Já aconteceu de já terminei vou mexer no celular, trocou a aula vou de novo, recreio, vou mexer de novo no celular, vou embora mexo no celular, aí chego em casa e vou almoçar. Ai, meu Deus, espera, vou ver uma mensagem. Então fica difícil você calcular todo esse tempo, por mais que eu fale, Ah, seis hora, pode ser seja mais pode ser que seja menos” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“É, mas, às vezes, você está ali dormindo e o celular apita aí você perde mais duas horas, porque você foi olhar o celular e não dormiu. De manhã atraso pra vir pra escola. É. O atraso nosso antes de vir pra escola é o celular. Não é nem que você acordou tarde, é que você acordou cedo aí você foi olhar ali alguma coisa..” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“São seis e quarenta e você sai como? Com o celular na mão...”*

(ALI, 1º ano, 15 anos).

*“Tipo, eu normalmente só uso whats o dia inteiro e eu gosto muito de mexer no computador. Então eu passo mais tempo assistindo vídeo na Internet, mas tipo assim de manhã eu me atraso bastante pra vir pra escola por causa de celular. Vai caindo as mensagens você vai vendo, aí na hora você começa a conversar com o outro guri que está indo pra escola também aí fica nessa. O celular apita, você já olha. Na hora de dormir você está quase dormindo aí apito você vai olhar, não tem jeito. Você vai no instinto e já pega o celular” (NAT, 1ºano, 15 anos).*

*“Sim. É, às vezes, normalmente tem, eu pelo menos a minha opinião meu maior problema com o celular e a minha família é que ,às vezes, eu fico antissocial, então a minha mãe fica brigando comigo, porque eu fico o dia inteiro no quarto sem fazer nada só mexendo no celular lá aí ela fica brava comigo por causa disso” (WLS, 2ºano, 16 a).*

*“É igual você ver livro no celular, você começa a ler o livro, aí, começa “O que você está fazendo?” “O que tem de bom no celular?”“Você não está fazendo nada” “Tô lendo um livro, tô exercitando minha leitura”, aí fala “Sai do quarto, desliga esse celular,” aí chega a ser um problema” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Eu estava vendo uma pesquisa um tempo atrás, que fala que o uso excessivo de celular pode causar tipo um... Um ajuste não correto do celular pode prejudicar tanto o seu psicológico quanto a sua visão porque é muita luz no seu olho. Daí pode prejudicar você, daí tipo quando eu vou usar o pessoal sempre reclama que tá escuro, mas é porque aquela luminosidade eu já estou acostumado, é uma luminosidade que não vai atrapalhar tanto” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

Mais uma vez, salientamos a importância da escola na participação na construção de um novo caminho para a educação em um mundo, altamente, tecnológico. O elemento “tempo” comprova, categoricamente, que os alunos estão expostos a informações e conteúdos abundantes e carecem de orientações para refinar esta relação. A BNCC (2018) oferece propostas pedagógicas integradoras, interdisciplinares que permitem suprir as carências de leitura e interpretação de textos que circulam nas mídias sociais acessados pelos alunos.

Nesse sentido, há um olhar especial para o público juvenil na BNCC (2018) que aspira contemplar as necessidades de desenvolvimento pessoal e social deste indivíduo para exercer sua cidadania. Desse modo os temas devem atender as curiosidades dos estudantes na produção de textos, eventos sociais e culturais com espaço para lazer, por exemplo. Ou seja, é preciso fazer com que este jovem consiga,

Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.” (BNCC, 2018, p. 489)

Coscarelli e Ribeiro (2005) afirmam que:

A escola precisa encarar seu papel, não apenas de transmissora de saber, mas de ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. Para isso é preciso que a escola abra mão de um conteúdo ou uma matéria rigidamente predeterminada, e seja capaz de administrar a flexibilidade exigida daqueles que querem adotar uma postura de construção do conhecimento. (COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, pag. 32)

Tratar as informações das redes sociais dentro do espaço escolar é algo substancial, visto que, isto diminui o distanciamento da tecnologia na escola diante das perspectivas atuais. Freire e Guimarães (2011) asseguram que esta relação precisa proporcionar um contato sofisticado para favorecer a educação intercultural. A construção dessa convivência precisa estar alinhada com conhecimentos e preceitos que permitam que os estudantes reconheçam os direitos e deveres para melhor interação nas RSD.

Demonstrativo– Categoria X – Tempo destinado as RSD

Ordem	Descrição			Recorrência
1	Não sabe precisar quanto tempo fica na rede de Internet			01
2	Fica, aproximadamente, 20 horas conectado			01
3	Todo tempo “livre” está conectado mais de 04 horas diariamente			03
4	Reconhece prejuízo no sono e na concentração para realizar tarefas do dia a dia			03
5	Diminui rendimento escolar			02

6	Ânsia por novas informações/novidades/atualizações	 	03
7	Prejudica a relação como outras pessoas <i>off-line</i>	 	01
8	Não reconhece prejuízo com tempo usado nas RSD	 	01

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.11 Categoria XI: Redes sociais e a relação com a escola

Nesta categoria analisamos, a partir dos depoimentos dos estudantes, como é feita a abordagem de temas relacionados às mídias sociais e como são tratados os conteúdos e informações dentro do universo virtual no ambiente escolar. Buscamos, oportunamente, compreender a relação - redes sociais x alunos x aprendizagem. O diálogo iniciou indagando os estudantes sobre a forma que os conteúdos da RSD são abordados na escola e se há espaço para debates.

A princípio, podemos evidenciar uma problemática que diz respeito a fragilidade de alinhamento pedagógico para lidar com o uso do celular na escola. Com base nas declarações dos alunos, fica visível que quando se trata do uso do celular a abordagem relacionada à tecnologia apresenta-se ambígua e desarticulada. A escola adota medidas que se ancoram em proibições, retaliações e/ou punições para lidar com a presença do celular em seu espaço, logo, todo conteúdo ali acessado, também, fica restrito para aplicar uma intervenção com foco na educação midiática.

De certa forma, isso é compreensível, considerando que o preparo para tratar estas questões ainda é novo e precisa ser colocado em prática, tendo em vista que a BNCC (2018) está disponível para aplicação. Não obstante, é claro que a instituição de ensino precisa superar a ideia de que a tecnologia, em especial, o celular é nocivo para o estudante, tão somente.

No entanto, é preciso reconhecer o “perigo” que os alunos podem estar expostos quando o uso está desvinculado de orientação e reflexão crítica sobre isso. Por outro lado, notar o seu potencial para colaborar na constituição de um sujeito multicultural, é igualmente relevante. Sendo assim, é imprescindível a aplicação de políticas

direcionada para educação midiática, conforme preconiza a AMI-UNESCO (2013).

As declarações apontam que há controvérsia e pouca harmonia na condução pedagógica no tocante ao uso do celular, pois, ao mesmo tempo em que ele é proibido de estar na escola, efetivamente, todos o utilizam. Sendo assim, fica a critério dos professores e dos alunos escolherem o momento oportuno para utilização com foco na aprendizagem. Os alunos reconhecem que há problemas quanto ao uso indevido do celular, mostrando que a ausência de uma estratégia ou regras claras quanto a sua utilização deixa o docente desassistido para lançar mão desse recurso de forma mais produtiva, transversal e interdisciplinar.

Outro ponto relevante a destacar está relacionado a habilidade dos professores para tratar e abordar temas oriundos das mídias sociais. Sendo que, se ele também não é preparado para estruturar suas aulas de forma a explorar a gama de informações circulantes nesse espaço, torna-se mais complicado modificar este cenário. Pois, a atuação do educador é fulcral e indispensável para essa transformação.

Para continuar a análise, os depoimentos seguem abaixo. A principal pergunta para iniciar o debate foi: “E aqui na escola como é essa relação com as redes sociais? Vocês conversam? Alguém aqui na escola conversa sobre isso?”

*“Só sobre meme” (JOY, 3º ano, 17anos).*

*“No meio da conversa assim, do nada a gente solta um meme” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“Aí, a gente começa a discutir sobre aquele meme” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

Perguntamos ao grupo em qual contexto essa conversa acontece se ocorre entre eles ou com o professor. As respostas seguem abaixo:

*“Com o professor” (PBL, 3º ano, 17 anos).*

*“Com o professor sobre notícias” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

*“Depende do professor se ele tolerar aí ele...” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Se ele manjar os memes aí...” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

*“Normalmente é mais com os colegas” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

Os estudantes foram questionados se há na Escola Pascoal Moreira Cabral algum

projeto para tratar de assuntos relacionados com as mídias sociais com os alunos. Também perguntamos se é permitido usar o celular no espaço escolar. Os depoimentos estão na sequência.

*“Acho que pra gente no primeiro ano vai ser difícil (inaudível). Pra mim pelo menos é meio difícil ver isso aí porque praticamente eu cheguei agora, desde que eu comecei a estudar aqui num teve nada” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Não pode nem trazer o celular pra você ter uma ideia” (PBL, 3º ano, 17 anos).*

*“Na verdade o Túlio fala que o celular você pode trazer, pode deixar em cima da mesa assim, só você não estar mexendo nele, não fica mexendo nele. O meu celular fica em cima da mesa o professor sempre tá vendo o meu celular, eu nunca fiquei, assim eu raramente coloco dentro da mochila. Só quando a professora de espanhol que pede” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“A gente que é terceiro ano, eles não, tipo eles não ficam lá “Não mexe no celular, não mexe no celular”. Porque aí tem a pressão, se você sabe o que você tem que fazer. Pra que você vai vir na escola pra mexer no celular. Então a pressão não é tão grande [...]: “Vou tomar o seu celular e a sua mãe vai vir buscar” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“É tipo a gente do primeiro ano, sempre tem um tirando foto com o celular ou do nada começa a tocar música, mas o primeiro ano que chegou agora” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

Lançamos outro questionamento para o grupo: “Vocês percebem que o uso do celular atrapalha em algum momento as aulas?” As respostas dos participantes seguem abaixo:

*“Atrapalha. Porque você não presta atenção na aula, se você fica assim com o celular, você fica parando pra mudar a música, chegou mensagem aí você perde o conteúdo que a professora tá falando” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Por outro lado também é bom, se ela perguntar alguma coisa que ninguém sabe, às vezes, nem ela sabe. Você vai lá, olha o que é” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Se fosse permitido o uso de celular ia ter problema, mas ia ter também uma vantagem pra gente. O professor não sabe o nome de tal palavra, a gente vai lá, olha no celular e...” (AL1, 1º ano, 15 anos).*

*“Isso aí pode, é uso pedagógico aí pode. A maioria dos professores não deixa nem pegar no celular, mas o uso pedagógico é liberado pra escola. Hoje a gente estava discutindo sobre PH na aula de química aí a professora... fizeram uma pergunta e eu não sabia, ela não sabia a resposta, aí eu peguei o celular e fui pesquisar. Isso é um negócio muito bom, mas alguns alunos abusam disso” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“Depende do professor. A gente fala que não pode, mas depende muito do professor. Sempre tem aquele professor que vai liberar o uso assim quando for uso pedagógico que nem ele falou. Na minha sala ocorre muito, da gente tá tendo algumas aulas e vem algumas perguntas viajadas e o professor não saber responder, a gente vai no Google e tira dúvida até mesmo com o professor que precisa olhar na Internet” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Professores que não ligam pra uso pedagógico são poucos professores. Tipo, os únicos professores que eu tô lembrando aqui agora que não deixam pra uso pedagógico são... Joa deixa, eu já usei na aula dele. Cat, que não deixa é a professora de filosofia, o professor de matemática normalmente ele não deixa e... A professora de Inglês” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

Fazer educação com a mídia é desafiador para a escola e para os profissionais da educação. Os esforços são e serão hercúleos. Há muito a se realizar, para a (re) construção de novos caminhos que estimulem a elaboração de propostas pedagógicas mais condizentes com as carências dos jovens imerso no universo digital. Freire e Guimarães (2011) ponderam que para termos uma relação equilibrada com os meios de comunicação é preciso conhecer e aprender a se servir desse meio.

Para os autores “Informação não é conhecimento, precisa se transformar em conhecimento. A mídia é uma escola paralela” (FREIRE e GUIMARÃES, 2011, p. 172, 173). A escola tem a missão de desenvolver o espírito crítico. Ou seja, a instituição escola é catalisadora, ela tem capacidade de calibrar essa engrenagem para que as pessoas possam ser educadas e habilitadas para a informação abundante, considerando a realidade atual. A tecnologia necessita da figura do professor para ser utilizada com maestria a serviço da sociedade.

Podemos inferir que o conteúdo das bases midiáticas precisa ocupar o espaço escolar para que esta interação seja produtiva e edificante para professores e alunos. Isto é, educação para as mídias não é compatível com ações fundamentada em repressão e fiscalização. A mentalidade sobre este tema merece ser refletida e transformada, tendo em vista que com a utilização massiva das RSD novas possibilidades de interação

surtem com elas.

Referenciar a BNCC (2018) para ressaltar a sua importância para o desenvolvimento de uma educação mais condizente com o carência de professores e alunos é certo e seguro. O documento é o alicerce confiável para direcionar esse caminho, principalmente, porque traz o olhar para os jovens do Ensino Médio, pois, tem como foco, na área de Linguagens e suas Tecnologias que propõe:

“[...] ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias. (BNCC, 2018, p. 470).

Para Ochs (2019) oferecer e estruturar o letramento midiático para os alunos possibilita que eles possam acessar, analisar, participar e avaliar as informações de diferentes gêneros textuais, dos impressos, incluindo vídeos e textos da Internet. Isso favorecerá a construção da compreensão do papel da mídia em nosso meio e, certamente, fortalecerá as habilidades de leitura e expressão dos indivíduos em uma sociedade democrática.

#### Demonstrativo Categoria XI – Redes Sociais e a Relação com a Escola

Ordem	DESCRIÇÃO	Recorrência
1	Dialogam sobre conteúdo das mídias (meme) entre os alunos, na maioria das vezes 	02
2	Celular não é permitido no espaço escolar, via de regra 	04
3	Em sala de aula é permitido usar celular para fins pedagógicos, se o professor permitir ou se tiver condições de abordar assuntos das redes sociais. 	04
4	Celular na escola atrapalha pelo uso indevido dos alunos 	02
3	Celular auxilia no aprendizado se fosse permitido pela escola 	03

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.12 Categoria XII: Confiança nas informações das RSD e segurança digital

O diálogo nesta categoria buscou trazer à tona a percepção dos alunos sobre a confiança e credibilidade em relação às informações acessadas nas RSD e, também quanto a segurança nos espaços virtuais. Os alunos foram questionados se confiam nas informações, nas notícias, nas mensagens publicadas nas plataformas de mídias sociais.

Os depoimentos emergiram diversas dificuldades dos estudantes em lidar com a problemática que envolve: (des)-confiança nas informações que circulam nas RSD; direitos e deveres na Internet e; ética e responsabilidade neste universo digital. As evidências apontam que os alunos têm a crença de que as informações propagadas nas redes sociais, em geral, chegam com inverdades e encaram essa situação com desconfiança e dúvidas, pois acreditam que há facilidade de veiculação de notícias falsas. A credibilidade das notícias e informações das redes sociais é vista como suspeita ou problemática.

Podemos depreender que os estudantes apresentam habilidade de leitura pouco desenvolvida para explorar o conteúdo consumido nestas bases, tento em vista que há deficiência de discussão sobre isso na escola, como abordado na categoria XI. Por outro lado, transitam hora no senso de descrença, hora no senso de inocência por acreditarem que não há perigo ou problema sobre essas questões.

Outro aspecto relevante diz respeito à ética, direitos e deveres quanto a participação nas redes, tendo em vista que as ações refletem a noção de cidadania e responsabilidade sobre as postagens e compartilhamentos que podem ser danosos, caso não sejam mensuradas as consequências de certos comportamentos e atitudes.

A pergunta principal foi: “Vocês confiam nas informações que acessam nas RSD?” Os depoimentos seguem abaixo:

*“Não. No geral não” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Facebook é foco na vida dos outros, notícias” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Aconteceu, fiquei com pé atrás” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“As fake news que são as notícias falsa que saem. É o que circulam mais estas notícias viajadas, entendeu? Fala que alguém bateu...Tipo saiu sobre Fernando e Sorocaba, parece que saiu que eles dois*

*tinham batido o carro e morrido só que na TV não estava falando nada, mas no Facebook tava, aí eu peguei e falei como?” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Um artista famoso bateu o carro” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Igual negócio do Gugu nem tinha morrido.” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

Nota-se que a importância de explorar com os alunos mecanismos eficientes para averiguar, avaliar, selecionar e estabelecer critérios para compreender as notícias nos mais diferentes formatos, gêneros e veículos de distribuição de informação. Com base na BNCC (2018) pode-se constatar que relevância de colocar este estudante para melhor refletir sobre as informações abundantes que circulam nas redes sociais com que estão relacionados com o campo jornalístico-midiático. Dessa forma, ressalta que:

No Ensino Médio, os jovens precisam aprofundar a análise dos interesses que movem o campo jornalístico midiático, da relação entre informação e opinião, com destaque para o fenômeno da pós-verdade, consolidar o desenvolvimento de habilidades, apropriar-se de mais procedimentos envolvidos na curadoria de informações, ampliar o contato com projetos editoriais independentes e tomar consciência de que uma mídia independente e plural é condição indispensável para a democracia. (BNCC, 2018, p.495)

Seguimos e perguntamos ao grupo se conhecem casos de pessoas que foram vítimas de notícias falsas. As respostas seguem abaixo:

*“Minha prima no Facebook, falaram dela que ela tinha sumido, aí os familiares dela... ela não tinha sumido ela estava na casa da amiga dela que tinha avisado” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Tinha fingido o sequestro” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“Mas nem foi notícia falsa a menina mesmo que deu” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Notícia falsa que ela mesma espalhou.” (JOY, 3º ano, 17 anos)*

*“Vi a notícia: AML estava desaparecida. Na fila do lanche olhei pra trás ela estava atrás de mim. Falei: Sua mãe sabe que você está aqui, amada? Ela estava aqui na escola” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

Outro questionamento foi feito ao grupo: “Em relação assim a questão de privacidade segurança nas redes sociais vocês preocupam com isso?” Os depoimentos seguem abaixo:

*“Não tenho coisas importantes, é que nem eu não tenho conta no banco nada que pode ser cartão clonado” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Alguém pegar uma foto sua de quando era pequenininho” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“E fazer figurinha” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

Ao tratar sobre ética nas redes de Internet é necessário também dialogar sobre a liberdade de expressão. As plataformas das redes sociais abriram espaço para participação das pessoas de forma mais livre, agora lá, elas têm voz. Segundo Gabriel (2013), isso é fascinante, entretanto, lamentavelmente, a liberdade, por muitas vezes, é usada de forma irresponsável e perigosa. Isto nos faz pensar na importância de levar para a escola debates pautados na responsabilidade das atitudes dentro do espaço de liberdade permitido nas RSD.

Raciocinar sobre o que dizer, como se expressar, onde falar é muito importante para os jovens para o fortalecimento na construção de uma sociedade digital educada e sadia. Os ambientes digitais são territórios de interação, relacionamento e participação, sendo essencial que o respeito e a ética sejam fortalecidos e exercitados e que sejam exigências indispensáveis para atuação nas redes da Internet.

Para Gabriel (2013) saber ouvir, também, é outra ação importante para validação das informações. Pondera ainda que [...] “com o tempo, as pessoas aprenderão a discernir entre o que se deve ou não ser ouvido, acreditado. Esse processo servirá para autorregular as redes sociais digitais, do mesmo modo que nos autorregulamos nas redes sociais presenciais.” (GABRIEL, 2013, p. 130). A educação é a rota mais segura e assertiva para calibrar e expandir o pensamento sobre questões tão relevantes para toda sociedade.

A mídia intermedia as relações em sociedade, no trabalho, na educação, na informação, na participação cívica, assegura Ochs (2019), nesse sentido, é substancial que as pessoas sejam educadas de forma a saber reconhecer o que é duvidoso, o que é útil, como é elaborado uma notícia, como saber se é confiável ou não uma informação. Também é importante saber ler as nuances dos interesses políticos e comerciais de certas publicações, afirma Ochs (2019). Ou seja, o letramento midiático é fundamental, é vital para intensificar, de forma profícua, o engajamento da sociedade com a mídia e através da mídia.

## Demonstrativo Categoria XII - Confiança nas informações das RSD- segurança digital

Ordem	DESCRIÇÃO		Recorrência	
1	Desconfiam das informações, das mensagens circulantes nas RSD			04
2	Preocupação com segurança e privacidade nas RSD			02
3	Não tem preocupação com segurança e privacidade nas RSD			01

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.13 Categoria XIII: Ações da escola para tratar dos assuntos relacionados às mídias sociais

O diálogo trouxe evidências sobre opinião dos estudantes em relação as ações desenvolvidas ou não pela escola com abordagem que envolve a temática das redes sociais e tecnologia da informação. Podemos inferir que, com base nos depoimentos e declarações dos participantes, que há reconhecimento, por parte dos alunos, de que a escola está distante da tecnologia, o mundo está vivendo imerso a tecnologia, porém no âmbito escolar apresenta-se desalinhada com esta realidade.

Outro ponto interessante, indicado pelo grupo, diz respeito a importância do engajamento da escola por meio da mídia para a integração e articulação com os problemas sociais da comunidade em torno da escola bem como para fomentar ações de ensino e aprendizagem entre os estudantes. As Evidências apontam que há uma inquietação dos alunos no que se refere a segurança digital, exposição e *cyberbullying*.

De forma geral, os participantes indicaram que há escassez de projetos ou atividades que promovam os debate e reflexão sobre as questões e problemas identificados por eles. Ações como palestras foram avaliadas como insuficientes e pontuais, não alcançando a necessidade de letramento para o mundo digital. Além disso, manifestaram, sensivelmente, a importância de se ter, no ambiente escolar, formas de acolhimento e orientação para os assuntos relacionados a *cyberbullying*, direitos e deveres nas redes sociais. É possível notar que os alunos têm a escola como um “porto seguro” e sinalizam que, este lugar, pode recepcionar e auxiliar na resolução de

problemas graves como a violência e crime cibernéticos.

Podemos depreender que a educação midiática ou letramento digital precisa ser algo desenvolvido e regimentado para toda escola com participação e envolvimento de servidores, docentes, alunos e comunidade por meio de ações transdisciplinar, interdisciplinar. Vejamos os depoimentos dos participantes a seguir. O principal questionamento foi: “Vocês acham interessante que a escola tivesse algum projeto para tratar de questões sobre conteúdo mediático? Vocês acreditam que isso seria importante aqui na escola?”

*“Seria importantíssimo, nossa” (JVC, 3º ano, 17 anos)!*

*“Igual essas páginas aqui da escola podia ser bem uma página pra tirar dúvida dos alunos ou divulgar alguma coisa ruim que acontece aqui do bairro” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

*“Eu acho que a escola deveria dar mais atenção pra esses casos de cyberbullying... essas coisas” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“O mundo tá avançando na tecnologia cada vez está entrando mais na nossa vida e parece que a escola não está conseguindo acompanhar essa evolução, não consegue tipo pegar isso, a tecnologia pra poder aumentar o rendimento tanto psicológico como educacional” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“Eles poderiam tá promovendo palestras, e não ficar só na palestra pra educar. Porque, beleza, vamos educar agora, mas, e as pessoas que sofreram antes, poderia ter psicólogos pra conversar” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“O seguinte a escola tem uma equipe de psicólogo aqui gratuito pras pessoas, tipo tenho uma amiga que tem problemas psicológicos” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“Exatamente, por isso que eu acho que eles tinham que dar mais atenção pra isso que acontece porque tem duas páginas no Instagram tacando pau nos alunos a vontade e até agora não derrubaram nenhuma” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Se está acontecendo é porque tem audiência eu creio que se a escola parasse de dar tanta importância pra tipo de coisas as pessoas parariam de postar” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

Diante das falas, percebemos que a relação com as redes de Internet precisa ser refinada, tendo em vista que os estudantes se mostram carecidos de orientações e de processos pedagógicos que os envolvam com a tecnologia digital de forma a

complementar o desenvolvimento humano nos mais diferentes aspectos da vida humana. Gabriel (2013) ressalta que a função do professor muda nesse cenário, sendo importante que a principal habilidade a ser exercida é de escolher a informação mais adequada para cada situação, saber validar, extrair sentidos, pensar e refletir para resolver conflitos.

Na BNCC (2018) traz em seu bojo a definição de competência que almeja, por meio da mobilização de conhecimento e habilidades cognitivas e socioemocionais a promover atitudes e valores que possam auxiliar o indivíduo na resolução de problemas do dia a dia, no pleno exercício da cidadania. Essa ideia articula a necessidade de estabelecer formas de engajar este jovem. Sendo é um grande desafio para a escola, porém necessária, pois os alunos percebem que há possibilidade de utilizar as ferramentas disponíveis para outras finalidades.

Gabriel (2013) afirma que engajamento é agir. Está relacionado a motivar as pessoas para sair de um local confortável para agir e que estabeleçam interação. Isto é função da escola. Sendo necessário abandonar que ideia de que a tecnologia oferece problemas, mas sim acreditar que ela está a serviço do desenvolvimento humano.

Demonstrativo – Categoria XIII Ações da escola para tratar dos assuntos relacionados às mídias sociais

Ordem	DESCRIÇÃO	Recorrência
1	Escassez de projetos ou atividades que promovam debates e reflexão sobre as questões das mídias sociais	05
2	Escola precisa articular com as ferramentas digitais para resolução de problemas sociais e escolares	03
3	Melhor forma de atender as necessidades de acolhimento das vítimas de violência virtual	02



#### 4.14 Categoria XIV: Privacidade, (in) segurança, participação nas mídias sociais, *cyberbullying*, relacionamentos

Nesta categoria abordamos questões que evidenciem a percepção dos participantes em relação ao (re) conhecimento das vias consideradas nocivas, formas de proteção e compreensão das informações que podem gerar danos, ofensas e/ou preconceitos nas vias digitais.

Há evidências inquietantes sobre as dificuldades e sofrimento dos estudantes em relação as possibilidades de ataques, agressões de várias formas e violação aos direitos humanos que são amplificados no ciberespaço. A sensação de medo e insegurança dos jovens tocou, intensamente, nossa emoção, revelando a urgência de amparar e educar os jovens para manter a saúde física e emocional neste mundo, altamente tecnológico.

Os depoimentos apontam que os alunos testemunharam e têm experiências constantes de importunação e humilhação virtual. Como a Internet permite a criação de perfil nas redes sociais que foi construído para dar dinamismo na comunicação entre as pessoas e facilita a personalização da imagem do indivíduo na rede, é muito comum a exposição de fotos neste ambiente. No entanto, os relatos indicam que a participação dos jovens está quase sempre ameaçada por outros perfis criados para atacar a reputação e a imagem destes nas RSD.

Desse modo, podemos perceber que a repercussão das ofensas dentro da rede se estende para fora dela. Como nos relatos de agressões *on-line* que atingem os familiares dos jovens que reverberaram em desavença pessoal *off-line*. Estes fatos prejudicam a convivência entre as pessoas bem como a relação dos alunos com tecnologia, tendo vista que, o sentimento de insegurança e medo, faz com que procurem, ingenuamente, formas de se proteger dos ataques e ameaças virtuais que, efetivamente, não se mostram eficazes para isso. Um estudante declarou não se sentir incomodado com a possibilidade de serem vítimas de agressões nas RSD por acreditar que isso não tem solução.

Os relacionamentos sérios como namoro e amizades dentro da Internet foram relatados com entusiasmo pelos jovens, embora os depoimentos revelem que estabeleceram contatos que foram bem sucedidos, reconhecem que estavam passíveis de todo tipo de violência nas RSD e fora delas também. Lamentavelmente, isto ganha mais potência e amplificação nas RSD dado o dinamismo e capacidade de estabelecer laços em grupos ou comunidades.

Nessa perspectiva, notamos que a relação interativa dos jovens no espaço digital está vulnerável e carece de intervenção que possa favorecer um contato com experiências baseadas em empatia, conhecimento de direitos e deveres, formas e locais adequados para denunciar crimes cibernéticos. Além de ações reguladas no respeito e ética para conviver em redes sociais e fora desse espaço. Tendo em vista que estes fatos acontecem de forma presencial também. O principal questionamento foi: “Vocês se sentem seguros no ambiente virtual para interagir? Conhecem pessoas que sofreram agressão nas RSD? Conhecem formas de denunciar crimes cibernéticos?” A seguir os depoimentos dos estudantes:

*“Por exemplo, em uma dessas páginas eles pegaram a foto de uma menina e colocaram lá! Na foto é bonita, mas pessoalmente, é outra coisa. Isso é uma coisa que abala a pessoa, afeta muito” (JVC, 3º ano, 17 anos).*

*“Postaram de mim também, mas não falaram mal” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“E também postaram de mim, mas não falaram mal. Falaram que eu sou legal que eu sou uma boa menina. Mas, realmente postaram da menina aqui da nossa colega e falaram muito muita coisa sobre ela. Coisas desnecessárias. Entendeu? Inventaram história. E tipo ela não expõe a vida dela, não é exposta, ela não vive postando coisa sobre ela. Ela posta mais sobre os cantores que ela gosta (Kei Poper) e só. Mesmo assim ainda conseguiram pegar foto dela, postar foto dela e um monte de gente falando um monte de coisa mentirosa sobre ela” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“Só coloca a legenda e começa” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“É uma página só sobre a escola falar mal ou bem” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Não foram amigos que falaram eles criaram a página aí uns pegaram foto de outros alunos e mandaram lá, eu acho essa pessoa é ridícula, falsa e não sei mais o que, eles só postavam lá” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“E que é assim no Instagram, aí tem como você mandar o direct mensagem de uma pessoa pra outra no Instagram e essa conta tipo. O André é dono do anônimo aí o José vai lá e manda pra ele falando de mim José mandou pra ele uma foto minha e fala bem assim “eu não gosto dela porque ela é isso e isso.” O André só e o intermediário, ele só vai lá e posta, mas quem mandou falar mal foi outra pessoa. O André esconde o José, então, eu não sei quem está falando de mim a conta anônima do André que vai lá e fala é desse jeito que funciona essa página” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

É notório que os participantes demonstram com estas falas suas angústias e sofrimentos ao testemunharem ofensas virtuais e quanto ficam intranquilos com a possibilidade de serem vitimados com calúnias, como aconteceu com outros estudantes da escola Pascoal Moreira Cabral. Fica evidente a percepção deles sobre as dificuldades para enfrentar e resolver essa problemática que afeta, diretamente, o emocional da pessoa.

Diante disso o grupo foi questionado: “Vocês se sentem seguros com isso? O que fazem para evitar isso?” As respostas seguem na sequência:

*“Nem um pouco segura, minha amiga. Não divulgo nada porque a minha amiga ela fez um logotipo e colocou uma foto do mês só que ela colocou só pros amigos íntimos verem. Ela não postou pra todo mundo ver e um desses amigos íntimos, que se faz de falso, foi lá e postou nessa página e era uma foto dela tipo com roupa íntima, mas ela colocou no logotipo só pra amigos vê, entendeu? Alguém foi lá e expos pra todo mundo ver. Parentes dela viram todo mundo viu pessoas desconhecidas iam lá e comentavam coisas escrotas sobre ela, sobre o corpo dela. [...]então eu não uso Facebook por isso eu não gosto das contas do Instagram só Youtube, “fatos desconhecido”, “você sabia”. Por isso porque eu não gosto desses comentários idiotas que as pessoas fazem a respeito de si por isso que eu não posto nada entendeu? Por isso que me da raiva” (ZAN, 2º ano, 16 anos).*

*“A minha foto do WhatsApp não tem meu rosto tem um como é que fala é só.eu não tinha ..pra saber como é que é ..tipo é só a silhueta só a silhueta da pessoa de casaco ainda pra não saber como é que é. No meu Facebook o meu nome é diferente do meu insta. Só que eu não uso nome próprio de pessoa, eu uso um nome genérico tipo é o tipo que eu estou mais usando agora” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*“A minha irmã se excluiu das redes sociais. Ela tem 17 anos” (ALI, 1º ano, 15 anos).*

*“Olha assim no meu caso nunca aconteceu nada de me expor do lado negativo. É que nem eu falei postaram uma foto minha, mas não falaram nada de mal agora se acontecesse algo assim, gente, eu ia chorar bastante porque fazer alguma coisa ninguém tem como. Porque eu não sei, e no geral quando acontece de ah! Não tem como você ser feliz...vai chorar e aceitar” (JOY, 3º ano, 17 anos).*

*“Olha eu acho que tudo você corre risco se você está em algum lugar você está correndo risco de tudo mesmo que seja foto dele com casaco sem mostrar mesmo que seja silhueta alguém vai tirar fotos suas e vai fazer uma zoada, olha que “mané” não sabe nem tirar foto de qualquer jeito alguém vai falar mal então pra mim eu falo beleza problema é seu se você está implicando comigo, briga sozinho porque eu caguei pra você, eu não ligo muito” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Eu não posto nada sobre a minha vida entendeu? Igual tô indo no shopping, tô indo no baile, eu não posto nada sobre minha vida, e só sabe da minha vida quem é da minha família” (NAT, 1º ano, 15 anos).*

É interessante perceber que, apesar de se sentirem vulneráveis diante da possibilidade de ataques nas redes, os estudantes não demonstram interesse de se afastar, definitivamente, do espaço virtual. As medidas de proteção apresentadas, efetivamente, não oferecem a segurança necessária para impedir que ofensas aconteçam contra eles. Nesse sentido, abordar temas relacionados a direitos humanos, empatia e ética são essenciais para fortalecer valores importantes que se pautem no respeito a si e ao outro. Além disso, fazer com que conheçam caminhos seguros para manifestarem denúncias de crimes cibernéticos é fundamental dentro deste contexto.

Seguimos com o diálogo, perguntamos aos participantes sobre os relacionamentos de amizade e namoro estabelecidos nas redes sociais e se confiam nas pessoas que conhecem neste ambiente. Os depoimentos estão na sequência:

*“Eu faço o seguinte como, às vezes, eu conheço muitas pessoas, pessoas que não tem nenhuma ligação eu pego e conto algumas coisas que preciso contar pra alguém, eu conto pra ela porque eu sei que mesmo que for vazar não vai vazar pra alguém que eu conheço então não vai voltar nada pra mim, é tipo é o seguinte, eu pego uma pessoa que não tem nenhuma ligação com amigo meu nem com um parente meu nada, é o seguinte, eu pego falo pra essa pessoa, mesmo que se ela publicar nas contas delas nas contas que ela tem não vai voltar nada pra mim, no caso ela não tem nenhum contato com amigo meu. Aí tipo eu aprendi como que faço pra me manter tipo anônimo, eu aprendi isso então” (WLS, 2º ano, 16 anos).*

*Eu tinha não sei se dá para considerar amizade virtual, eu conheci uma amiga, a gente ficou um tempinho se falando, a gente se conheceu, ela veio estudar aqui depois muitas pessoas teve contato com ela, super verdadeira AMD” (NAY, 1º ano, 15 anos).*

*“Cara, porque assim, geralmente quando a gente é mais nova a gente tá começando a conhecer sobre rede social eu lembro que quando eu tinha doze, treze, quatorze, semana passada, brincadeira, não eu deveria ter uns doze ou treze anos na época e eu conheci um rapazinho no Facebook o nome dele era Lucas...já superei. Daí a gente se conheceu, aí, tipo curtidão na foto que chamei na época aí a gente trocava muita mensagem. Daí, certo dia eu falei vou passar meu número, na época como se fosse muito tempo... aí, a gente conversava tá ligado e caraca, eu tive um relacionamento duradouro, sério seis meses de namoro...a gente mandava mensagem um pro outro. A gente terminou depois de seis meses, mas claro, não fui estuprada, sua amiguinha e eu deu certo. Mesmo eu sendo super nova, mas teve*

*casos de meninas que namoram virtualmente e, outra coisa, um cara mais velho e acaba matando a menina, acho que deveria ter, sei lá coisas pra proteger esse público” (JOY, 3ºano, 17 anos).*

Gabriel (2013) ressalta a importância do letramento digital para tratar de *bullying* e *cyberbullying*<sup>1</sup>, pois é um problema sério e difícil de resolver. Para a autora é válido explicar para os jovens o que é errado, antiético e mensurar as consequências que podem causar na vida das pessoas, é um via efetiva. Além disso, é essencial trazer para a escola assuntos que possam promover esclarecimentos sobre segurança digital e apresentar os riscos de se fazer distribuição de conteúdo e informações na Internet, completa a pesquisadora.

Com vistas na BNCC (2018), verificamos que o desenvolvimento das habilidades ligadas ao contato com informações e opinião para avaliar a veracidade, confiabilidade na produção de sentidos é válida e importante, porém é preciso avivar e fortalecer o desenvolvimento de habilidades que viabilizem o trato com o debate de ideias e argumentos. De acordo com a BNCC (2018, p.490),

Tal desenvolvimento deve ser pautado pelo respeito, pela ética e pela rejeição aos discursos de ódio. Se, por um lado, trata-se de enfrentar e buscar minimizar os riscos que os usos atuais da rede trazem, por outro, trata-se também de explorar suas potencialidades em termos do acesso à informação, a possibilidades variadas de disponibilização de conteúdos sem e com intermediação, à diversidade de formas de interação e ao incremento da possibilidade de participação e vivência de processos colaborativos.

Considerando as diretrizes da AMI- UNESCO (2013, p.11) que propõe a “Conscientização sobre as responsabilidades éticas da cidadania global”. Aponta para o fomento da “compreensão dos cidadãos sobre os direitos de liberdade de opinião, expressão e comunicação.” Nesse sentido, busca por equilíbrio entre direitos e responsabilidades éticas no campo pessoal e das organizações em relação a mídia e a informação. “Portanto, as responsabilidades éticas e a cidadania global implicam a participação de todos os cidadãos na sociedade para fins mais elevados, que respeitem e

---

<sup>1</sup> O termo *bullying* significa o uso de força ou coerção para abusar ou intimidar outros, de forma intencional repetida, e consiste em três formas básicas de agressão: emocional, verbal e física. A cultura de *bullying* pode se desenvolver em qualquer contexto em que seres humanos interajam uns com os outros, incluindo escolas, igrejas, famílias, ambientes de trabalho, casa e vizinhança. Quando o *bullying* acontece por meio do mundo digital, ele é chamado de *cyberbullying* (GABRIEL, 2013, p. 145).

promovam os direitos dos demais (por exemplo, direito à privacidade, à segurança e de propriedade intelectual)” (AMI-UNESCO, 2013, p.11,12).

Oportunamente, esta pesquisa tem interesse de trazer propostas de ensino que possam favorecer campo fértil para debater e refletir sobre o letramento digital. Sendo assim, colocamos a disposição planos de aula adaptáveis (Apêndice II), com base na plataforma do Educamídia, envolvendo temas atinentes ao presente estudo para que, doravante, profissionais da educação possam aplicá-las no exercício docente, especialmente, da Escola Pascoal Moreira Cabral. Não obstante, a autora desta pesquisa está disponível para desenvolver as atividades apresentadas se assim for necessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas que sustentam esta pesquisa nos conduziram por caminhos que tornassem possíveis responder às indagações sobre a relação dos jovens do Ensino Médio com o conteúdo midiático. Primeiramente, foi preciso considerar que conviver com a tecnologia e suas inúmeras possibilidades de inovação para a vida humana, é desafio ainda recente do ponto de vista histórico. Por isso, as muitas dúvidas e inquietações sobre a maneira de aproveitá-la carecem de constantes pesquisas e discussões.

Partindo do nosso objetivo principal – que foi investigar a influência das redes sociais digitais na formação de opinião dos leitores do Ensino Médio e seus impactos sociais potencialmente relevantes – chegamos a compreender que os jovens estão diretamente influenciados pelas informações e conteúdos consumidos, cotidianamente. Isso ficou evidente nas categorias de análises, principalmente, nas categorias que discutiram o uso produtivo e o prejudicial das RSD. Além disso, ao longo da discussão que propusemos ficou claro que o leitor do século XXI utiliza ferramentas digitais para realizar e facilitar leitura de informações ainda pouco refletidas no espaço escolar. Os jovens compreendem, minimamente, que há uma lacuna no espaço escolar quando se trata do uso das tecnologias; que esse uso deveria fundamentar-se numa compreensão delas que fosse além do mero sentido de usuário.

Isso nos leva a entender que a relação escola x tecnologia x alunos precisa ser sofisticada e refinada, pois é importante que os estudantes aprendam a se servir das informações produzidas e veiculadas nos meio digitais. A participação da escola é crucial para fortalecer essa experiência, que tem o intuito de formar cidadãos mais atentos às intencionalidades dos discursos que consomem.

No que diz respeito aos objetivos específicos, pudemos depreender que essa geração nasce em um contexto altamente tecnológico, que a expõe à diversas formas de conexão com o mundo. Essa exposição oferece dinamismo, celeridade e conforto para gerenciar inúmeras atividades do dia a dia. Não obstante ao fato de os estudantes terem facilidade de manuseio das RSD, verificamos que eles demonstram habilidades pouco desenvolvidas para estabelecer um a relação pró-ativa, saudável e crítica na interação com os conteúdos acessados nessas mídias. Isso aponta para outra problemática evidenciada na análise dos dados, que revelou o quanto a escola precisa ocupar as redes de forma arrojada e inovadora para cumprir sua função de desenvolver o senso crítico

dos estudantes ancorados em valores éticos e democráticos.

Pretendíamos também identificar os temas que mais sofrem influências das redes sociais digitais e compreender como elas interferem na formação de opinião dos alunos da escola pesquisada. À luz das declarações dos alunos, notamos que com o uso frenético das RSD, eles recebem influências em diversos setores da vida social: educação, saúde, relacionamento, engajamento social, entre outros.

Cabe evidenciar que, em contato com as informações circulantes no ciberespaço os estudantes não percebem as nuances de sentidos das narrativas que são revestidas com teor divertido. Isso aponta para outra necessidade substancial, que diz respeito à importância de promover alfabetização ou educação para as mídias. Nesse sentido, nossa discussão indica que a educação precisa compreender essa engrenagem que caracteriza o universo digital. Buscamos compreender como isso se dá em meio aos jovens e entender porque as RSD são fascinantes e conseguem magnetizar tantas pessoas, uma vez que consideramos isso fundamental para elaborar e aplicar novas rotas para educação.

As impressões sobre educação midiática refletidas nesta pesquisa apontam para o carecimento de estratégias pedagógicas capazes de construir habilidades e competências seguras e eficazes a fim de desenvolver cidadãos com senso crítico apurado diante do consumo de informações das bases digitais. Esse processo de construção ou fortalecimento de competências e habilidades requer esforço hercúleo, que envolve políticas educacionais pensadas para este fim. É certo que já temos em mãos a BNCC que oferece itinerários atualizados a serem implementados nas escolas.

Nota-se que o trabalho será árduo e exigirá, além de tempo, comprometimento dos profissionais da educação no sentido de colocar em prática estratégias pedagógicas exequíveis que possam atender ao perfil e às necessidades do estudante do século XXI. Esse aluno(a) nasce em um contexto conectado, plugado e obviamente, carece compreender de forma gradualmente amadurecida, os meios de informação disponíveis, os conteúdos e os hipertextos, em formatos e mídias diversificados. O desenvolvimento dessa habilidade leitora e interpretativa no universo tecnológico precisa, necessariamente, reconhecer que o conhecimento está também além dos limites da escola. Hoje, ele está na palma da mão de qualquer jovem, em qualquer tempo e lugar.

Nesse sentido, torna-se crucial atenuar o distanciamento tecnológico do ambiente escolar, pois isso facilitará os processos de implementação das estratégias que visam edificar as habilidades e competências dos estudantes. Pensamentos que se

pautam em proibições e/ou retaliações, sobre o uso das mídias sociais, precisam ser suplantados, visto que apontam para uma dificuldade da instituição escola em lidar com o tema de forma positiva e educativa.

O caminho para enfrentar a expansão da tecnologia não é compatível com a repressão. Ao contrário, é necessário construir pessoas capazes de utilizar seus recursos com inteligência, maturidade, moderação, equilíbrio e responsabilidade. Isso será alcançado por meio de um esforço que envolva a instituição escola articulada com políticas educacionais planejadas para enfrentar essa problemática, a fim de colaborar com a formação de cidadãos que sejam integrados à tecnologia sem serem escravizados por ela.

Em suma, esta pesquisa contribui para a compreensão desse fenômeno que são as redes sociais digitais. Também nos interpelou a refletir e dirimir a ideia de que a tecnologia não possa favorecer os processos de ensino e aprendizagem. A educação precisa se aliar à tecnologia e se apropriar de suas ferramentas cada vez mais para modificar a convivência dos jovens com ela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 23 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em:<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2020

\_\_\_\_\_. Lei Nº 9.394, de 20 Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 29 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 12.965, de 23 de abril DE 2014. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)> Acessado em: 01 set. 2020

BACKES, Dirce Stein *et al.* **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. ed. rev. e atual. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal. Edições 70. LDA, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. RJ: Vozes, 2012.

BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso . Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15 n. 45 set./dez. 2010

BUENO, Thaisa; Alves, Marcelli; Ferreira, Fernanda Vasques. Interacionismo simbólico como ferramenta teórica e metodológica para o estudo no ciberespaço. **Razón y Palabra**. v. 21, n. 1\_96 jan./mar. 2017, p. 456-475 .

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

CITELLI Adilson. Comunicação e Educação. In: CITELLI, A; BERGER, C; BACCEGA, M, A; LOPES, M, I, V de; FRANÇA, V, V. **Dicionário da Comunicação: escolas, teorias e autores.** São Paulo: Contexto, 2014.

CORTES, Tanisse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira e SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases SciELO e Scopus.** Educ. rev., 2018, vol. 34.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Minas Gerais: Ceale; Autêntica, 2005. Dicionário online de Português. Disponível em:< <http://www.dicio.com.br/rede/> >. Acesso em: 10 maio 2020.

EDUCAMIDIA. Disponível em<<https://educamidia.org.br/>>Acesso em 30 out. 2020

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia.** São Paulo. Paz e Terra, 2011.

GABRIEL, Martha. **Educação a (r)evolução digital na educação.** São Paulo: Saraiva, 2013.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. **Série Pesquisas em Educação.** v.10 – Brasília – DF, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira. **Método de pesquisa.** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.3, n.1, p. 27-46, jan./dez. 2010.

MINAYO. M. C. DE SOUZA - **O Desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_;HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário.** Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18, maio, 2000.

OCHS, Mariana. **Introdução à educação midiática.** 2 ed. 2019 [https://issuu.com/midiamakers/docs/mmpapers\\_1-\\_intro\\_educac\\_a\\_o\\_midia\\_](https://issuu.com/midiamakers/docs/mmpapers_1-_intro_educac_a_o_midia_). Acesso: 17 jun. 2020.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Helio; ANGELUCCI, Alan Cesar Belo Angelucci. **Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas.** V.S. São Paulo, v.1, p. 159-178, jan.-jun, 2014.

PASSARELLI, LÍlian Ghiuro. O papel da leitura na produção de textos: o que revela a análise de necessidades aplicada a primeiranistas de graduação. In: XIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSSE e VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPD/Cátedra UNESCO, 2017, Curitiba. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas, 2017. p. 17306-173020. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25210\\_11986.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25210_11986.pdf)>. Acesso em: 11/10/2020

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes em *weblogs*: proposta de uma taxonomia. **FAMECOS**. Porto Alegre. v.14, nº 32, abril de 2007.

\_\_\_\_\_. Memes e dinâmicas sociais em *weblogs*: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre. Sulina, 2009.

ROCHA, Cristiane, Maria Ferner. **As redes em saúde: entre limites e possibilidades**, 2005. Disponível em: [http://opas.org.br/rh/admin/documentos/Estar\\_em\\_rede.pdf](http://opas.org.br/rh/admin/documentos/Estar_em_rede.pdf). Acesso em: 20 maio 2020

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Claudia Lúcia Landgraf Valério da. **Formação do professor de língua portuguesa para o contexto digital em Mato Grosso**. 2015. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Nádia C. **Web-rádio e gêneros do discurso: Um contexto significativo para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

SILVA, Siony. Redes Sociais e Educação. **Revista Iluminart**. n.5. IFSP, 2010.

SOARES, Magda Becker. **Letramento. Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda Becker. **Novas práticas de Leitura e Escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

THIOLLENT, Michel, 1947- **Metodologia da Pesquisa-ação**. 16 ed. São Paulo: Cortes, 2008. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

VERSUTI, Cristiane Delmondes; ALVES, Mariana Carareto; LELIS, Frascareli Mariane; FERREIRA, Mayra Fernanda. Literacias em Comunicação no Mundo Conectado: uma proposta de mídia-educação a partir de dicas de personalidades nas mídias sociais. **Mimesis**, Bauru, V.37, n.2, p.201-218, 2016.

UNESCO. **Alfabetização Midiática Informacional**. Disponível em:<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy>. Acesso em: 15 maio 2020

## APÊNDICE I

### Roteiro de perguntas para grupo focal

1. Sobre as redes sociais – qual (is) você acessa? Por quê? Saúde, beleza, estética, alimentação, exercícios, políticas, educação, artes, música, entretenimento?
2. As informações que você consome são utilizadas no dia a dia? Como? De qual maneira?
3. Como você se sente após navegar nas redes sociais: Motivado a agir, pensar, opinar sobre o que vê ou lê?
4. Costuma averiguar a veracidade das informações que vê ou consome nas redes sociais? Como você averigua? Você conhece formas/maneiras de verificar/averiguar?
5. Qual critério você usa? Pai, mãe, amigos, blogueiros que segue, viu em algum lugar?
6. Como você avaliar as informações que consome nas redes sociais?

## APÊNDICE II

### ROTEIRO DE AULA

#### AULA 1

**ATIVACÃO: Enquete** - Apresente alguns exemplos de memes e faça uma enquete (se possível use um aplicativo ou algum recurso tecnológico), questionando os alunos:

**1. Este meme é engraçado? É ofensivo? Este meme é informação ou opinião de alguém? Etc.**

Pontos a destacar na discussão:

- Explicar o alcance dos memes e frisar a questão da responsabilidade ao criar, publicar e compartilhar um meme. Discutir os riscos de propagar desinformação e invadir a privacidade de alguém.
- Fomentar uma rápida discussão sobre humor, evidenciar que textos humorísticos e satíricos não precisam ser inofensivos.
- Um meme pode prejudicar a imagem de uma pessoa pública, de uma empresa ou mesmo de pessoas comuns. Quais atitudes precisamos ter diante desse tipo de conteúdo?

#### **DESENVOLVIMENTO:**

**Laboratório de memes** – Forme pequenos entre os alunos e peça que escolham um tema da atualidade entre 2 ou 3 opções oferecidas, ou proponha um tema da disciplina.

Os alunos deverão:

- Elaborar uma mensagem em forma de texto: “A intenção desse meme é nos fazer refletir sobre (...).”;
- Transmitir essa mesma mensagem na forma de meme;
- Adicionar o meme a um ambiente colaborativo (Google Fotos, Slides, PowerPoint ou qualquer outro)

#### **FECHAMENTO:**

**Reflexão: Promover um debate sobre:** O meme pode ser coisa séria? Por quê?

## **AULA 2**

Plano de Aula: é fato ou ‘fake news’- Como combater a desinformação?

### **ATIVACÃO**

Discussão: Questione os alunos se conhecem o fenômeno das “*fake news*”. Sabem exemplificar algum exemplo recente? Ao conhecerem uma notícia falsa o que fizeram? Quem pode ser afetado pela circulação de desinformação?

### **DESENVOLVIMENTO**

**Apresentação:** - Utilizando de slides da aula procure explorar os tipos de desinformação e o que há por trás de cada um. Promova uma discussão sobre as estratégias de avaliação apresentadas. Destaque como são feitas as notícias, desde autoria, propósito, contexto, intencionalidade, veículo de distribuição, etc.

**Atividade:** Distribua entre os alunos algumas notícias, separe em grupos se preferir. Cada grupo pode receber de 3 a 4 notícias, deixe 15 minutos para fazerem a tarefa. Os alunos devem utilizar seus celulares ou usar o laboratório de informática para buscar a veracidade das informações e determinar se as fontes são confiáveis. Várias estratégias são possíveis: determinar a fonte, buscar as palavras-chave ou o título no Google. Essa fase deve ser supervisionada pelo professor. Procure enfatizar estratégias de leitura ao navegar pela Internet para buscar evidências da confiabilidade de determinado site, e não apenas avaliar o próprio site. Utilize a tabela do NewseumEd ou guia de perguntas.

**FECHAMENTO** Solicite que cada integrante do grupo apresente o que aprendeu com a atividade e o que fará daqui para frente quando se encontrar informações que considera uma fake news ou uma desinformação.

**MATERIAIS PARA A AULA** Slides da aula - notícias para verificação (versão Google Slides | versão PDF). Pode ser feitas cópias dos slides para servir como exemplos! Material de referência - avaliando a confiabilidade da informação (NewseumEd)

➤ Adaptado pela Autora da Pesquisa- Paula Viviana Q. Dantas de Assis<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Plano de aula inspirado no site [www.educamidia.org.br](http://www.educamidia.org.br)

### APÊNDICE III

#### Transcrição do Grupo Focal 3 – Realizado em 10/12/2019

Moderadora: O ano em que você estuda, se quiser falar a idade, e diz assim pra mim, e pra todo mundo, quais são as redes sociais que vocês usam e o que mais gosta nessa rede social que você usa. O legal é dar a oportunidade de todo mundo falar nesse primeiro momento, posso espontaneamente ou posso seguir a ordem.

JOY: Espontaneamente.

JVC: Seguir a ordem.

Moderadora: Quem quer falar primeiro?

JOY: Vamos começar por ele, que tá bem engraçadinho né?

Moderadora: Você JVC. Fala o nome, o ano em que você estuda, a idade se você quiser falar e quais são as redes sociais que você mais usa e porque... e o que você mais gosta de ver nessas redes sociais que você mais aprecia, que você mais visita.

JVC: Meu nome é JVC tenho 17 anos, estou no terceiro ano agora e as redes sociais que eu mais uso, são *WhatsApp, Facebook e Instagram*.

Moderadora: Aí, o que você mais gosta nessas redes?

JVC: Meme!

Moderadora: Meme, ok. Quem mais? Próximo. Todos vão falar, o próximo que vai falar?

AL1: Meu nome é AL1, do primeiro ano, as redes sociais que eu mais uso são *WhatsApp e Instagram*.

Moderadora: o que você mais gosta?

AL1: Meme.

Moderadora: Memes. Próximo.

JOY: meu nome é JOY, tô cursando o terceiro ano, tenho 17 anos e as redes sociais que eu mais uso é *WhatsApp, Facebook e Instagram*. Bom, eu gosto de ver a vida dos outros, stalkeio bastante e gosto de ver meme também, só isso.

Moderadora: Quem mais?

TAY: Meu nome é TAY, eu tô no primeiro ano, tenho 16 anos, as redes sociais que eu mais uso é *WhatsApp, Instagram, Facebook, Twitter* e eu vejo a vida dos outros e meme também.

Moderadora: Quer falar IZA?

IZA: Meu nome é IZA, tenho 16 anos, tô no segundo ano, gosto de *Facebook*... gosto de ver meme só isso mesmo.

Moderadora: Mais alguma coisa que você vê de interessante?

IZA: Não...

Moderadora: PBL quer falar?

PBL: Meu nome é PBL, tenho 17 anos, tô no terceiro ano, as redes sociais que eu mais uso é *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* e pra ouvir música...

Moderadora: WLS quer falar?

WLS: Meu nome é WLS, sou do segundo ano. As redes sociais que eu mais uso é *Youtube*, *WhatsApp* e *Instagram*.

Moderadora: E o que você mais gosta de vê nas que você visita.

WLS: Deu tudo.

Moderadora: Fala algumas coisas que você gosta.

WLS: Tá! Meme, gameplay, jogos né?! Esportes, hobbies...

Moderadora: NAT só falta você,

NAT: Meu nome é NAT, tô no primeiro ano, tenho 15 anos e uso o *WhatsApp* e *Instagram*.

Moderadora: E o que você mais gosta nessas redes que você utiliza?

NAT: Eu converso bastante no *whats* e *Instagram* eu só (inaudível).

Moderadora: Então gente, dentro daquilo que vocês... NAY chegou, só um minutinho Rogério, NAY pode sentar-se na ponta.

NAY: Três horas pra mim que começava.

Moderadora: Começamos agora, antes de passar pra próxima agora que você chegou vai ser a última a responder.

NAY: O que?

Moderadora: O nome, o ano em que você estuda, as redes sociais que você mais visita e o que você mais gosta nessas redes.

NAY: Meu nome é NAY, tô no primeiro ano. Atualmente visito *Facebook* e *Instagram* e só memes, né?

Moderadora: Então gente, de acordo com o que vocês falaram esse conteúdo, por exemplo... A maioria falou de memes, dentro desses memes o que você veem de informação que pode ser útil pra vocês. O que vocês veem naquele conteúdo que serve pra alguma coisa?

TAY: Na maioria das vezes tem uma figurinha sobre algum assunto no *WhatsApp*.

JOY: Às vezes, também o conteúdo é de estudo, de escolas que daí acaba sendo engraçado e no geral você não sabe, por exemplo, ano passado logo no período da consciência negra surgiu um meme do Ku Klux Klan e aí muita gente não sabia o que que era o “kkk” aí a partir do meme você pesquisa, você estuda pra você estar informado e saber.

Moderadora: O que mais que já apareceu que pode ser utilizado?

AL1: A sua autoestima também, você olha e quer ser engraçado.

Moderadora: Você acha que melhora a sua autoestima?

JVC: Melhora o nosso dia, porque, às vezes, a gente está passando por algo difícil quando a gente vê um meme ou alguma coisa a gente engraçada realmente melhora

Moderadora: Você se sente melhor é isso?

JVC: Se sente melhor e tira a gente um pouco da realidade tipo...

Moderadora: Quem mais quer falar sobre...

WLS: Se você não conhecer os memes você não vai assim, se enturmar com as pessoas. Porque hoje tudo gira envolta de meme.

NAY: Interação social né?

WLS: Interação social, isso.

Moderadora; IZA quer falar?

IZA: Não...

Moderadora: Os conteúdos que vocês é... Vocês já falaram que provocam motivação, que serve pra estudar... Nesse conteúdo que vocês veem os memes ou, por exemplo, outras coisas mídias... Conteúdos que vocês veem de forma geral, vocês acham que trazem alguma informação, assim que pode ser prejudicial pra vocês? Ou levar vocês a ter informações que não são boas? Vocês sabem falar, reconhecer ou alguma coisa que vocês viram e “poxa isso aqui não é legal”.

NAY: Com certeza.

Moderadora: Do quê?

NAY: Você está falando que essas coisas podem trazer coisas ruins também...

Moderadora: Se vocês conseguem ver isso?

NAY: Sim. Dá pra você perceber e falar poxa isso aqui não é legal, porque tem algumas notícias que *fake news* e outras coisas... Tipo o *Facebook* é muito usado também pra denegrir a imagem de muitas pessoas.

Moderadora: Você lembra de algum fato, de alguma coisa que você viu e pode dar como exemplo, contar. Algo que você viu no *Facebook* ou no *WhatsApp* e não achou legal?

NAY: É que tem muitas coisas. Um exemplo é quando vamos chamar de “petista safado”, quando o neto do Lula morreu tem muita gente que zoou, tem gente que falou “poxa ele tá preso, mereceu”. A criança não tinha nada a ver com o fato que ocorreu com ele. Acho que é outro membro da família e aconteceu uma fatalidade com a criança e começaram a zoar e eu acho isso muito errado.

Moderadora: Quem mais se lembra de alguma coisa assim que marcou, que vocês acharam... Pode ser coisa antiga...

JOY: Tem uma coisa logo no início do *Facebook*, eu não sei se vocês lembra, aquela menina com o sorriso bem bonito aí as pessoas falavam que ela era a menina mais bonita do *Facebook*. Aí, logo após começaram a fazer tipo, memes falando que ela não era tão bonita assim enfim, vários memes contrários e tal. Ela passou por doença psicológica e depressão foi uma coisa bem negativa pra ela, algo que teve efeitos bem colaterais ela teve muito tempo de tristeza. Então foi bem *punk* pra ela.

Moderadora: E vocês meninas? Vocês lembram de alguma coisa que vocês viram em alguma mídias que vocês utilizam? Você NAT? AL1? Alguma coisa que você viu AL1? Os meninos aqui WLS? Então pensando nessa linha que vocês estão falando com coisas prejudiciais nas redes sociais, o que vocês podem levar de positivo que vocês veem nas redes sociais? Coisas que vocês podem aproveitar pra qualquer área da vida de vocês. O que vocês, já que vocês usam muitas mídias, pelo menos duas, o que vocês mais usam, a maioria falou duas, três, quatro que vocês utilizam. Desse conteúdo, vocês falaram agora coisas que não são tão boas, e das coisas boas? O que vocês aproveitam, que vocês acham que vocês podem levar pra alguma coisa assim que seja importante na vida de vocês?

WLS: Como eu mexo bastante no insta eu vejo muitas páginas de diversas áreas. Então lá tem artigo científico, têm lendas, mitos, teorias da conspiração, melhor parte que é, tem... Sempre quando eu vejo alguma coisa assim sobre artigos, mitos assim eu sempre vou pesquisar pra saber o que... o que me chama atenção mesmo é o boato pra saber como que era, como que funciona. Agora, esses tempos atrás eu estava pesquisando bastante sobre política daí no meio da política eu estava vendo algumas coisas do Direito que eu não entendia. Eu fui pesquisar sobre direito, leis aí vai acumulando uma carga de conhecimento de assuntos diversos, então eu acho que isso ajuda bastante.

Moderadora: Você acha que você pode aproveitar isso na escola, no trabalho, por exemplo?

WLS: Sim.

NAY: De repente é uma área pra você investir.

AL1: Da pra aproveitar das redes sociais, uma área que você quer cursar, fazer um curso, um trabalho seu aí você vai pesquisa sobre ele o que você quer saber. Vai ver vídeos de como funciona da pra você tirar algumas vantagens. (, 1º, 15 a)

Moderadora: Alguém aqui vê *Youtube*, que vocês mais veem no *Youtube*?

JVC: Como passar de ano.

JOY: Salvação das provas da galera, vídeo aula.

NAY: Só física, tem um canal de só física.

Moderadora: Vocês usam pra estudar ou pra tirar dúvida?

JOY: Pra tudo né?!

Moderadora: E tem alguém assim que vocês gostam nesse segmento de tirar dúvida pra prova, algum conteúdo que vocês tenham dúvida... Tem alguém que vocês destacam?

JVC: Descomplica.

Moderadora: Descomplica é um canal?

NAY: Joelson, professor Joelson.

JOY: Isso!

NAT: Professor Ferreto também, que é de matemática.

JOY: Além disso, é entretenimento né? Aprendi a fazer comida lá no *Youtube*. JOY

TAY: Eu também. Fui fazer arroz aí eu tinha esquecido, aí fui lá e fiz o arroz.

Moderadora: Foi lá no *Youtube* e achou a receita?

NAY: Tem até de macarrão.

Moderadora: Chamar um pouquinho sobre o que você falou WLS, sobre política que você vai pesquisar alguns assuntos sobre política e vocês o restante? Vocês costumam verificar onde surgiu aquela notícia se ela não traz nenhuma desinformação, alguma coisa?

JVC: Sim. A gente não pode só sair replicando a notícia sem saber a fonte. A gente sempre tem que checar pra saber se de fato verídico ou não.

Moderadora: Como você faz pra... Você está lendo, como vocês fazem pra seguir um caminho pra saber putz essa aqui é uma informação que eu posso ficar seguro e posso compartilhar?

AL1: Você acessa sites diversos pra tentar achar...

JOY: Sites confiáveis tipo G1.

JVC: Ou ter o seu próprio a pessoa envolvida se pronunciou sobre aquilo.

Moderadora: Quem mais? Como faz?

NAY: Normalmente é isso, você ir lá e procurar um pouco daquela notícia e ver se tem alguns sites comentando sobre aquilo, ver a fonte também.

NAT: Ver várias perspectivas sobre o mesmo assunto.

JOY: Acho que assim, esse negócio de verificar fonte é algo bem atual, depois do ano passado que virou febre *fake news* aí, teve muitas campanhas de conscientização. Teve casos de pessoas que morreram por causa de pessoas que espalharam fake News “ah, tá traficando criança” aí vai, encontra a pessoa na rua e matou. Aí teve campanhas por ser, conscientizaram todo mundo e foi algo que foi positivo, porque hoje em dia ninguém mais compartilha algo sem ver, sempre abre e vai procurando.

Moderadora: Vocês compartilham como essas informações? Vocês pensam antes de compartilhar? Que tipo de informações vocês mais compartilham entre vocês?

JOY: A gente vê se o negocio é muito absurdo, a gente olha primeiro a fonte.

Moderador: Qual é o absurdo assim pra vocês?

IZA: Informações muito escandalosas.

JOY: Tipo o papa tava dançando *funk*, opa! Parece meio *fake news*.

AL1: Igual aquela notícia que empurraram o pastor lá, o padre aí eu fui pra Internet pra ver se era verdade ou não, tentar achar o vídeo.

Moderadora: Foi ver se era verdade e depois você compartilhou?

AL1: É. Eu nem cheguei a compartilhar eu só fui e vi, mas não compartilhei não.

NAY: Mas esse aí passou até no jornal não tinha nem como não saber que era...

Moderadora: Como é essa questão o compartilhamento de vocês? Vocês se preocupam se de repente, como é com o meme, por exemplo, vocês acham engraçado, vocês compartilham sem pensar na informação, naquela história ou...?

AL1: Tem dois lados, se for muito engraçado tipo uma notícia... se for um meme ou um vídeo que é engraçado aí você vai compartilhar com a pessoa que acha que é engraçado

também, mas pode ter que falou uma notícia, uma informação aí você achou importante e compartilha.

Moderadora: E em relação à família de vocês assim como é essa relação com as redes sociais e a família? Os pais de vocês interferem nessa no momento de vocês... sabem que rede que vocês usam, os seus pais também usam as mesmas mídias? Como que é essa relação?

AL1: Na minha família é normal, tipo toda a minha família acessa as redes sociais. Em casa é tipo um momento de lazer assim, quase ninguém mexe no celular em casa, mas todo mundo tá por dentro das coisas, tem assunto. Tipo se ela viu uma notícia um vídeo engraçado também aí começa um assunto, mas em casa é 90% nós não mexe no celular, tem um controle.

JOY: As minhas redes sociais a minha família, tipo o *Facebook*, minha família toda me tem no *Facebook* vê as minha publicação, fala que eu sou louca as vezes me manda apagar algumas coisa quando o meme é muito pesado, as vezes acontece. Sempre assim.

Moderadora: Como é esse meme pesado?

JOY: Agora você fez uma pergunta... (risos)

NAY: Deixa baixo porque tá gravando. (risos)

JVC: Depois que desligar a câmera eu mostro. (risos)

JOY: Dá um pause. (risos)

TAY: Corta essa parte. (risos)

JOY: Um meme pesado geralmente é quando, não que eu tenha compartilhado, às vezes, ah zoando um deficiente. E nunca postei isso. Eu nunca postei nada de deficiente, porque eu realmente acho... eu nunca compartilhei porque realmente é muito pesado. Tipo “a escola tá muito difícil, vou virar vadia” minha tia quando viu ficou muito puta da vida e disse “você vai apagar isso aí”, nossa eu quase apanhei. Faz bastante tempo, mas depois disso eu nunca mais...

Moderadora: Mas quem chamou a sua atenção foi a sua mãe ou foi a sua tia?

JOY: Eu não achei legal chamar a minha atenção porque era meme. Eu não ia virar vadia! Eu era bem mais nova, tinha 15 anos na época hoje em dia eu não faço mais isso, porque eu não quero apanhar.

Moderadora: Você acha importante ela...

JOY: Porque meme é meme! Existe uma coisa que muita gente vê o meme e acha que o meme “ah, eu vou me cortar hoje” não, não tem meme de me corta hoje.

PBL: Nossa!

JOY: Sei lá, existem memes “ah, eu tô depressivo, vou pular do meio fio e me matar” É meme, cara! Você não explica isso é meme, não é verdade. é só uma coisa engraçada, porque quem vai morrer pulando do meio fio?

NAY: Tem gente que leva muito a sério.

JOY: Leva a sério tudo o que você posta, que nem...

Moderadora: Fala a...

NAY: Não, que nem a minha família, todo mundo acessa. A minha mãe, às vezes, ela manda eu apagar um meme não pelo conteúdo, mas pelas coisas que eu coloco na legenda. Porque eu sou muito de debater com todo mundo um tema, ah política, eu vou jogar um milhão de coisa naquilo lá pra provar que eu tô certa, pra mim eu tô sempre certa!

AL1: Fala que você votou no Bolsonaro pra você ver.

NAY: Nisso... tem um meme que eu compartilhei hoje, eu coloquei um palavrão lá relacionado aquele meme, minha mãe me ligou e falou “ Apaga isso, eu não te criei pra isso, você acha?! Eu levei tanto tempo pra construir a minha imagem você vai lá e faz uma coisa dessa?” eu falei “Mulher, pelo amor de deus se acalma.”

JOY: “Tá bom mãe tô apagando, não me bate” bem assim.

NAT: Na minha família todo mundo usa na intenção de... (inaudível) Mais o meu irmão, porque lá só tenho a minha mãe é todo mundo no celular o tempo inteiro até ela agora que ela começou com o namorado, aí a gente só fica o dia inteiro nas redes sociais.

Moderadora: Mas ela intervém em alguma publicação, alguma coisa que você escreve?

NAT: Não, porque ela só usa *WhatsApp* e ela não vê as coisas.

Moderadora: O *WhatsApp* fica mais privado?

NAT: É no *WhatsApp* a gente só posta status, né?!

Moderadora: IZA, como é a sua relação com a família e as redes sociais?

IZA: Ah normal, mas assim... Tem coisa que não pode e tem coisa que pode postar umas coisas assim...

Moderadora: O que pode e o que não pode? Dê uns exemplos assim...

IZA: Ah...

IZA: Como que filtra isso aí, o que você pode fazer e o que não pode fazer nas redes.

IZA: Olha eu posso postar coisas que não dê muita polêmica.

Moderadora: Por exemplo?

IZA: Na minha família, tipo, todo mundo tem um lado do PT e do Bolsonaro entendeu? Aí tipo, eu não posso postar coisas assim se não dá muita polêmica. Aí eles começam a discutir lá no *Facebook*.

Moderadora: Já teve uma discussão assim?

IZA: Já, já. Muita.

Moderadora: TAY como que é? Como é a relação das redes sociais com a família?

TAY: Eles não seguem, não gostam.

Moderadora: Eles não usam? Seus pais não usam?

TAY: Não.

Moderadora: Tem irmãos que usam ou não?

TAY: Minha irmã (inaudível)

Moderadora: Ela não usa?

TAY: Não.

Moderadora: Você fica mais isolada?

TAY: Ainda bem.

JOY: Ou mais livre né?!

PBL: Pra mim é tranquilo, meus pais também te acesso as coisas que eu posto, minha mãe posta memes também.

Moderadora: Aí você, ela... Tem alguma intervenção?

PBL: De vez em quando, quando eu posto alguma coisa que ela não achou muito legal.

Moderadora: O que, por exemplo?

PBL: Tipo o caso dela que colocou um palavrão na legenda e ela acha muito desnecessário.

Moderadora: Assim é pesado?

PBL: Sim

Moderadora: E você JVC?

JVC: A minha família tem acesso sim. É serio! Principalmente no *Facebook* e no *Instagram* eles veem, sim, as coisas que eu posto.

Moderadora: Eles compartilham, comentam curte? Como é que é?

JVC: Sim, eles dão, haha, nos meus memes e compartilham.

Moderadora: Mas você já teve alguma... Alguém já chamou a sua atenção por causa da postagem?

JVC: Já.

Moderadora: Conta aí como que foi essa chamada de atenção.

JVC: É porque, tipo eu... coloquei um meme no *Facebook*, compartilhei, eu não me recordo. Minha mãe pediu pra eu explicar pra ela.

Moderadora: O que era aquilo?

JVC: Isso, o que queria dizer aquilo. Mas depois de eu explicar ela ficou de boa. Aí ela entendeu, até compartilhou depois.

Moderadora: Aí ela compartilhou depois que ela entendeu. WLS como que é?

WLS: Eu não posto nada pra não criar treta.

Moderadora: É você já fica mais assim...

WLS: É porque assim, meus pais eles são muito conservadores e super protetores. Aí sempre que eu vou postar um meme ou alguma coisa assim, eu vou no grupo de amigos e posto.)

Moderadora: Aí você usa as redes sociais livre ou?... Quando você fala que você compartilha com os seus amigos...

WLS: Compartilho só com os meus amigos, meus pais..

Moderadora: Você filtra lá?

WLS: Sim, na hora que eu vou postar alguma coisa assim eu filtro, porque é meio embaçado.

Moderadora: Pra que eles não participem assim?...

WLS: É...

Moderadora: E em relação ao tempo que vocês usam nas redes sociais? Tem assim, alguma advertência dos pais, alguma coisa que eles... Vamos falar um pouco sobre isso, como que é essa relação do tempo, as redes sociais e a família.

JVC: Acho que a família de todo mundo chama a atenção da gente assim pra sair do celular pelo mesmo motivo: “Ah, vai estudar”, “Vem comer”, “Vai lavar a louça”, “Vai passar a sua roupa, limpar casa”, “Vai estudar”. Porque queira ou não, em excesso tudo é ruim e a gente fica muito tempo no celular faz o nosso rendimento escolar cair.

Moderadora: Você fica quanto tempo mais ou menos?

JVC: Ah, no meu tempo livre, depois que acabo de lavar a louça fazer as coisas domésticas e fazer as minhas atividades.

Moderadora: Você sabe mais ou menos quanto tempo do dia você fica?

JVC: Por dia?

Moderadora: É.

JVC: Assim, no meu tempo livre eu chego a contar quatro horas e meia a cinco horas, por aí. JVC

Moderadora: Entendi. E pra você como é essa questão? Tempo que fica nas redes sociais e a convivência com a família?

PBL: Eu passo grande parte do meu dia.

Moderadora: Mas assim quantas horas ficam se dedicando as mídias?

JOY: Vinte três horas e meia... (risos).

PBL: Depois da aula eu fico até as dez, onze e meia da noite.

Moderadora: Você vê assim que prejudica? Como afeta a sua vida?

PBL: Às vezes, eu fico demais no celular, e atrapalha até pra dormir mesmo, dorme pouco tempo porque fiquei no celular.

Moderadora: No sono. Tem mais outras coisas que você? JOY e você?

JOY: Olha, é que no momento eu tô... Meu celular tá meio... Ele queimou o *touch* e tá bem difícil de mexer, mas quando ele estava bom é bem difícil você calcular, porque venho pra escola, venho no ônibus mexendo, chegou na sala de aula assim... Já aconteceu de já terminei vou mexer no celular, trocou a aula vou de novo, recreio, vou mexer de novo no celular, vou embora mexo no celular, aí chego em casa e vou almoçar “Ai meu Deus espera, vou ver uma mensagem”. Então fica difícil você calcular todo esse tempo, por mais que eu fale “Ah, seis horas”, pode ser seja mais, pode ser que seja menos.

Moderadora: Tem um horário que você desliga? “Não, não vou usar”.

JOY: Na hora de dormir, né.

Moderadora: Na hora de dormir desliga?

JOY: É, mas às vezes, você está ali dormindo e o celular apita aí você perde mais duas horas, porque você foi olhar o celular e não dormiu.

AL1: Tem que desligar o despertador e...

JOY: De manhã atraso pra vir pra escola...

AL1: São seis e quarenta e você sai como? Com o celular na mão...

JOY: É. O atraso nosso antes de vir pra escola é o celular. Não é nem que você acordou tarde, é que você acordou cedo aí você foi olhar ali alguma coisa...

Moderadora: Distraiu.

AL1: Quando você está fazendo serviço! Você está no serviço aí o celular vibra e você já olha o celular.

JOY: Quando você olha...

AL1: Meia hora depois...

JOY: Cinco minutos pra sua mãe chegar e a louça tá toda suja, eita! Nível *hard*. A minha tia ela fala que eu perco muito tempo no celular, que eu deveria conversar mais com ela aí começa o drama. ...

NAY: Você mora com a sua tia?

JOY: Sim.

NAY: Ah, tá explicado porque a sua tia tá foda hein? Eu lembro que há seis anos a gente não tinha celular, eu e minha irmã, a gente tinha só um computador e aí a minha mãe dava um horário. Era aos sábados e duas horas pra cada no máximo! E a gente ficava lá respeitava “Vamos cuidar do serviço inteiro, a semana inteira certinho, pra quando chegar no sábado a gente vai mexer no computador e vamos jogar altos jogos”. Hoje em dia ela só briga quando ela manda a gente fazer alguma coisa, enrolamos muito tempo aí ela vai lá e fala “Olha, sai desse celular!”. Aí a gente vai lá e faz e volta depois.

Moderadora: Você acha que te prejudica em alguma coisa? Em que sentido esse tempo todo esse numero de horas dedicado as redes sociais te prejudica em alguma coisa, você percebe isso?

NAY: Não.

AL1: Me prejudica só em separar o tempo sabe? Porque você tem um tempo pra fazer uma coisa, e um tempo pra fazer outra, mas o celular tira muito o atenção e você perde muito tempo, só isso.

Moderadora: NAT e você? Como é essa relação da família administrar o tempo das redes sociais?

NAT: Tipo, eu normalmente só uso *WhatsApp* o dia inteiro e eu gosto muito de mexer no computador. Então eu passo mais tempo assistindo vídeo na Internet, mas tipo assim de manhã eu me atraso bastante pra vir pra escola por causa de celular. Vai caindo as mensagens você vai vendo, aí na hora você começa a conversar com o outro guri que está indo pra escola também, aí fica nessa. O celular apita, você já olha. Na hora de dormir você está quase dormindo aí apito você vai olhar, não tem jeito. Você vai no instinto e já pega o celular.

WLS: Por isso eu deixo o meu celular no modo silencioso, no não perturbe porque não chega notificação, não aparece nada.

Moderadora: É mais tranquilo.

TAY: O meu celular não tem barulho nenhum de nenhuma notificação de nada!

WLS: No meu eu silencieiei todas as notificações então não chega nenhuma notificação, só do *WhatsApp*.

Moderadora: Você faz isso no seu dia a dia ou você faz mais por causa da escola?

WLS: Essas coisas me incomodam muito eu sou muito chato com essas coisas.

WLS: Eu tenho TOC também.

WLS: Nossa... toda hora eu tô puxando a aba, eu posso estar fazendo qualquer coisa, coisa nada a ver eu puxo a aba pra ver se tem notificação. Se tiver eu vou ver o que é, então me irrita muito essas coisas.

TAY: Tirei a notificação que me irrita.

JOY: Você está vendo vídeo no *Youtube* e toda hora notificação, meu Deus do céu...

NAT: Quando você está jogando também.

Moderadora: Vocês percebem assim algum prejuízo do tempo excessivo que fica na Internet? Sua família faz alguma coisa?

WLS: Sim. É, às vezes, normalmente tem, eu pelo menos a minha opinião meu maior problema com o celular e a minha família é que as vezes eu fico antissocial, então a minha mãe fica brigando comigo, porque eu fico o dia inteiro no quarto sem fazer nada só mexendo no celular lá, aí ela fica brava comigo por causa disso.

AL1: É igual você ver livro no celular, você começa a ler o livro. Aí começa “O que você está fazendo o que de bom no celular? Você não está fazendo nada” “Tô lendo um livro tô exercitando minha leitura”, aí ela fala “Sai do quarto, desliga esse celular” aí chega a ser um problema.

WLS: Eu estava vendo uma pesquisa um tempo atrás, que fala que o uso excessivo de celular pode causar tipo um... Um ajuste não correto do celular pode prejudicar tanto o seu psicológico quanto a sua visão porque é muita luz no seu áudio, no seu olho. Daí pode prejudicar você, daí tipo quando eu vou usar o pessoal sempre reclama que tá escuro, mas é porque aquela luminosidade eu já estou acostumado, é uma luminosidade que não vai atrapalhar tanto (WLS, 2º, 16 a).

AL1: Na minha casa reclamaram tanto de mexer no celular com a luz apagada, agora só uso com a luz acesa. Não tem mais desculpa.

Moderadora: E a mãe de vocês assim... Quando vocês falam que estão estudando no celular ou no computador, acredita ou fica assim?

AL1: Acredita, porque ela pega o meu celular pra ver.

JOY: Graças a Deus a minha tia acredita, ela fala “Ah, tá estudando então tá beleza”.

Moderadora: E normalmente você está estudando ou não?

JOY: No geral quando eu falo que eu estou estudando, eu estou. Agora, se eu tô ali no *WhatsApp* eu não vou falar que eu tô estudando.

NAY: Meus pais acreditam, mas sempre do uma fugida, porque eu abro duas abas e deixo lá o *Facebook* e a matéria, às vezes, eu dou uma corrida lá e é isso.

NAT: Lá na minha casa a minha mãe sabe que eu tô estudando de verdade porque eu gosto muito de assistir vídeo, eu entendo mais com a pessoa falando do que passando no quadro e tal. Aí eu assisto os meus vídeos e ela escuta o que o vídeo está falando então... Eu não gosto de usar fone, só pra escutar música só.

Moderadora: Aí ela já tá sabendo o que você está vendo.

NAT: Ou quando eu tô no Chrome mexendo, eu tô com o caderno na mão.

Moderadora: E aqui na escola? Como é essa relação com as redes sociais? Vocês conversam? Alguém aqui na escola conversa sobre isso?

JOY: Só sobre meme.

Moderadora: Os memes são utilizados como assim?

WLS: No meio da conversa assim, do nada a gente solta um meme.

AL1: Aí a gente começa a discutir sobre aquele meme.

NAT: É.

Moderadora: Mas isso é no contexto com o professor ou entre vocês?

PBL: Com o professor.

JVC: Com o professor sobre notícias.

AL1: Depende do professor se ele tolerar aí ele...

JVC: Se ele manjar os memes aí...

NAY: Normalmente é mais com os colegas.

Moderadora: Mas aqui na escola tem algum projeto pra vocês participarem de alguma coisa que trabalha as relações das mídias sociais com a educação?

AL1: Acho que pra gente no primeiro ano vai ser difícil (inaudível).

Moderadora: Não entendi AL1.

AL1: Pra mim pelo menos é meio difícil ver isso porque praticamente eu cheguei agora, desde que eu comecei a estudar aqui não teve nada.

Moderadora: Alguém teve alguma experiência nessa escola, de alguém discutir com vocês tudo o que estamos falando aqui, sobre os memes, as *fake news*, o tempo que a gente fica na Internet? Vocês usam com limite aqui na sala de aula também ou não? Não pode usar celular?

Todos: Não, não pode.

PBL: Não pode nem trazer o celular pra você ter uma ideia.

WLS: Na verdade o Tulio fala que o celular você pode trazer, pode deixar em cima da mesa assim, só você não estar mexendo nele, não fica mexendo nele. O meu celular fica em cima da mesa o professor sempre tá vendo o meu celular, eu nunca fiquei, assim eu raramente coloco dentro da mochila. Só quando a professora de espanhol que pede.

NAY: Ela quase embrulha o seu celular no papel.

JOY: A gente que é terceiro ano, eles não, tipo eles não ficam lá “Não mexe no celular, não mexe no celular”. Porque aí tem a pressão, se você sabe o que você tem que fazer, pra que você vai vir para escola pra mexer no celular. Então a pressão não é tão grande de “não fica, não fica. Vou tomar o seu celular e a sua mãe vai vir buscar”.

NAT: É tipo a gente do primeiro ano, sempre tem um tirando foto com o celular ou do nada começa a tocar música, mais o primeiro ano que chegou agora.

Moderadora: Vocês percebem assim que isso atrapalha em algum momento as aulas de vocês essa relação com o celular?

AL1: Atrapalha. Porque você não presta atenção na aula, se você fica assim com o celular, você fica aparando pra mudar a música, chegou mensagem aí você perde o conteúdo que a professora tá falando.

Moderadora: ZAN chegou, pode puxar a cadeira.

AL1: Por outro lado também é bom, se ela perguntar alguma coisa que ninguém sabe, às vezes, nem ela sabe. Você vai lá, olha o que é.

Moderadora: Você fala o professor? Explica melhor isso aí.

AL1: Se fosse permitido o uso de celular ia ter problema, mas ia ter também uma vantagem pra gente. O professor não sabe o nome de tal palavra, a gente vai lá, olha no celular e..

WLS: Isso aí pode, é uso pedagógico aí pode. A maioria dos professores não deixa nem pegar no celular, mas o uso pedagógico é liberado pra escola.

Moderadora: Mas aí vocês... Como que é essa situação dentro da sala de aula?

JOY: Depende do professor.

WLS: Hoje a gente estava discutindo sobre Ph na aula de química aí a professora... fizeram uma pergunta e eu não sabia, ela não sabia a resposta, aí eu peguei o celular e fui pesquisar. Isso é um negócio muito bom, mas alguns alunos abusam disso.

Moderadora: Abusam pra ficar só... Não usando adequadamente?

JOY: A gente fala que não pode, mas depende muito do professor. Sempre tem aquele professor que vai liberar o uso assim quando for uso pedagógico que nem ele falou. Na minha sala ocorre muito, da gente tá tendo algumas aulas e vem algumas perguntas viajadas e o professor não saber responder, a gente vai no *Google* e tira dúvida até mesmo com o professor que precisa olhar na Internet.

Moderadora: Vocês percebem assim, que maioria dos professores aceita melhor ou não?

WLS: Professores que não ligaram pra uso pedagógico são poucos professores.

JOY: Estão extintos esses daí, porque no geral todos os professores usam, sei lá, deixam.

WLS: Tipo, os únicos professores que eu tô lembrando aqui agora que não deixam pra uso pedagógico são...

ZAN: Joa ??????

WLS: Joaquim deixa eu já usei na aula dele. Kar, quem não deixa é a professora de filosofia, o professor de matemática normalmente ele não deixa e...

WLS: A professora de Inglês.

NAT: A professora de inglês deixa.

WLS: Na minha sala ela nunca deixou. A de espanhol também.

JOY: Acho que depende do dia, do professor.

NAY: A gente é da mesma sala e ela deixa sim.

AL1: Pra gente é a de espanhol de geral as outras todas deixam.

Moderadora: Ok gente, mais alguma coisa que vocês queiram falar? Você quer falar alguma coisa? A gente tá falando o seguinte, estamos conversando sobre as redes sociais e os seus colegas já falaram como é esse relação com a família, com a escola com as redes sociais tendo em vista que aqui que a maioria tem acesso a várias redes sociais e bastante tempo também nas redes sociais. Você quer falar um pouco sobre como você relaciona com a família, com a escola nas redes sociais?

ZAN: A minha família e mídia social assim é bem distante tento ao máximo. No máximo o *WhatsApp* é só uma coisa ou outra.

Moderadora: Você tem *Facebook*, *Instagram*?

ZAN: Tenho a conta, mas não uso.

Moderadora: *Youtube* também acessa?

ZAN: Acesso bastante. Só pra uso mais é... Entretenimento e pedagógico também da escola pra ver vídeo aula essas coisas.

Moderadora: Sua família assim, sua mãe limita bastante o uso do celular?

ZAN: Vinte e quatro horas reclamando.

Moderadora: Mas você fica muito tempo, assim nessas vinte e quatro horas fica bastante?

ZAN: Muito.

Moderadora: Mais no *WhatsApp*?

ZAN: É.

Moderadora: No *WhatsApp*. Você não acessa nem uma vez o *Facebook*?

ZAN: Eu uso o *Facebook* pra..

NAT: Pra *stalkear*.

ZAN: Não nem pra *stalkear*, porque *stalkeio* pelo insta, *Facebook* é só...

Moderadora: O que é *stalkear*?

ZAN: *Stalkear* é entrar no perfil da pessoa e fuçar a vida dela.

JOY: Mas pelo *Instagram* é difícil *stalkear*.

Moderadora: Visitar o perfil dela.

JVC: Tem gente que coloca tudo na bibliografia “14 anos, signo...”

JOY: Mas a gente não quer ver o que a pessoa quer mostrar, a gente quer ver...

ZAN: Eu só quero ver a foto da pessoa eu não quero saber muita coisa, por isso eu uso mais o *Instagram*.

Moderadora: E no *Instagram* você vê... Que assuntos você mais gosta? Que você se sente mais atraída?

ZAN: Eu vejo mais a vida dos famosos mesmo quem eu sigo mesmo, tipo o Felipe Neto, esse povo assim porque é o pessoal do *Youtube*.

Moderadora: No *Youtube* eles estão no *Instagram* também?

ZAN: Pode parar de zoar que o Felipe Neto é maravilhoso. (risos)

JOY: A gente já ficou assim...

NAY: Esse ano. Esse ano foi bom pra ele.

ZAN: Maravilhoso, cresceu muito, trocou de mansão.

NAY: Ele é um *Youtuber* que foi muito difamado. Ele falava algumas coisas muito criticando umas coisas que eram positivas aí ele criticava muito essas coisas, mas ele mudou.

ZAN: Ele tinha uma visão, tomou... Fazia críticas pesadas pra chamar atenção porque dava certo. Porque o que dá o que chamar atenção na Internet hoje em dia não é ver a pessoa feliz é ver o fundo da pessoa, a treta. O que mais da *view* é treta, é briga e é isso o que ele fazia, arrumava briga com um monte de gente só que ele evoluiu, ele cresceu o canal dele é o quarto maior do mundo.

JVC: Ele continua fazendo essas críticas, porém ele é *family friendly*.

Moderadora: O que é?

JVC: *Family friendly*. Hoje em dia ele pode criticar as pessoas e detonar as pessoas, só que ele nem fala palavrão.

Moderadora: Deixa eu falar, o que é o pesado que ele falava?

JVC: Ele criticava e xingava, hoje ele só critica mesmo.

NAY: Hoje em dia ele faz umas críticas boas. Esse ano ele fez bastante críticas boas.

Moderadora: Quais são essas críticas boas? Eu queria ouvir vocês falarem a crítica ruim que ele faz e qual é a crítica boa.

JOY: Eu vi um vídeo (inaudível) era um vídeo de dança... Era uma música, o clipe de uma música que tinham pessoas dançando e tinha uma dançarina meio fora do padrão. Ela era mais gordinha e ele ficou falando “Nossa, olha a gorda”, foi pesado.

WLS: Ele gosta muito do humor negro.

ZAN: É bem antigo. Ele fazia esse tipo de coisa entendeu? Ele criticava muito, ele era... Ele mesmo hoje em dia ele tem ainda alguns vídeos antigos no canal dele, os primeiros vídeos, e ele assiste esses vídeos. Ele já fez ele reagindo a ele mesmo e ele fala “Cara, eu era um idiota! Olha só as coisas que eu falava sobre desrespeitar a mulher tudo”. Aí, hoje em dia não, ele defende super, ele apoia o feminismo então.

JOY: Teve até uma ação bonita dele lá que ele distribuiu livros na...

ZAN: Lá na feira do livro. Como é o nome da feira do livro?

JOY: Eu falei na porque eu esqueci o nome.

NAY: Na Bienal?

ZAN: Na Bienal do livro. O prefeito lá de São Paulo. Não sei qual é o nome daquele cara, eu sei que ele pegou e queria mandar retirar todos os livros que continha algum conteúdo LGBT e o Felipe Neto quando ficou sabendo disso foi lá e comprou todos os livros da Bienal, todos! E distribuiu de graça na Bienal pra quem quisesse. Ele ia recolher os livros, o prefeito, porque ele é homofóbico.

Moderadora: E vocês assim...Dessas pessoas que vocês admiram, que vocês seguem o que elas influenciam mais na vida de vocês? Ela contou aí do Felipe Neto, mais alguém que... Você gosta do Felipe Neto também? Você segue?

AL1: Eu gosto do Thiago Ventura.

Moderadora: Então fala um pouco do Thiago Ventura.

AL1: O cara é hilário, mas é a atitude dele também.

NAY: Eu não posso fazer isso, porque eu tô com preguiça.

Moderadora: O que ele fala? O que ele traz?

AL1: É tipo de pessoa que ele é e era não interferiu muito no que ele faz. Tipo, ele era de periferia, pobre tinha uma visão errada assim... Ele faz *stand up* contando a vida dele e isso meio que, ele já falou que o que ele via antes mudou completamente.

Moderadora: Você se sente assim influenciado por essa escolha dele?

AL1: Vendo ele eu vejo que eu tenho que tomar a atitude certa, penso no que eu era antes “Cara, eu tenho que fazer o certo agora”.

Moderadora: O que ele fala?

Moderadora: Você sente assim influenciado?

AL1: Tem que tomar atitude certa pensar o que era antes pra fazer certo

Moderadora: Tem mais *Youtuber*, tem alguém que você segue?

JOY: Eu não conheço muito da vida dos meninos é o Lucas Marques Eduardo: E o Daniel Moura e o Lucas Marques

JVC: É um canal de curiosidades

ZAN: Eles falam sobre tudo, todo conteúdo.

Moderadora: Fala o que é esse tudo?

JOY: História tipo Chernobyl,

ZAN: Ele fala sobre *assassino em série*, sete além.

AL1: é muito sobre o que ele quer fazer, mas sobre o que a gente quer ver.

ZAN: Vai lá e comenta nas redes sociais.

JOY: Tudo... hoje eu quero saber sobre a vida de Hitler o que não está nos livros

AL1: Até mesmo os vídeos pra escola.

Moderadora: E vocês conseguem relacionar algumas coisas que ele coloca lá com alguma coisa na escola?

ZAN: Sim muito.

JOY: Eles são maravilhosos.

ZAN: Eu queria ter três por cento do conhecimento que ele tem saber um pouco de tudo.

WLS: Tem um que eu gosto muito, que são fatos desconhecidos.

TAY- também é bom.

WLS: O que eu mais gosto deles é que eles pegam curiosidades gerais de qualquer tipo que você quer saber tipo medicina, história.

AL1: A vida, teatro.

WLS: Eles pegam sobre mitologia, eu gosto de mitologia.

JVC: Eles falam muitas coisas.

ZAN: O canal deles é muito legal.

JOY: A gente se sente inteligente.

AL1: é que nem tipo, eu vi um vídeo deles, aí tipo o professor comentou sobre ele.

Moderadora: Professor aqui da escola?

ZAN: tipo você sabia aquilo?

JVC: Tipo Chernobyl são muitas coisas.

Moderadora: Pelo que eu estou vendo vocês veem mais coisas produtivas no *Youtube* do que em outros canais?

AL1: Praticamente 85% das redes sociais que a gente vê.

Moderadora: e as outras redes, vocês conseguem aproveitar conteúdo do *Facebook Instagram*?

ZAN: Tem os bolos das minhas tias lá, que elas postam.

Moderadora: E as notícias que saem lá vocês confiam?

ZAN: Não, no geral não.

AL1: Aconteceu, fiquei com pé atrás.

ZAN: *Facebook* e foco na vida dos outros, notícias.

ZAN: As *fake news* que são as notícias falsas que saem.

Moderadora: Você acha que nas redes sociais são mais *fake news*?

ZAN: É o que circula mais essas notícias viajadas, entendeu? Fala que alguém bateu.

AL1: Um artista famoso bateu o carro.

ZAN: Tipo saiu que foi Fernando e Sorocaba, parece que saiu que eles dois tinham batido o carro e morrido só que na TV não estava falando nada, mas no *Facebook* tava, aí eu peguei e falei como?

JOY: Igual negócio do Gugu nem tinha morrido

Moderadora: E na vida de vocês, vocês conhecem alguém que foi vítima dessas notícias?

AL1: Minha prima no *Facebook*, falaram dela que ela tinha sumido, aí os familiares dela, mas ela não tinha sumido ela estava na casa da amiga dela que tinha avisado.

(WLS): Tinha fingido o sequestro.

ZAN: Mas nem foi notícia falsa a menina mesmo que deu.

WLS: Sim.

AL1: Notícia falsa.

JOY: Notícia falsa que ela mesma espalhou...

NAY: Ah! A Emily do primeiro ano

NAY: Vi a notícia da EML estava desaparecida, na fila do lanche olhei pra trás, ela estava atrás de mim.

Todos: (Risos)

NAY: Sua mãe sabe que você está aqui?

JOY: Qual?

NAY: A EML do 1º C, a moreninha.

JOY: Ahh!!!

NAY: Ela estava aqui na escola, sua mãe sabe que você está aqui amada?

Moderadora: Em relação, assim, à questão de privacidade segurança nas redes sociais, vocês preocupam com isso? Com a imagem?

AL1: Não tenho coisas importantes, é que nem eu não tenho conta no banco nada que pode ser cartão clonado.

JOY:..Alguém pegar uma foto sua de quando era pequenininho.

AL1: E fazer figurinha

JOY: Aí a gente sempre vai ocultando a família pra minha tia não fazer comentário porque lá naquela conta vai ter foto zoada sua porque família gosta de fazer isso com a gente.

JOY: Porque eu faço isso, né.

JOY: Eu tenho foto sua bebê.

NAY: Porque se você comentar uma publicação antiga volta –

NAT: Como você...eu vejo muito as pessoas tipo mídia tá ligado, aí elas vão lá.. criaram uma página só pras pessoas .aqui do Pascoal, entendeu? Aí, tipo assim...do *Instagram* ..aí eles ficam vendo a vida de todo mundo fico vendo aquelas coisas né fofoca tem um monte de mentira não tem aí eu vejo que tipo assim as pessoas perguntam porque,às vezes, eu sou meio louco entendeu não posto não falo pó ..entendeu eles não me conhecem então eles não postam nada sobre tipo ..igual do *Facebook*, do *Instagram* você posta muito da sua vida, né. E todo mundo fica sabendo o que você está fazendo, até essas pessoas que gostam de expor o corpo assim, tem bastante nessas páginas, a minha irmã mesmo, já publicaram coisas dela.

Moderador Você acha que ele se expõe mais?

NAT: Ela se expõe.

JOY: Fotos que você postou no seu perfil.

AL1: Só coloca a legenda e começa.

JOY: JVC sabe né, JVC?

JOY: Postaram de mim também, mas não falaram mal.

ZAN: E também postaram de mim, mas não falaram mal.

Todos: (Risos).

ZAN: Falaram que eu sou legal que eu sou uma boa menina.

JVC: Por exemplo, em uma dessas páginas eles pegaram a foto de uma menina e colocara há! Na foto e bonita, mas pessoalmente e outra coisa, isso é uma coisa que abala a pessoa afeta muito, você sabe quem é.

ZAN: Mas realmente postaram da menina aqui da nossa colega postaram e falaram muito muita coisa sobre ela coisas desnecessárias, entendeu. Inventaram história e quando foi ver no *Instagram* essa conta mesmo e tipo ele não se expõe a vida dela não e exposta ela não vive postando coisa sobre ela, ela posta mais sobre os cantores que ela gosta *Kei Poper* e só mesmo assim ainda conseguiram pegar foto dela, postar foto dela e um monte de gente falando um monte de coisa mentirosa sobre ela.

Moderadora: Falando o que? Sobre a colega de vocês?

NAY: É uma página só sobre a escola falar mal ou bem.

NAT: Essa página e de um aluno aqui da escola que ninguém sabe tipo tem muita gente que fica com muita raiva eu mesmo quando vi os caras falando da minha irmã, que é isso, aí já veio um moleque aqui da escola que paga e já fui lá e xinguei o cara fiquei estressado também tipo e uma coisa que os caras falam de você e você fala cara quem é os mano quando souber quem é esse cara vai dar muito rolo na vida dele.

NAY: Não foram amigos que falaram eles criaram a página aí uns pegaram foto de outros alunos e mandaram lá, eu acho essa pessoa é ridícula falsa e não sei mais o que, eles só postavam lá.

ZAN: E que é assim no *Instagram*, aí tem como você mandar o *direct* mensagem de uma pessoa pra outra no *Instagram* e essa conta tipo o André é dono do anônimo aí o José vai lá e manda pra ele falando de mim José manda pra ele uma foto minha e fala bem assim eu não gosto dela porque ela é isso, é isso. O André só e o intermediário ele só vai lá e posta, mas quem mandou falar mal foi outra pessoa o André esconde o José

então eu não sei quem está falando de mim a conta anônima do André que vai lá e fala é desse jeito que funciona essa página.

NAY: Só mostra mensagem.

ZAN: Tinha uma antiga do Pascoal só que como o face caiu tipo agora não tem muito adolescente no *Facebook* é pouca coisa só é *Instagram*.

JVC: Os coordenadores sempre derrubavam.

ZAN: No *Facebook* derrubava.

Moderadora: vocês se sentem seguros com isso?

ZAN: Nem um pouco segura a minha amiga.

Moderadora: Vocês fazem alguma coisa pra evitar isso?

ZAN: Não divulgo nada por que a minha amiga ela fez um logotipo e colocou uma foto do mês só que ela colocou só pros amigos íntimos vê ela não postou pra todo mundo vê e um desses amigos íntimos, que se faz de falso foi lá e postou nessa página e era uma foto dela tipo com roupa íntima, mas ela colocou no logotipo só pra amigos vê entendeu? Alguém foi lá e expos pra todo mundo vê parentes dela viram todo mundo viu pessoas desconhecidas iam lá e comentavam coisas escrotas sobre ela, sobre o corpo dela e isso foi ridículo o dono da página eu não sei se apagou depois desse tipo de coisa que eu não gosto eu paro de usar, então eu não uso *Facebook* por isso eu não gosto das contas do *Instagram* só *Youtuber*, fatos desconhecido, você sabia por isso porque eu não gosto desses comentários idiotas que as pessoas fazem a respeito de si por isso que eu não posto nada entendeu? Por isso que me da raiva

NAY: São quatro.

(WLS): ...a minha do *WhatsApp* não tem meu rosto tem um como é que fala é só ..eu não tinha ..pra saber como é que é ..tipo é só a silhueta só a silhueta da pessoa de casaco ainda pra não saber como é que é

JOY: Certeza você mata a pessoa.

WLS: No meu *Facebook* o meu nome é diferente do meu insta diferente do meu..

WLS: Só que eu não uso nome próprio de pessoa, eu uso um nome genérico tipo é o tipo que eu estou mais usando agora é.

JOY: Agora a gente sabe

risos

WLS: Tinham uma plataforma de jogo...raramente eu posto foto minha alguma coisa assim.

Moderadora e vocês meninos o que vocês fazem nessa situação?

AL1: A minha irmã se excluiu das redes sociais.

Moderadora tem quantos anos a sua irmã?

AL1: 17 anos.

Moderadora e vocês meninas?

JOY: Não entendi a pergunta.

Moderadora: O que vocês fazem com essa situação de segurança da Internet.

JOY: Olha assim no meu caso nunca aconteceu nada de me expor do lado negativo, é que nem eu falei postaram uma foto minha mas não falaram nada de mal agora se acontecesse algo assim gente eu ia chorar bastante porque fazer alguma coisa ninguém tem como porque eu não sei e no geral quando acontece de ah! Não tem como você ser feliz vai chorar e aceitar.

ZAN: Porque a dona da conta no dia por ir lá e apagar ..todo mundo já viu quem que já tirou o print vai continuar divulgando, entendeu?

AL1: Mas, se apaga na Internet.

ZAN:... acho que nunca pegaram pra falar mal mas amigos nosso já sofreram com isso.

NAY: Olha eu acho que tudo você corre risco se você está em algum lugar você está correndo risco de tudo mesmo que seja foto dele com casaco sem mostrar mesmo que seja silhueta alguém vai tirar fotos suas e vai fazer uma zoadinha, olha que mané não sabe nem tirar foto de qualquer jeito alguém vai falar mal então pra mim eu falo beleza problema é seu se você está implicando comigo, briga sozinho porque eu caguei pra você, eu não ligo muito.

NAT: Eu não posto nada sobre a minha vida, entendeu? Igual tô indo no shopping, tô indo no baile, eu não posto nada sobre minha vida, e só sabe da minha vida quem é da minha família.

Moderadora: Vocês têm amigos virtuais assim que vocês nunca viram?

WLS: Tem pessoas que eu conheço que já vi foto, mas nunca, tipo amigo do jogo, eu tenho amigo de São Paulo, de Rondônia de Mato Grosso do Sul,

Todos: Risos

JOY: quem nunca...

WLS: Eu

NAY: Vocês são estranhos.

Todos: Risos

JVC: Rabor é um jogo que a gente cria o avatar um bonequinho ...e conversa com as pessoas.

Moderadora: Faz amizades, namoro também?

WLS: Como se fosse um hotel cada pessoa tem o seu quarto e as pessoas podem ir lá visitar você é isso, você cria uma vida virtual.

NAY: Você pode fazer tudo.

Moderadora: O que é o tudo?

AL1: Agora vai ter que explicar.

NAY: Quem tem dinheiro pra jogar o original ninguém, a gente jogava tudo pirata.

Todos: Risos

NAY: Quem nunca “hackeou” que atire a primeira pedra.

Moderadora: Esses relacionamentos que vocês têm é de amizade, de namoro e são pessoas que vocês nunca viram? Vocês não conhecem pessoalmente?

WLS: Tipo poucas pessoas que eu conheço de outros lugares que nunca vi de uma foto só conversa por chamada o resto tipo foto essas coisas.

ZAN: Eu tinha uma amiga que ela tinha um amigo virtual e eu suspeitava porque ele não mandava áudio ele não mandava foto dele e ele não tinha foto de perfil e eu comecei a suspeita aí eu peguei e falei, eu quero falar com ele achei estranho e comecei conversar, descobri que ele era um *hacker*, ele era tipo ele fazia aquilo pra entrar na conta, ele usou uma conta dela pra falar com outras meninas que ela conhecia, entendeu?

AL1: Você é um *hacker* também.

ZAN: Não, ele era o *hacker* eu só descobri isso porque eu comecei tipo a ela não questionava porque ele não manda áudio não manda foto e ela mandava áudio, ele pedia pra ela mandar áudio, porque ele falava que gostava de ouvir a voz dela aí eu peguei e comecei a conversar com ele pra poder saber até onde, ele pegou e ...

AL1: Simples ele falou.

ZAN: Ele mandou áudio, eu falava não eu não consigo falar com você manda áudio sei lá eu inventava um dia ele mandou eu peguei e vi não era uma menina era um voz de um homem, eu falei isso aqui tá estranho e num simples dia ele pegou, eu acordei, tinha umas quarenta mensagens tava tentando travar meu celular pra não dar tempo deu derrubar as contas tudo e da pra derrubar pelo e-mail essas coisas eu conheço as pessoas que conseguem então, eu descobri que era *hacker* então ela se afastou dele e aconteceu

um monte de coisa, porque tinha foto dela tinha foto de um monte de menina numa conta do face que ele enviava ele difamava essas meninas tudo, ele por conta de conseguir entrar na mente das meninas que era besta ele pegava nude delas um monte de coisa e mandava nessa conta do face por isso que toda vez que fala há tenho um amigo a distância que eu nunca vi, eu falo você já fez chamada? Não nunca fiz chamada, ele já te mandou áudio? Já um rapaz, menos mal, tá ele nunca fez chamada de vídeo, ele nunca atendeu uma chamada sua? Tá estranho, por isso que eu tento não fazer porque eu já sofri com isso entendeu? Já *hackearam* o meu celular, uma pessoa que eu achava que era uma pessoa normal, por isso acabei afastando de fazer amizade com povo...

Moderadora: Geralmente vocês confiam nessas pessoas que são seus amigos?

WLS: Eu faço o seguinte como, às vezes, eu conheço muitas pessoas, pessoas que não tem nenhuma ligação eu pego e conto algumas coisas que preciso contra pra alguém, eu conto pra ela porque eu sei que mesmo que for vazar não vai vazar pra alguém que eu conheço então não vai voltar nada pra mim, é tipo é o seguinte, eu pego uma pessoa que não tem nenhuma ligação com amigo meu nem com um parente meu nada, é o seguinte, eu pego falo pra essa pessoa, mesmo que se ela publicar nas contas delas nas contas que ela tem não vai voltar nada pra mim, no caso ela não tem nenhum contato com amigo meu.

Todos: (Risos).

JVC: A pessoa vai criar um site chamado desabafos do WLS.

Todos: (Risos).

WLS: Quando eu tinha treze a quinze anos eu era viciado em coisa de tecnologia eu sei que pesquisava.

NAY: quantos anos você tem hoje? Quinze anos e meio

Todos: risos

WLS: Aí tipo eu aprendi como que faço pra me manter tipo anônimo, eu aprendi isso então.

ZAN: Nunca use o seu e-mail, nunca use seu nome.

WLS: Por isso eu tenho três e-mails diferentes.

Todos: risos

NAT: Eu jogava, eu tava jogando tipo....cara nunca mais o cara apareceu só que aí já mexia no computador já manjava bastante aí eu fui lá entrei com outro nome, outra foto, entendeu no email lá os cara muito loco.

JOY: O negócio é que é bem polêmico no geral a gente ....família se vocês virem isso me perdoa.

JVC: Eles não vão ver, mas não quer dizer que eu não vá contar.

Todos: risos

JOY: Cara porque assim, geralmente quando a gente é mais nova a gente tá começando a conhecer sobre rede social eu lembro que quando eu tinha doze, treze, quatorze, semana passada, brincadeira, não eu deveria ter uns doze ou treze anos na época e eu conheci um rapazinho no *Facebook* o nome dele era Lucas. Já superei!

ZAN: Lucas é isso mesmo, eu também namorava Lucas virtual.

Todos: risos

JOY: Daí a gente se conheceu, aí tipo curtição na foto que chamei na época, aí agente trocava muita mensagem daí certo dia eu falei vou passar meu número, na época como se fosse muito tempo aí a gente conversava com tipo mensagem normal de celular, tá ligado e caraca, eu tive um relacionamento duradouro, sério seis meses de namoro.

Todos: risos

JOY: A gente mandava mensagem um pro outro.

Todos: risos

JOY: Eu não sei se ele era verdadeiro ou não.

Moderadora: Nunca viu essa pessoa?

JOY: Não

Moderadora: Nem a foto dele?

JOY: foto sim, foto sim.

ZAN: Vocês já fizeram chamadas, usou *Skype*?

JOY: Não, eu era pobre não tinha *webcam* no meu computador, tá ligado?

NAY: Tinha quantos anos? Tem um famoso que chama Alex Mapeli que tinha alguns *Facebook* que usavam a foto dele e fazia igual WLS colocava uns homens lá e uma foto do Alex Mapeli e as meninas ficavam loucas, olha esse menino me mandou mensagem hoje.

JOY: Eu tinha um namoradinho era verdadeiro eu tinha muitas fotos e parecia ser um moleque normal.

ZAN: Ele postava foto com outras pessoas ou somente sozinho?

JOY: Ele postou foto com minha sogra uma vez.

ZAN: Então tá certo.

JOY: A gente conversava e era um relacionamento...a gente brigava quando eu demorava pra responder.

Todos: risos

NAY: Eu não sei se dá para considerar amizade virtual, eu conheci uma amiga, a gente ficou um tempinho se falando, a gente se conheceu, ela veio estudar aqui depois muitas pessoas teve contato com ela, super verdadeira...AMD.

Moderadora: Essa moça conheceu pessoalmente?

NAY: A gente ficou um pouquinho conversando aí eu falei olha eu vou.. foi lá se viu e foi isso ela veio estudar aqui saiu porque não aguentou o tranco, né, fraca.

JOY: A gente terminou depois de seis meses, mas claro não fui dele não fui estuprada sua amiguinha e deu certo eu sendo super nova mas teve casos de meninas que namoram virtualmente e outra coisa um cara super mais velho e acaba matando a menina, acho que deveria ter sei lá coisas pra proteger esse público.

Moderadora: vocês conhecem uma forma de vocês denunciarem essas coisas, vocês sabem onde denunciar? Vocês sabem que existe segurança digital?

WLS: Se você sabe tipo o perfil da pessoa da pra denunciar como tipo um perfil fake.

ZAN: Mas tem que muitas pessoas denuncia pra derrubar.

WLS: Mas mesmo que não precisa ter muitas denúncias se vamos supor no *Facebook* já está desconfiando daquela pessoa basta uma ou duas pessoas ir lá denunciar.

ZAN: Sim, o *Facebook* e muito mais fácil de derrubar as contas agora no *Instagram* demora muito.

NAY: São os mesmos donos hoje em dia que o...bem difícil.

(NAY): Cara ele comprou tudo menos *Snapchat*.

Moderadora: Olha, em relação assim ao que conversamos, o que vocês avaliam assim, o que vocês acham assim, de forma geral, *bullying*... Vocês falaram bastante coisas de forma em geral violência, do estudo.

NAT: Eu acho que tem o lado bom e o lado ruim nem sempre tem e eu já tipo assim o *Youtube* pra mim é tudo. Você não tem como viver sem.. só que lá tem tipo pra mim eu não gosto tipo de ver as notícias ruim que estão acontecendo no mundo, não me interessa nem um pouco, mas tipo quando eu tô triste, rebaixado, eu assisto um vídeo, já começo rir, já volto ao normal, já melhora bastante. Eu gosto de ser engraçado. Eu converso com as pessoas e já tô feliz de novo.

Moderadora: Quem mais aí:

JVC: É assim, bem positivo o uso das redes sociais, porém tem que saber usar, né.

ZAN: Exato.

JVC: Tem que saber usar porque como eu disse mais cedo isso pode atrapalhar nossa vida escolar na nossa relação familiar também.

NAY: É essencial pra essas coisas porque a menina pode há, eu não tô muito bem com a minha mãe um exemplo eu não tô com a minha mãe e depois por causa disso vou conhecer um cara na Internet vou sair com ele e nem sei as coisas sobre ele e nisso ocorre muito abuso sexual, psicológico também.

ZAN: Liga a TV vocês vão ver.

WLS: Roubar órgão também.

NAY: Tráfico humano também.

JVC: A gente falou sobre a *Deep Web*?

NAT: Igual essas páginas aqui da escola podia ser bem uma pagina pra tirar dúvida dos alunos ou divulgar alguma coisa ruim que acontece...Aqui do bairro.

ZAN: Nunca foi isso, porque a descrição da página já e mande suas fofocas quero ver o circo pegar fogo.

Moderadora: Vocês acham assim interessante que a escola tivesse algum projeto pra tratar dessas questões todas que vocês falaram, que tivesse alguma coisa regular pra que vocês pudessem conhecer itens de segurança, conteúdo mediático, vocês acham que isso seria importante aqui na escola?

JVC: Seria importantíssimo, nossa!

ZAN: Eu acho que a escola deveria dar mais atenção pra esses casos de *cyberbullying*, essas coisas.

NAY: Já ocorreu.

WLS: O mundo tá avançando na tecnologia, cada vez está entrando mais na nossa vida e parece que a escola não está conseguindo acompanhar essa evolução, não consegue tipo pegar isso, a tecnologia pra poder aumentar o rendimento tanto psicológico como educacional.

JOY: Eles poderiam tá promovendo palestras, e não ficar só na palestra pra educar, porque beleza vamos educar agora, mas, e as pessoas que sofreram antes, poderia ter psicólogos pra conversar.

WLS: O seguinte a escola tem uma equipe de psicólogo aqui gratuito pras pessoas, tipo tenho uma amiga que tem problemas psicológicos.

ZAN: Depressão?

WLS: Não ela já teve, entrou em contato com a escola que indicou um psicólogo e amanhã vai ser a primeira consulta dela.

ZAN: a [...] diretora da escola me ofereceu também ela falou se você quiser se você não estiver bem se isso continuar porque eu tenho crise de ansiedade muito forte, tipo outro dia eu estava no intervalo do nada eu comecei a chorar e não conseguia parar, ela pegou e falou assim se isso continuar a gente pode te ajudar, mas eu não posso fazer nada se não conseguir falar com seus pais e eu não queria que falasse com a minha mãe porque, minha mãe já tem tantos problemas aí a [...] falou mas a gente pode te ajudar eu posso te ajudar, conheço bem a [...] ela é muito legal, só que aconteceu uma coisa recente com um dos nossos coordenadores, e ele quis justificar o *bullying* que a menina sofreu na Internet, ele justificou dizendo que ela insultou a turma sendo que ela simplesmente ela pós o parecer dela com os do pessoal da gestão ela só expos e ele quis dizer que essa exposição dela foi a justificativa pro *bullying* que ela seguiu, que ela sofreu ele falou que ela tem que melhorar a conduta dela, aí eu falei ele falou isso? Certeza? Ele sempre tratou tão bem os problemas, os meus mesmo que ele acaba sabendo, ele trata tão bem, serio que ele falou isso ela falou sim, foi exatamente isso, aí eu vi ele tratando ela mesmo, ela tava falando comigo logo que ela saiu da sala dele, ele pegou e foi rude comigo e com ela e mandou ela vir pra cá e não falar comigo porque ele sabia que ela estava me contando o que ele tinha falado, toda situação que eu já tinha conhecimento que ela tava sofrendo, que eu de tanto incentivar pra ela, fiz ela subir pra falar com a coordenação pra contar o que estava acontecendo e acabou acontecendo isso, invés dele apoiar ela, eles justificaram o que aconteceu com ela simplesmente.

WLS: Erro da coordenação, você pode ir à SEDUC e falar.

ZAN: Exatamente, por isso que eu acho que eles tinham que dar mais atenção pra isso que acontece porque tem duas páginas no *Instagram* tacando pau nos alunos a vontade e até agora não derrubaram nenhuma.

(?): Derrubaram, sim

(?) Derrubaram umas duas.

ZAN: Simplesmente abandonaram porque começou a crescer as outras não foi que abandonaram tiraram as pessoas falavam que só as fofocas aparecem as páginas tá muito parada como as pessoas não falavam mais eles pararam de publicar não foi derrubado.

WLS: Porque é tipo assim a escola não tinha nada o que fazer, pô.

JOY: Se está acontecendo é porque tem audiência eu creio que se a escola parasse de dar tanta importância pra tipo de coisas as pessoas parariam de postar.

NAY: Mesmo que eles criassem e parassem teriam menos importância teria *cyberbullying* e essas coisas.

Moderadora: Assuntos projetos que vocês possam ter esclarecimento das redes sociais, alguém mais quer falar alguma coisa?

NAY: Faz psicologia e volta pra cá, já sabe os problemas.

Moderadora: Pessoal é o seguinte, é ta dando o nosso horário, porque vai ser 5 horas e vai sair o pessoal do turno da tarde e eu ainda quero fazer o sorteio da cesta que eu trouxe pra vocês de Natal, eu e minha ajudante ali vamos fazer, nos somos em dez, né? Dez, isso, então nos vamos receber os números e sortear eu sei que vocês, olha gente, só tenho cara de pobre, mas eu sou rica, mas só vou comprar uma cesta tá, sou rica mas só comprei uma cesta.

Todos: (Risos).

Moderadora: e agradecer de coração a participação de vocês essa turma é incrível...eu não tenho como agradecer por vocês terem vindo, terem participado dessa conversa que pra mim foi incrível foi maravilhoso vocês são alunos maravilhosos eu sinceramente fiquei emocionada com a participação de vocês no segundo encontro nos tivemos quatorze alunos, também foi ótimo na primeira turma foi menorzinha, mas também foi muito bom, eu agradeço de coração mesmo, a gente vai fazer o sorteio fiquem aí, não saia dai, vai ter o lanche também, tem bolo.